

# **ILUSTRAÇÃO EDITORIAL**

**Prof. Daniel Bueno**



# ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: ARTE & CULTURA

# **ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: ARTE & CULTURA**

**Introdução e Aspectos Históricos – até 1900**



# Ilustração: Arte e Cultura

Nesse Módulo iremos abordar as ilustrações criadas para publicações de vanguarda, cultura, arte e moda.

Vamos também aproveitar o contexto oportuno – caracterizado muitas vezes por textos e ilustrações de leitura mais aberta - para conferir atenção especial a EXPRESSÃO, às inúmeras possibilidades visuais da ilustração, ao seu lado mais experimental e investigativo.

Para facilitar a compreensão de aspectos históricos, iremos dispor os trabalhos em ordem cronológica.

# Método de criação com esboço

Como já foi dito anteriormente, um processo criativo muito comum é aquele baseado na concepção de uma idéia através de sequências de esboços.

Nesse caso, o ilustrador desenvolve várias ideias iniciais em esboços rápidos.

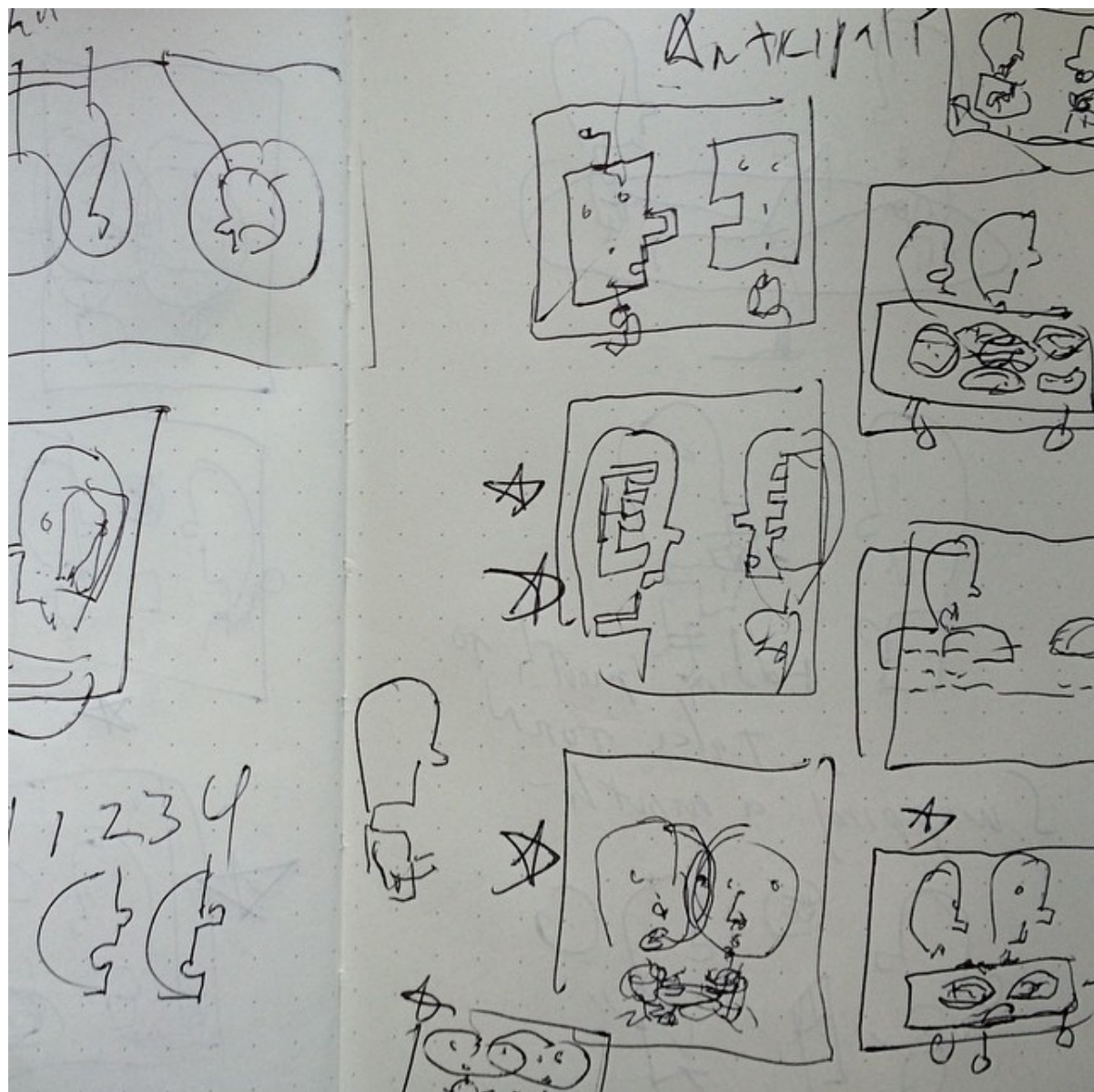
Depois disso, seleciona um ou alguns desses rascunhos e segue aprimorando, até chegar numa proposta para mostrar pro cliente.

# Método de criação com esboço

Após a aprovação do esboço, o ilustrador parte para a finalização.

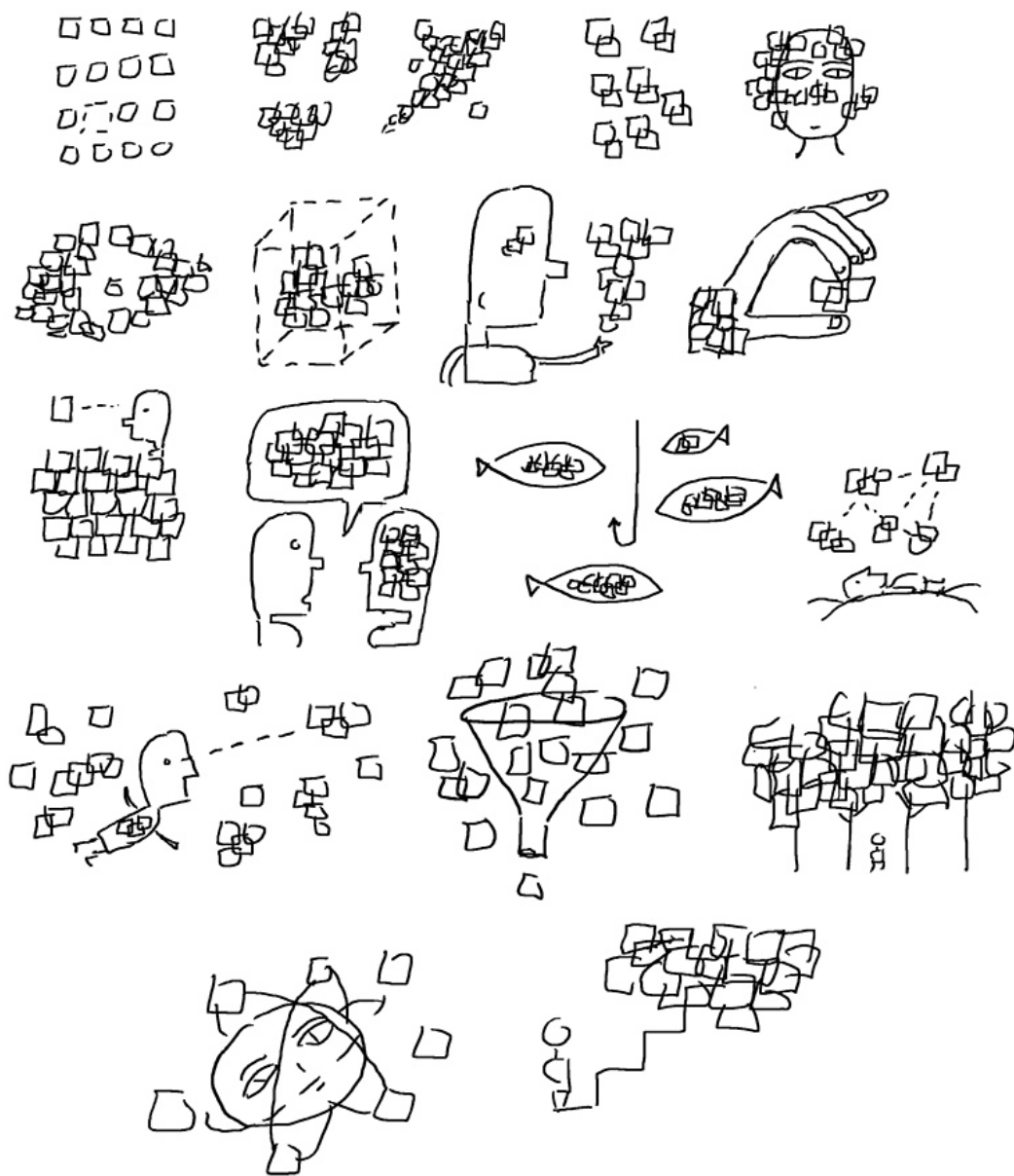
Alguns ilustradores se orientam bastante pelas linhas e composição do desenho. No processo criativo, tentam aprimorar as peculiaridades de suas abordagens e levar seu **vocabulário gráfico** a um novo patamar.

Outros consideram aspectos ainda gerais do esboço e, com desprendimento, experimentam bastante técnicas e formas durante o processo criativo, em busca de grandes surpresas.



Esboços do ilustrador americano James Yang. Reparem nas inúmeras tentativas ao redor de alguns pontos de partida.

1) spots as abstract representations of types of data:



Ao lado, esboços do ilustrador americano James Yang para a revista *Computer World*, artigo intitulado “Data +: Editor’s Choice Awards”, 2015. Acima, uma vinheta finalizada.

# Método de criação sem esboço

Alguns ilustradores não gostam de trabalhar com rascunhos, preferem começar a desenhar às cegas ou com um ponto de partida bastante vago.

É um desenho que envolve grande carga de **intuição**, e que vai – em grande parte - sendo construído à medida que linhas, formas e cores se desdobram na página.

O ilustrador, nesse caso, conta bastante com o inconsciente, com o acaso e “**erros fortuitos**”.

Há a expectativa do aparecimento de **surpresas** e elementos inusitados, que não sairiam naturalmente se tivessem sido meticulosamente planejados.



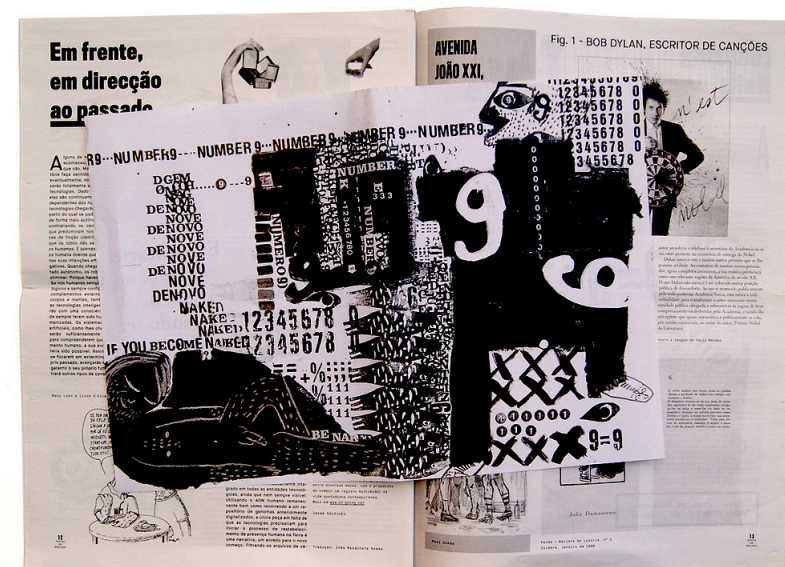


Ilustração de Mariana Zanetti para pôster do jornal português (publicação independente) Postas de Pescada, 2016.

No caso, a edição foi dedicada à canção Number 9, dos Beatles.





Ao lado, capa de Jaca para o zine Desenho Feio. Acima, pintura de Jaca e Fabio Zimbres exposta na mostra “Desenhomatic LTDA”, 2020.

Jaca e Zimbres costumam fazer inúmeros desenhos em papel sem planejamento prévio, num ato de desenhar mais automático, com alta expectativa por “erros”, sujeiras, etc.

Os dois também exploram bastante sobreposições e acúmulo de elementos. Por exemplo, na zine “Desenho Feio”, Jaca escaneia os inúmeros desenhos que cria diariamente em papel A4 dobrado e desenvolve composições inusitadas no computador.

# Aspectos históricos

Ao estudarmos a História da Ilustração, podemos compreender questões e aspectos importantes da área.

É possível tirar lições e aprender alguma coisa quando atentamos para um passo novo que foi dado por um artista, provocações e ousadias realizadas em determinada situação, os estilos de época, a relação entre o desenvolvimento tecnológico e a ilustração do período, a tensão existente entre os padrões e convenções da sociedade e a postura dos artistas gráficos, etc.

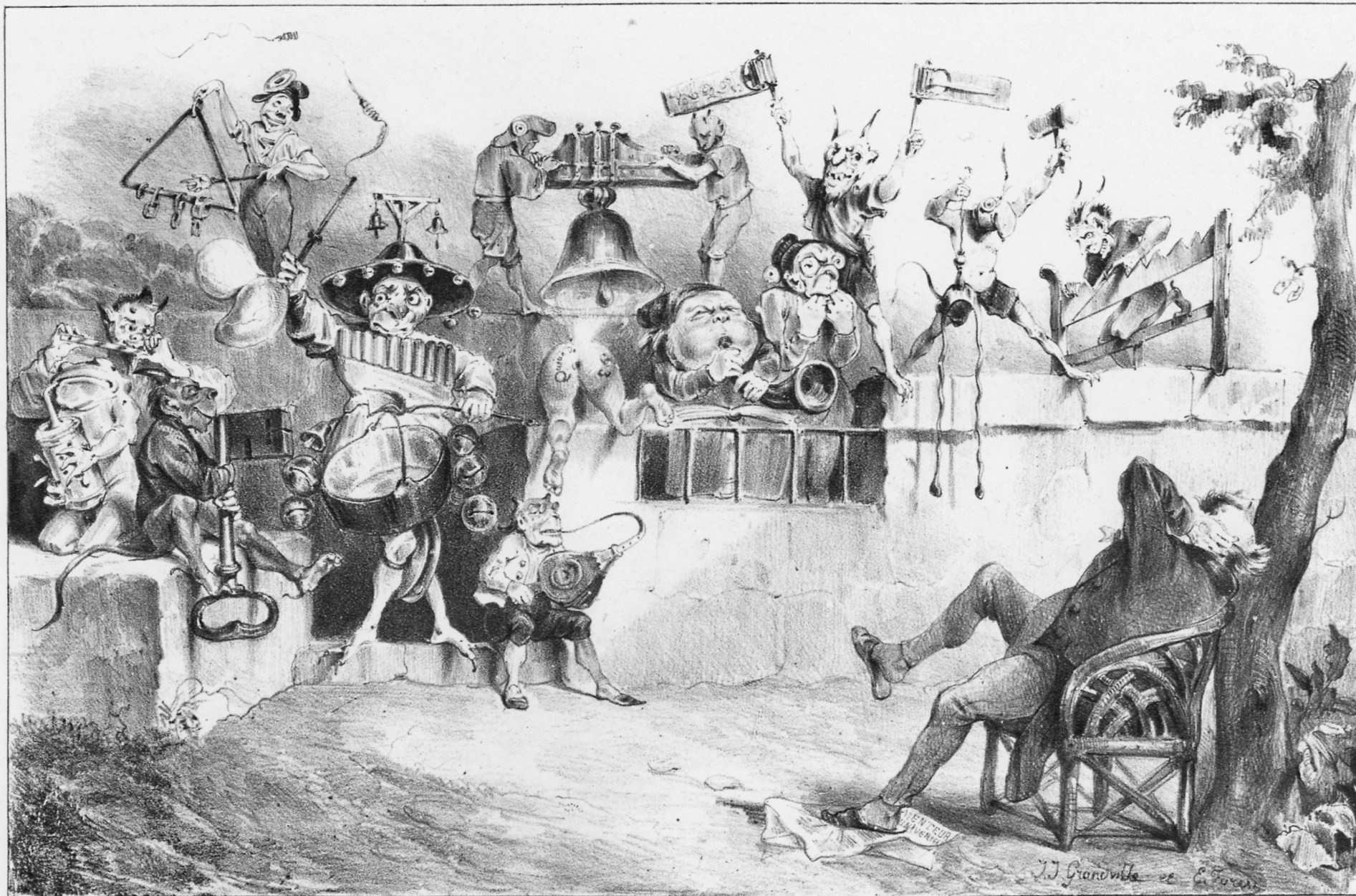
# Aspectos históricos

Também é importante seguir enriquecendo o repertório visual, prestar atenção não apenas a fatos e questões, mas às peculiaridades gráficas do que é avaliado.

Tudo isso contribui para que o ilustrador contemporâneo saiba refletir sobre seu trabalho, projetar novos caminhos e se situar em contextos diversos.

Vamos agora observar alguns trabalhos ao longo da História, com foco em publicações de vanguarda, cultura, arte e moda e seus aspectos expressivos.



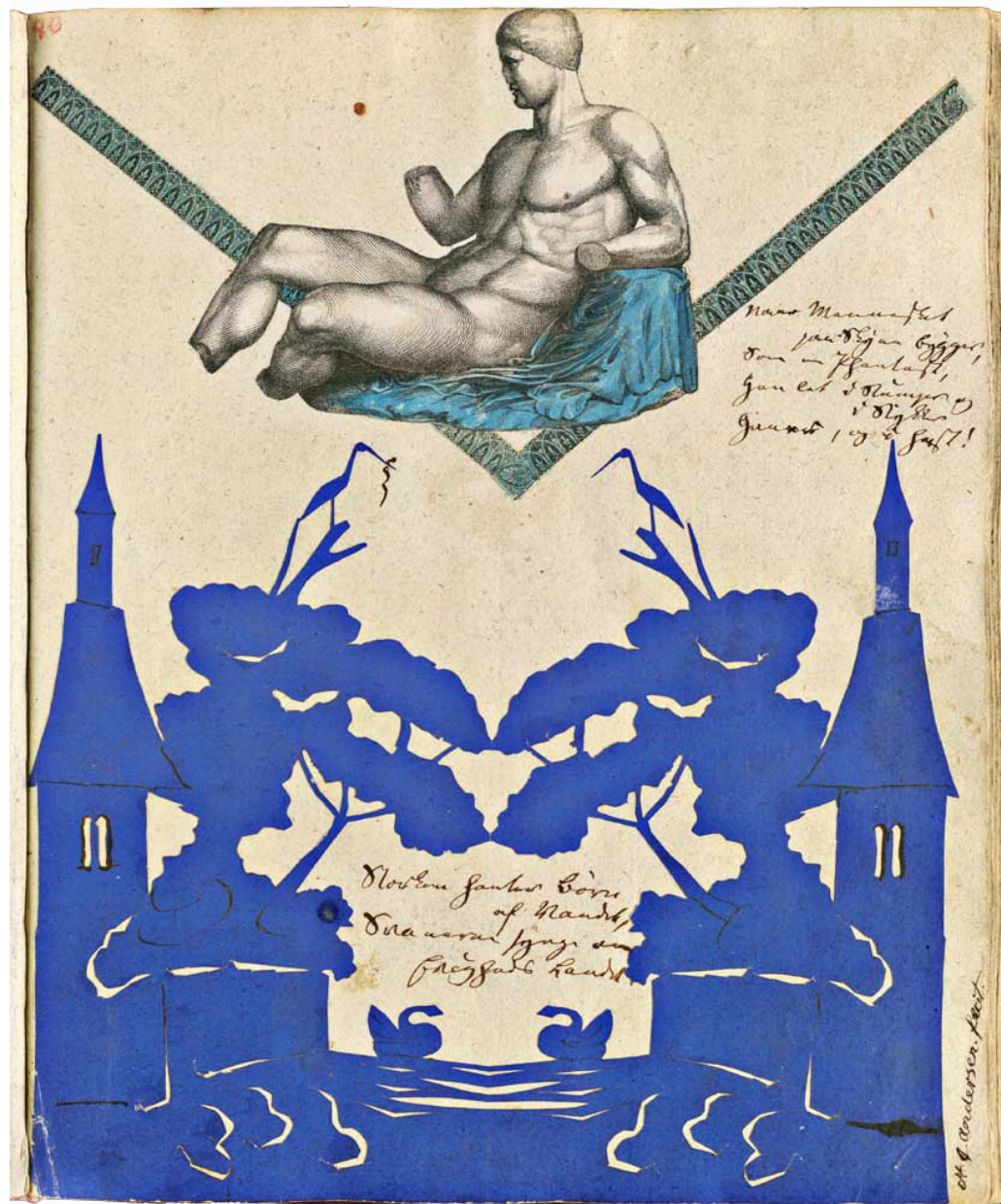


J. J. Grandville (1803 – 1847), importante ilustrador francês: trabalho – aparentemente intitulado “Charivari” - publicado no Le Caricature, 1831.



Hans Christian Andersen (1805-1875) já foi comentado no Módulo 1; trata-se de um escritor e poeta dinamarquês, famoso pela criação de histórias infantis. Vale enfatizar: além dos contos infantis, Andersen também criou mais de 400 peças de papel recortado. A seguir, iremos observar algumas páginas do scrapbook “Christine’s Picture Book” (1859), feito para a neta de um amigo. São 122 páginas com figuras recortadas e coladas. Foto “H.C. Andersen og Charlotte Melchior”: G.E. Hansen, 1875, fonte Det Kongelige Bibliotek / Biblioteca Real.



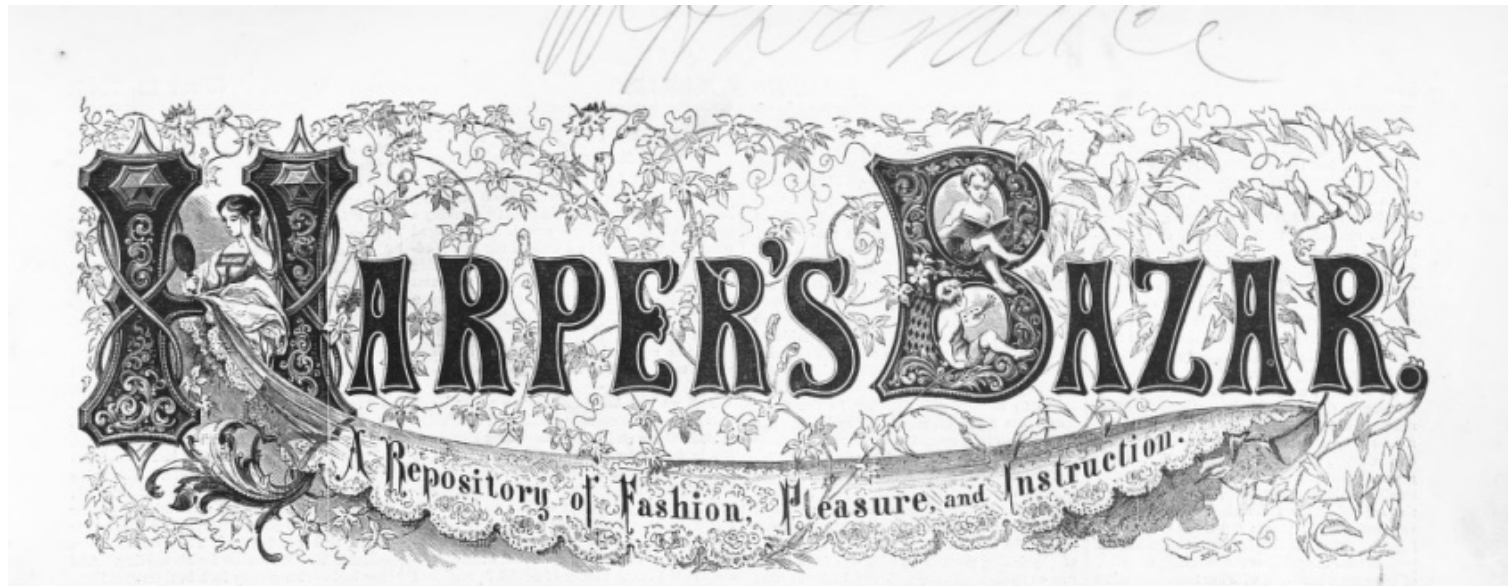


Hans Christian Andersen, "Christine's Picture Book", 1859.









Harper's Bazar (1867) é uma conceituada revista feminina de moda norte-americana (que existe até hoje!), publicada pela Hearst Corporation. Seu slogan é ser "a fonte de estilo para mulheres e as mentes bem vestidas". Mensalmente publica trabalhos de estilistas, escritores, fotógrafos e designers dentro de uma perspectiva sofisticada de mundo da moda.

Fletcher Harper, um dos editores da Harper Brothers, resolveu criar uma revista feminina que abordasse assuntos domésticos direcionada para a típica dona de casa da classe média da época.

Logo após a Guerra Civil Americana, em 1867, circulou o primeiro número da Harper's Bazar (nessa época escrita com apenas um A) e em forma de folhetim. Era a primeira revista desse seguimento a ser introduzida no mercado americano.

Nessa época, os modelos apresentados na revista ainda eram ilustrados e não fotografados. A partir de 1894, quando a primeira capa colorida da revista apareceu, a publicação começou a utilizar belas ilustrações e fotografias.





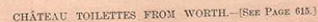
À esquerda, Harper's Bazar n.1, 2 de novembro de 1867. À direita, edição n.49, 3 de outubro de 1868.



TEN CENTS A COPY.  
WITH SUPPLEMENTS.

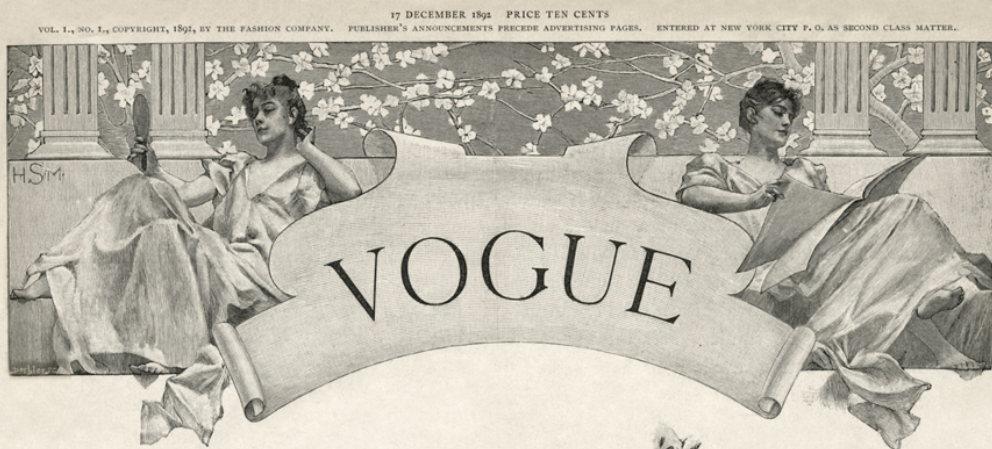
RECEPTION AND VISITING TOILETTES.—[For Description see Supplement.]

TEN CENTS A COPY.  
WITH SUPPLEMENTS.

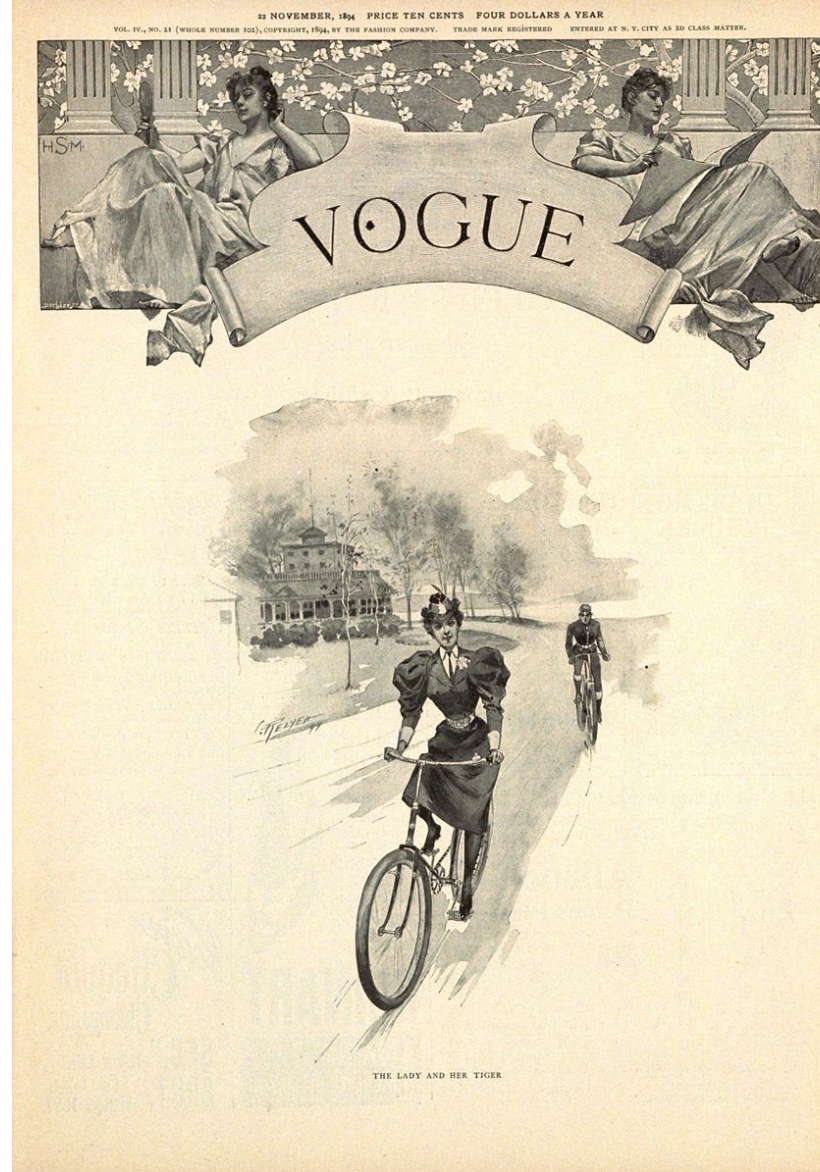


Harper's Bazar: duas capas dos anos 1890. A da direita, de 1892, traz ilustração de Sandor e novo logotipo.





VOGUE—A DEBUTANTE



### Vogue (1892)

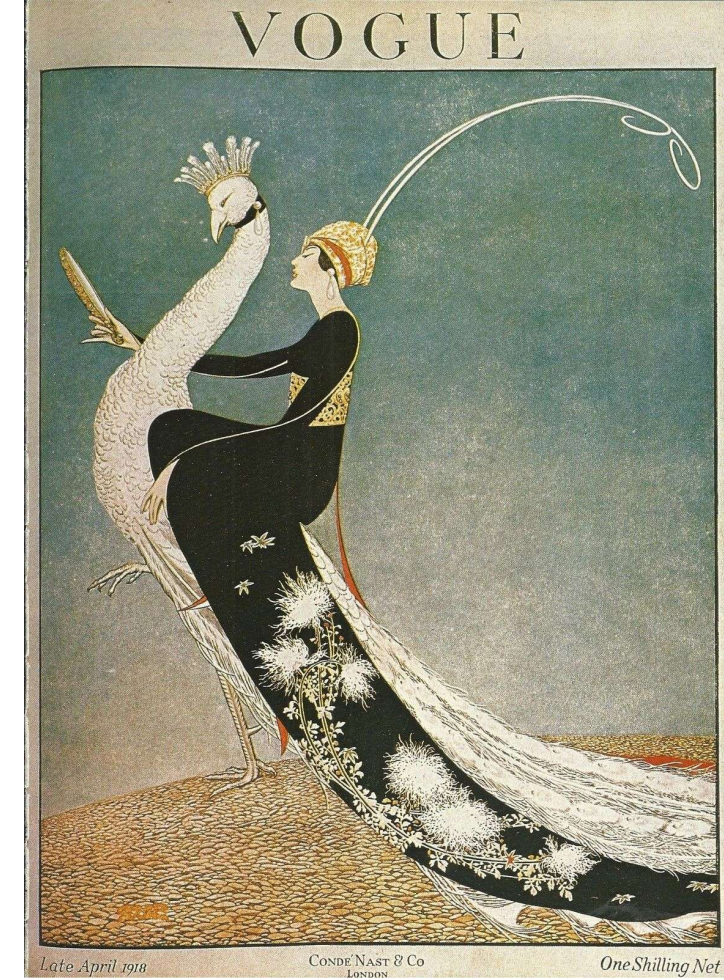
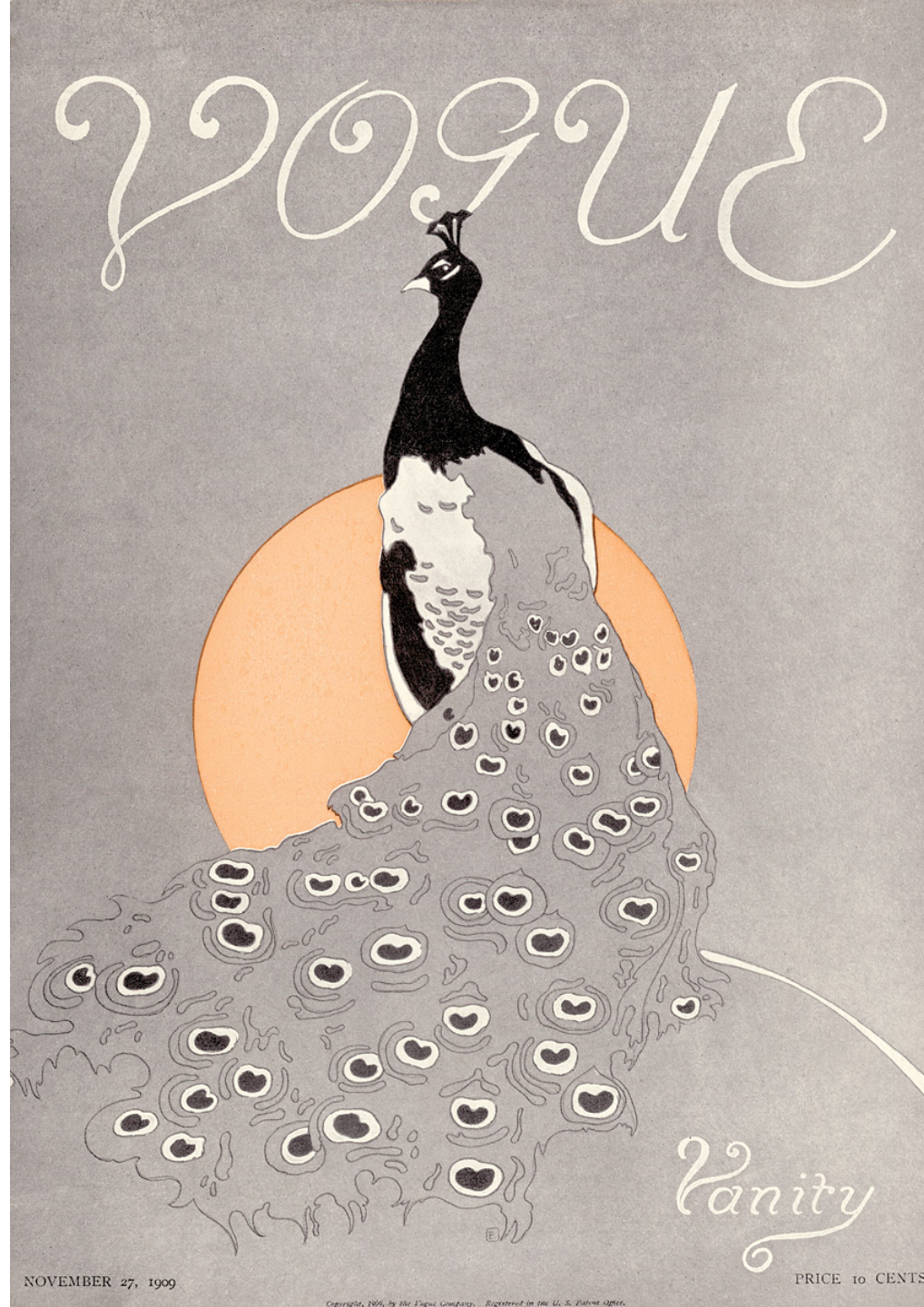
Idealizada por Arthur Baldwin Turnure e Harry McVickar (um ilustrador), foi lançada em 1892 na cidade de Nova York como um pequeno folhetim semanal de moda, com aproximadamente 30 páginas, destinado às mulheres da alta sociedade no final do século XIX.

Em 1909 foi adquirida pela Condé Nest Publications.

No canto esquerdo, capa da primeira edição, ilustrada por A. B. Wenzel, 1892. O título foi um desenho de McVickar, presente na publicação até 1906.

Ao lado, ilustração de C.M. Relyea, capa de 1894.





Com a Condé Nast, a Vogue passou a ser mensal, mais atraente, e teve conteúdo reformulado, valorizando a moda como “objeto de desejo” e “sonho de consumo”.

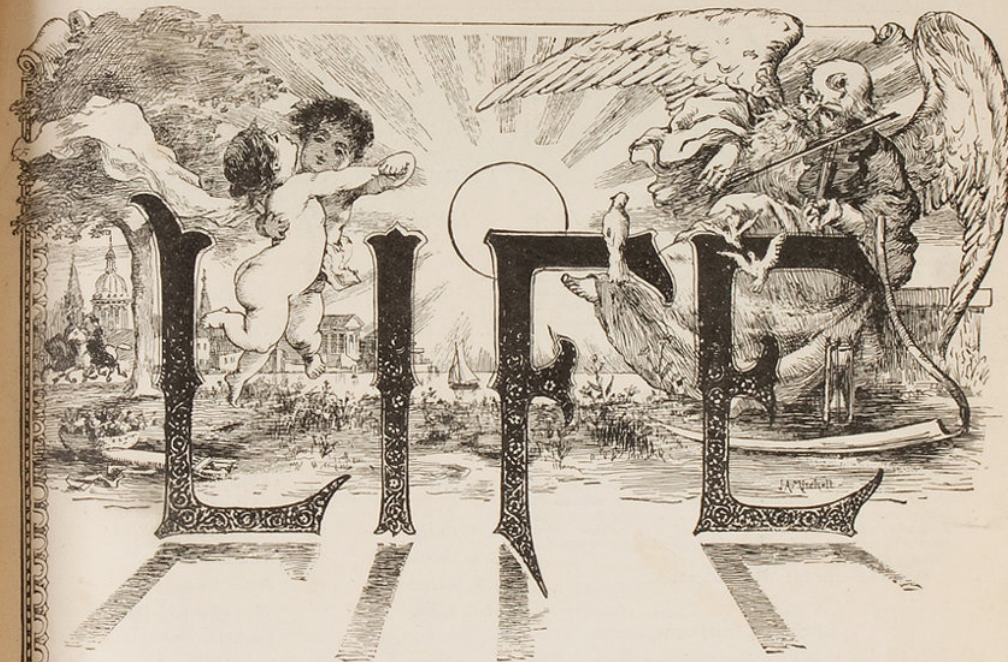
À direita: capa sem assinatura de 1909.  
Acima, capa de George Wolf Plank, 1918.



VOLUME I.

JANUARY 11, 1883.

NUMBER 2.



- Issued every Thursday -

Ten Cents  
a Copy.



Published at the Life Office - 1155 Broadway -  
New York.

Entered at N.Y. Post Office as Second-Class Mail Matter.

COPYRIGHT 1882 BY J.A. MITCHELL.

VOLUME XIV.

NEW YORK, DECEMBER 26, 1889.  
Entered at the New York Post Office as Second-Class Mail Matter.  
Copyright, 1889, by MITCHELL & MILLAR.

NUMBER 365.



Life (1883 – 1936)

A primeira fase da revista, mais voltada para o humor, durou até 1936.

Era uma revista de interesse geral e entretenimento leve, cheia de ilustrações, cartuns e comentários sociais.

À esquerda, capa da primeira edição, ilustração de John Ames Mitchell, 1883.

Acima, capa de Charles Dana Gibson, 1889.





Capas dos primeiros anos da revista Life.  
Fonte: WorthPoint

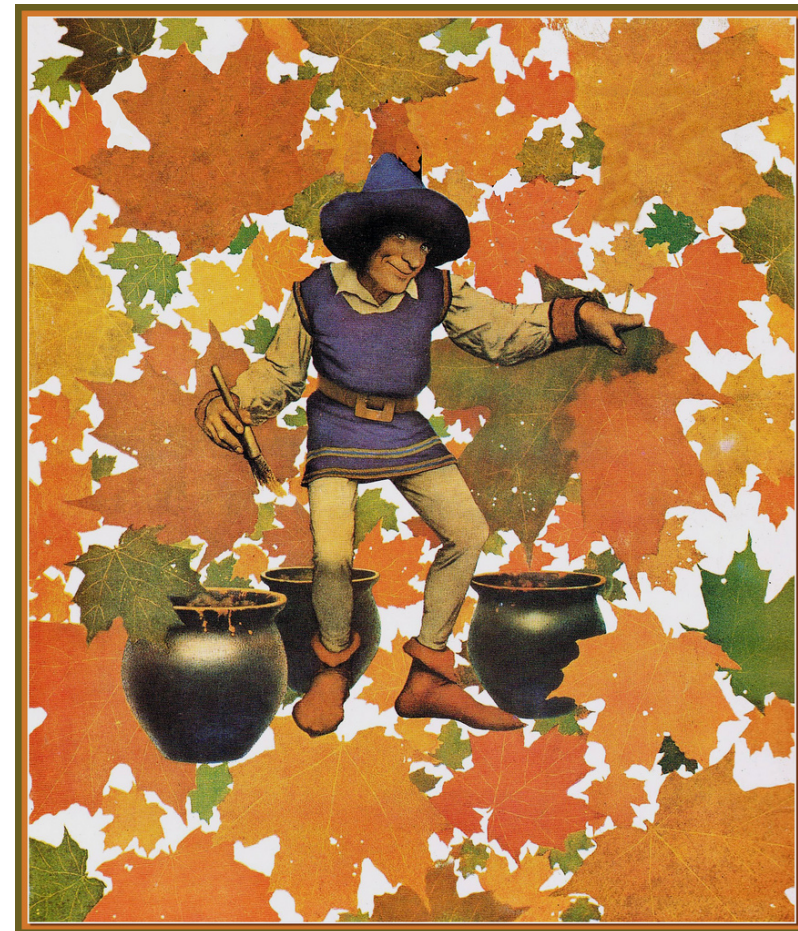
# **ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: ARTE & CULTURA**

**Aspectos Históricos – 1900 a 1940**







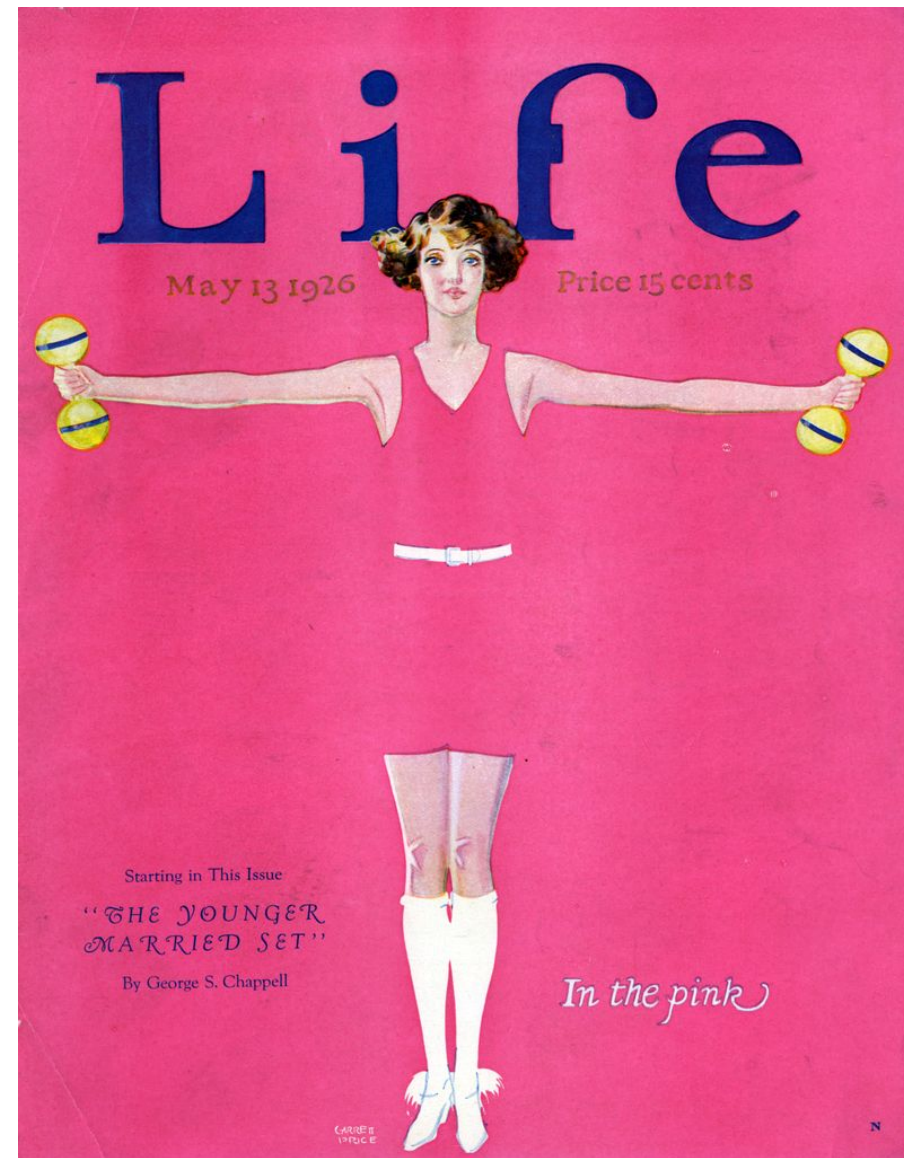


Maxfield Parrish (1870 – 1996)  
Representante da Era de Ouro da Ilustração.

Em 1885 seu trabalho apareceu na edição Leste da Harper's Bazaar. Em 1900 ele já era um membro da Society of American Artists.

À esquerda: The Lantern Bearers, Collier's magazine, 1908.  
Acima, "Jack Frost", 1926.





Clarence Coles Phillips (1880 – 1927)

Famoso pelas ilustrações na abordagem “Fade Away Girl”, com elementos do corpo de garotas “desaparecendo”.

Em 1907 Phillips conheceu J. A. Mitchell, editor da revista Life, e aos 26 anos foi contratado como membro da equipe.

Acima, capas pra revista Life de 1911 (esq.) e 1926 (dir.).





Gerda Wegener (1886 – 1940)

Foi uma pintora, desenhista e ilustradora dinamarquesa.

Obteve muito sucesso tanto na pintura quanto em ilustrações criadas para a Vogue, La Vie Parisienne, Fantasio e outras.

É conhecida por suas ilustrações para moda e pelas pinturas que abordaram questões de gênero e amor daquela época.

Acima, foto do casal Gerda e Einar Wegener (que depois se descobriria Lili Elbe e passaria por uma cirurgia de mudança de sexo).

Fonte da foto: revista Continente Multicultural.



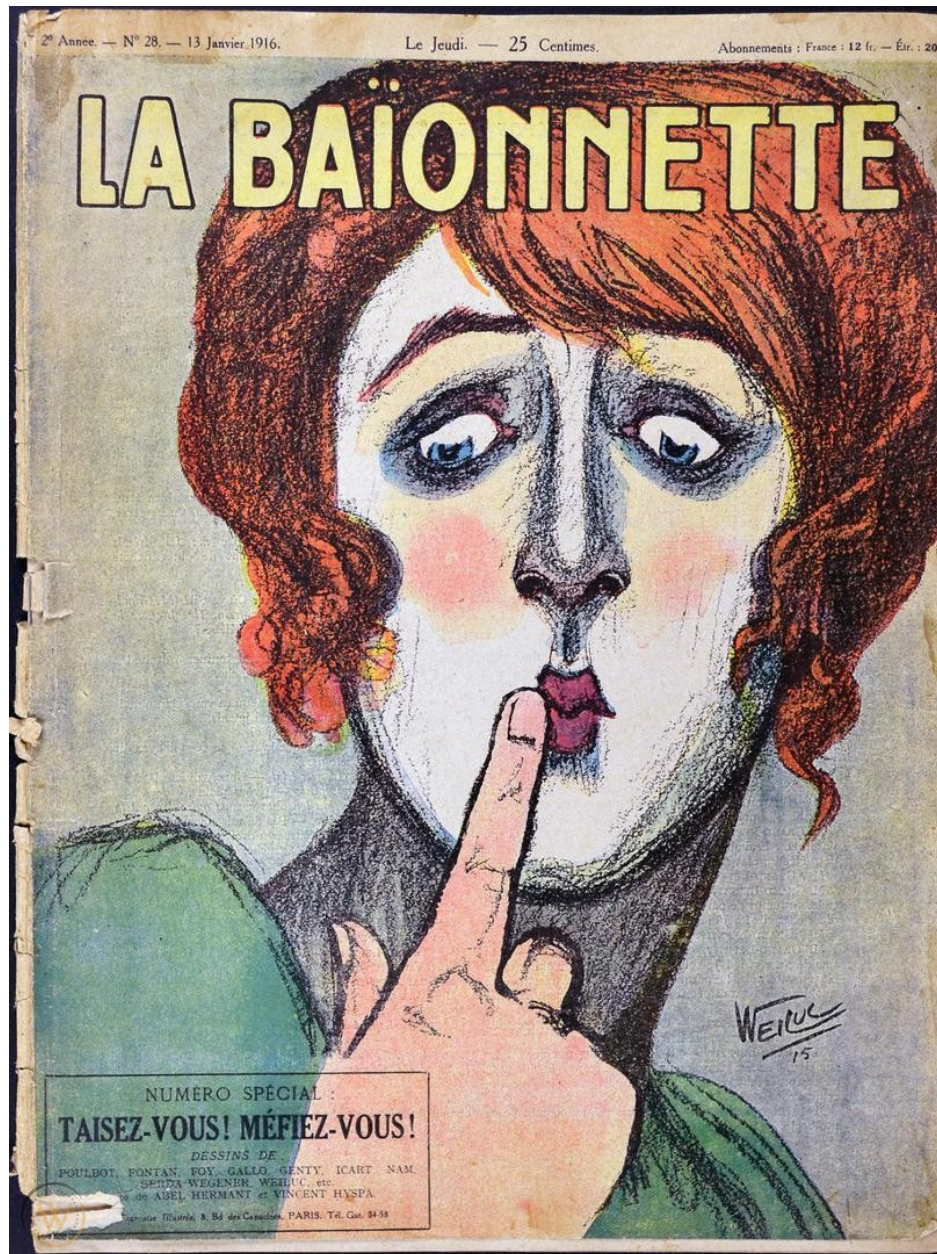


O trabalho de Gerda apresentava muitas vezes mulheres elegantes atuando em uma variedade de atividades – posando ou participando de eventos artísticos no teatro, dança e literatura.

Ao mesmo tempo em que alterava o modo como as mulheres eram representadas na arte, ela também explorou questões de gênero e identidade sexual em seu trabalho. Fez isso, por vezes, de modo sutil, desenhando por exemplo homens com corpos delgados e contornos leves, ou pintando seu parceiro transgênero Lili Elbe.

Ao lado, “Lili Elbe”, por Gerda Wegener, 1928.  
Acima, fotos de Einar Wegener / Lili Elbe.





Capas de Gerda Wegener para La Baionnette (1916) e Vore Damer (1927).





Helen Dryden (1882 – 1972): artista americana e designer industrial de sucesso nas décadas de 1920 e 1930.  
Fonte da foto: Cooper Hewitt.



The Fine Arts That Produce The Fashionable Beauty Of Today

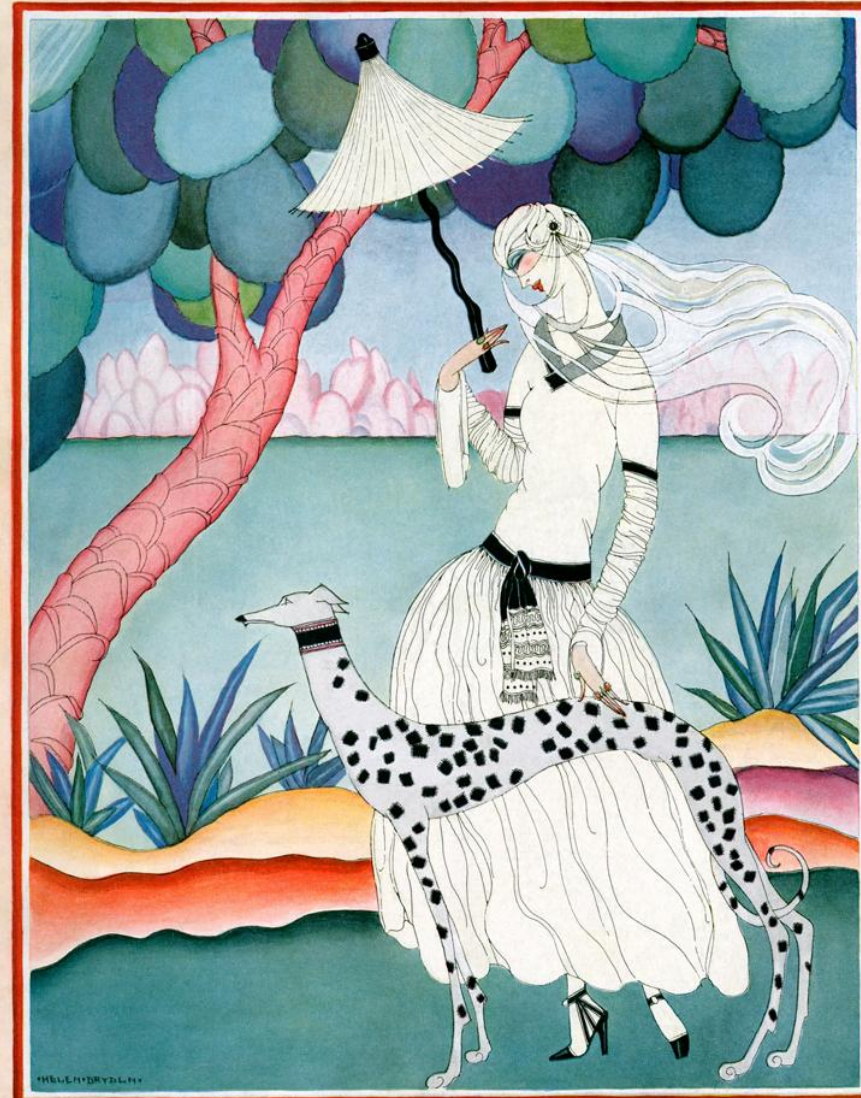


NOVEMBER 15, 1911

THE VOGUE CO. CONDÉ NAST, Pres.

PRICE 25 CTS.

VOGUE



Motor and  
Southern Number

The Vogue Company  
CONDÉ NAST Publisher

Jan. 15, 1922  
Price Thirty five Cts.

Depois de uma recusa inicial em 1909, a Vogue – sob a nova direção da Condé Nast – contratou Dryden iniciando um período de colaboração que durou de 1909 a 1922. Seu estilo essencialmente romântico produziu imagens atraentes e com tom fantástico para as capas da Vogue, em frequentes representações imaginárias de vestidos. Também ilustrou para outros títulos da Condé Nast como a Vanity Fair e House and Garden. Acima, capas de 1911 e 1922.





### Ver Sacrum (1898 – 1903)

Foi a publicação oficial da Secessão vienense. Fundada por Gustav Klimt e Max Kurzweil, circulava apenas entre os membros da associação. Trazia desenhos e design no estilo da Secessão com contribuições literárias de escritores da Europa.

O simbolismo da capa da primeira edição foi idéia do redator-chefe Alfred Roller: as raízes de uma árvore em flor, apresentando em seus ramos os escudos de armas da arquitetura, pintura e escultura. Diferentes motivos florais aparecem em outros momentos da revista.

Na direita, capa de artista desconhecido, 1899.





Jugend (1896-1940): Acima, capa de Hans Pfaff para a primeira edição da revista, 1896.

À direita, capa de Ludwig von Zumbusch em litografia, 1896.

O nome da publicação ("jovem") gerou a denominação Jugendstil, o Art Nouveau alemão.







Duas capas de Geis para a revista Jugend, de 1928 e 1931.



1. Jahrgang Nr. 1.

Preis 10 Pfg.

4. April 1896

# SIMPLICISSIMUS

Abonnement vierteljährlich frei ins Haus gebracht!  
Hft. 1.50

Illustrierte Wochenschrift

Inferate: Die Gef. Monopacelle-Beile  
Hft. 1.50

## Die Fürstin Kussalka

(Alle Rechte vorbehalten)



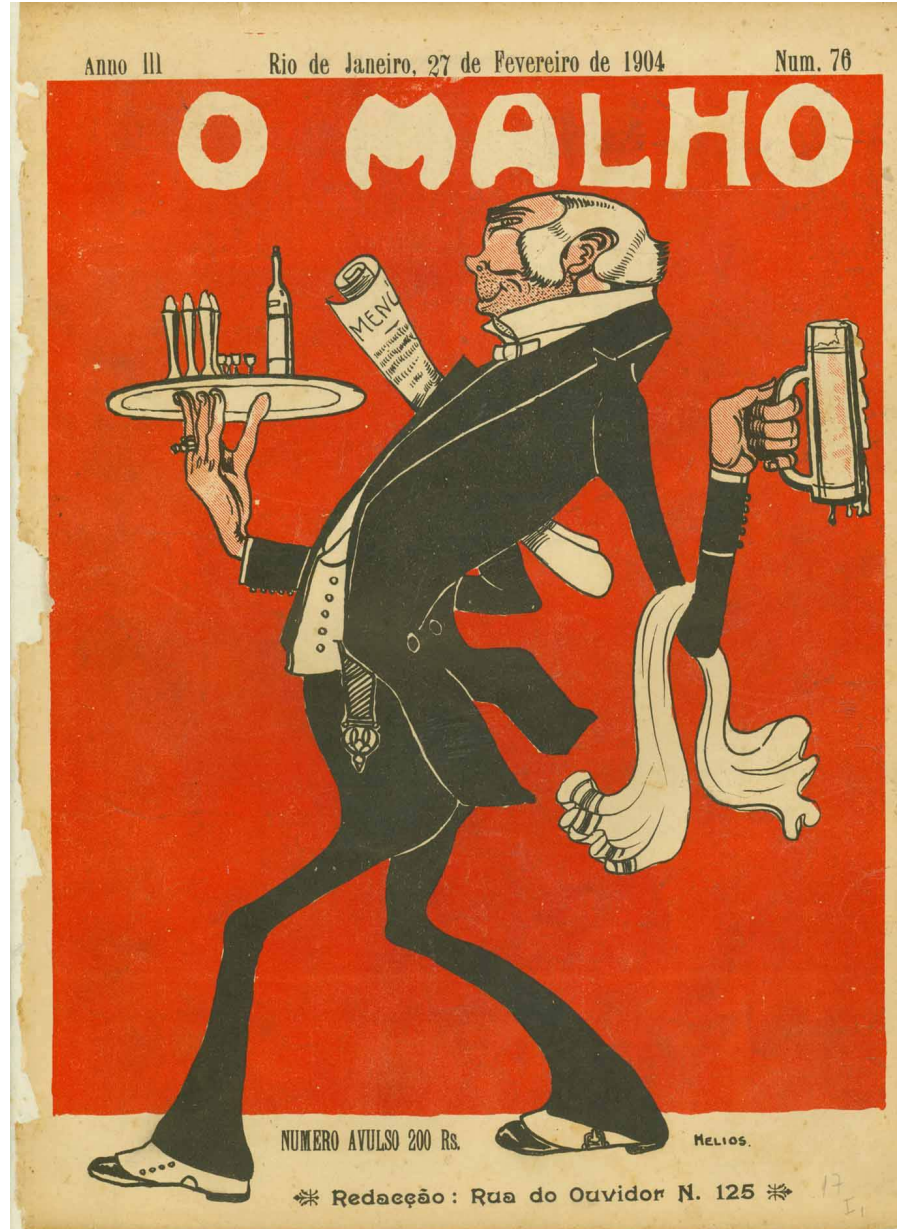
(Zeichnung von A. Janf)



Simplicissimus (1896 – 1967) foi uma revista semanal satírica alemã, fundada em Munique e iniciada por Albert Langen em abril de 1896 e publicada até 1967, com um hiato entre 1944 e 1954. Ao lado, capa da primeira edição (ilustrador não identificado, aparentemente se chama A. Janf).

Uma referência importante para compreendermos a ousadia gráfica da revista: Thomas Theodor Heine (1867 – 1948) foi um pintor e ilustrador alemão, influenciado pelas qualidades gráficas de Toulouse-Lautrec, Beardsley e pela xilogravura japonesa. Acima, duas propagandas de Thomas Theodor Heine, ambas de 1896.





**O Malho** (1902 – 1952) foi uma revista ilustrada que tinha como principal característica a sátira política e o humor. Acima, capas de Helios, 1904 e 1903.





Anne Harriet Fish (Sefton) (1890 – 1964)

Cartunista e ilustradora britânica. Nascida em Bristol, estudou na London School of Art e em Paris.

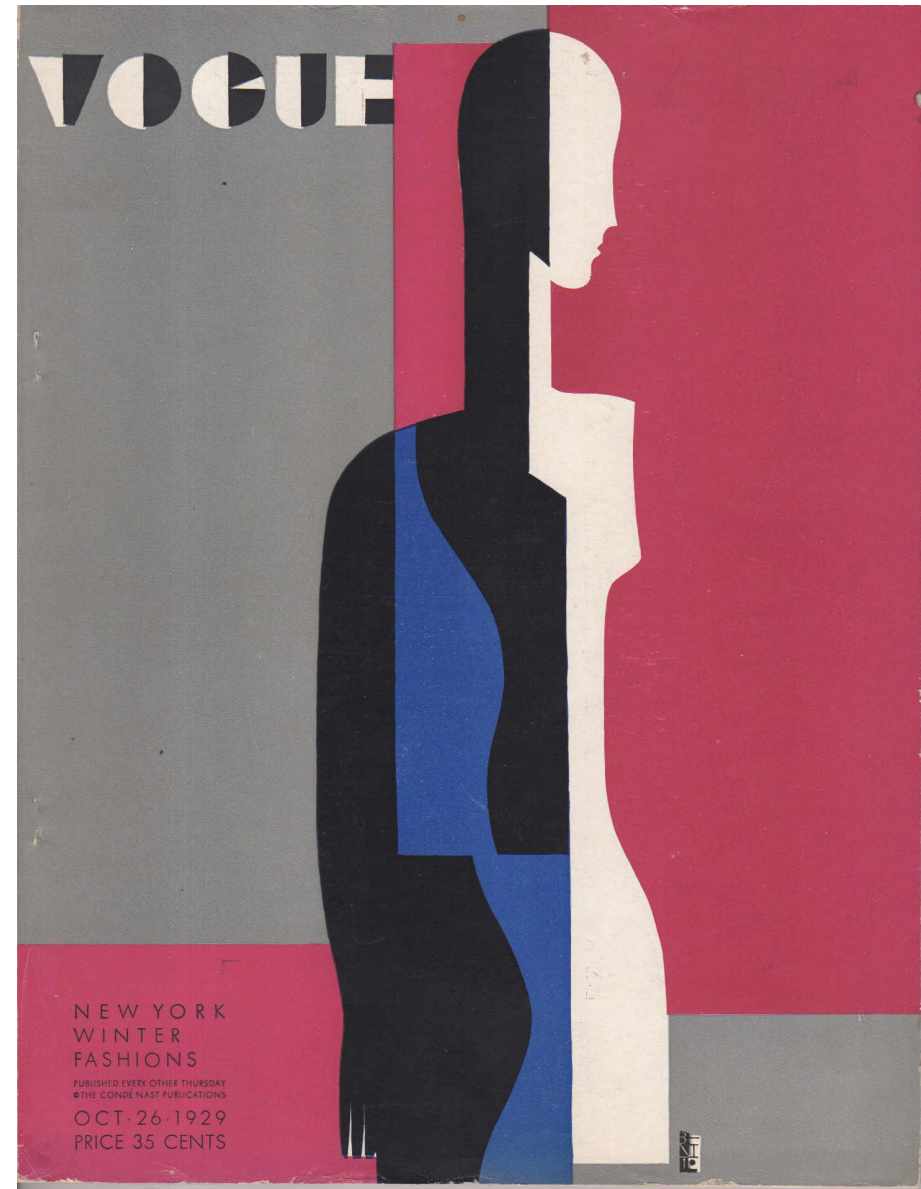
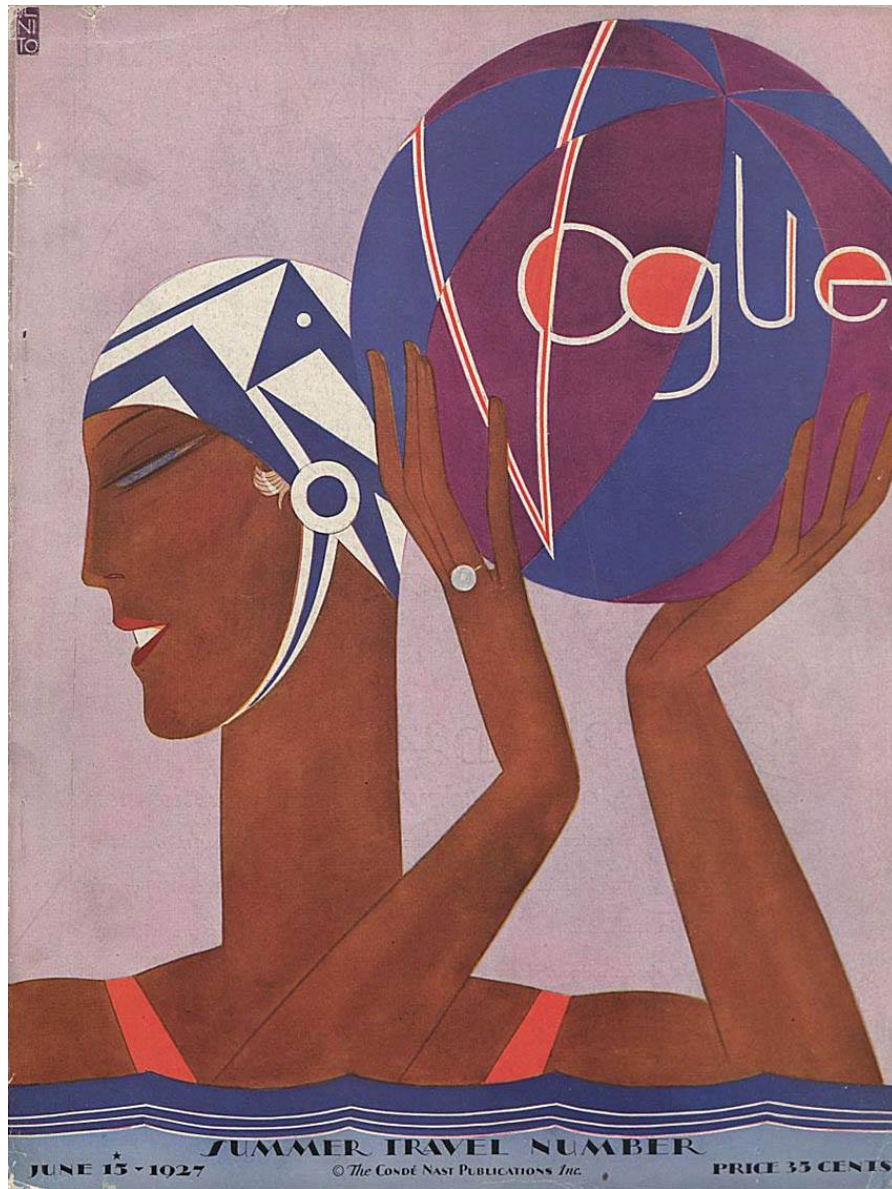
Morou nos Estados Unidos e fez inúmeras capas para a revista Vanity Fair.

Cronista da Jazz Age, ela inicialmente chamou atenção na Inglaterra, nas páginas da Punch e The Tatler.

A síntese gráfica de seu desenho e a exploração de silhuetas pretas é uma reminiscência de John Held Jr., que, como ela, está associado à Melindrosa (a ousada figura feminina da época).

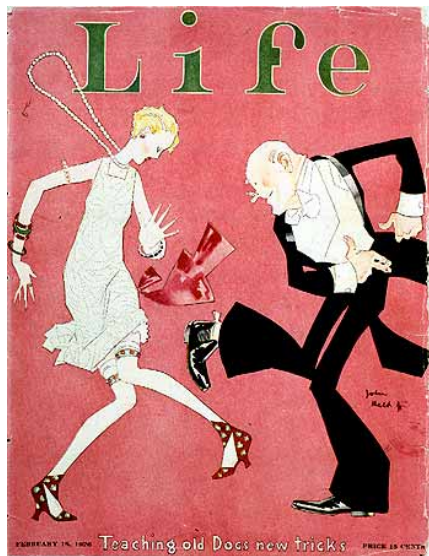
No alto, canto esquerdo, foto da artista tirada por volta de 1915. Fonte: Condé Nest Store Blog. Ao lado, capa de Anne Fish para a Vanity fair, 1919.





Capas de Benito para a Vogue, edições de 1927 e 1929.

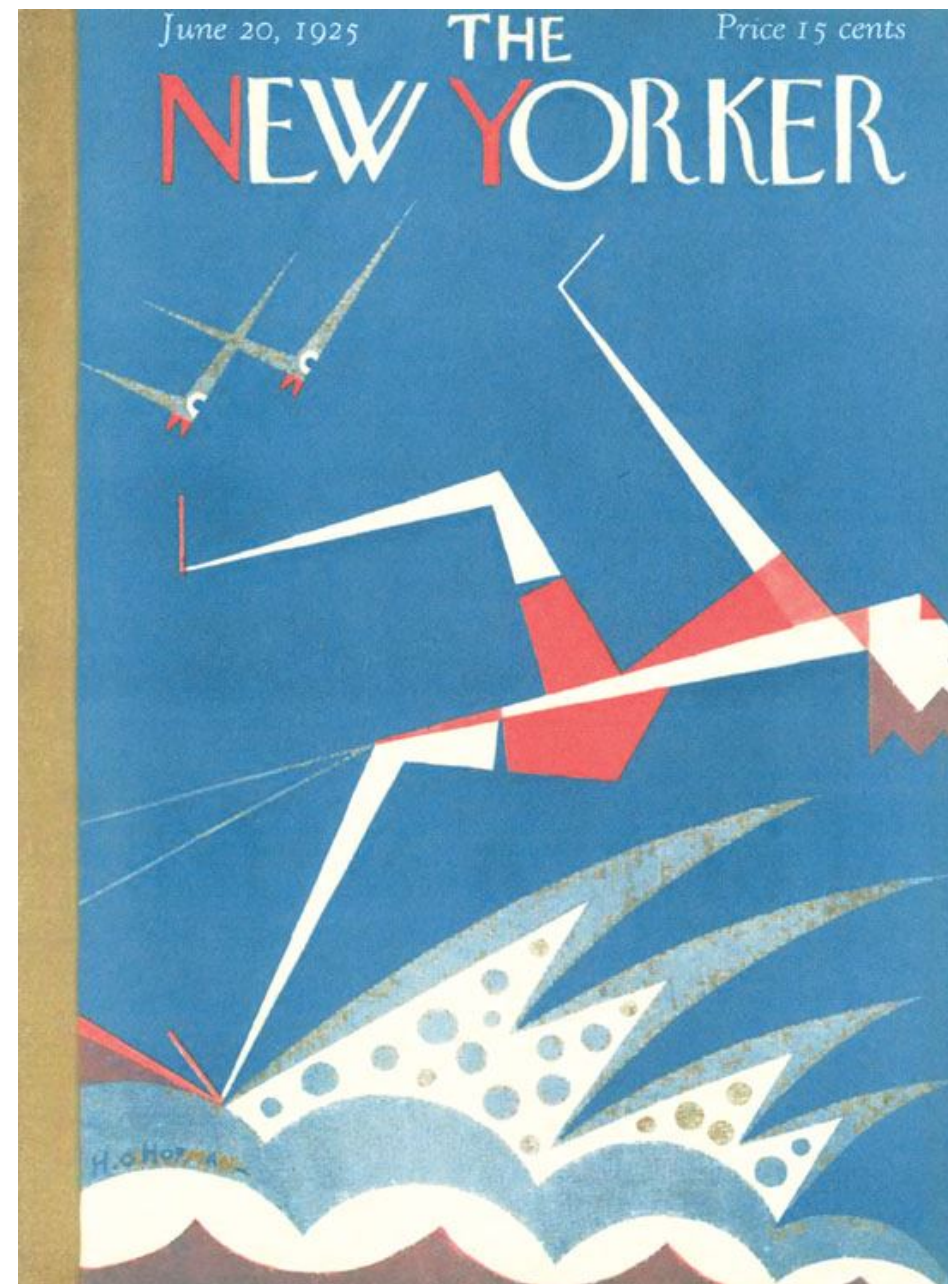
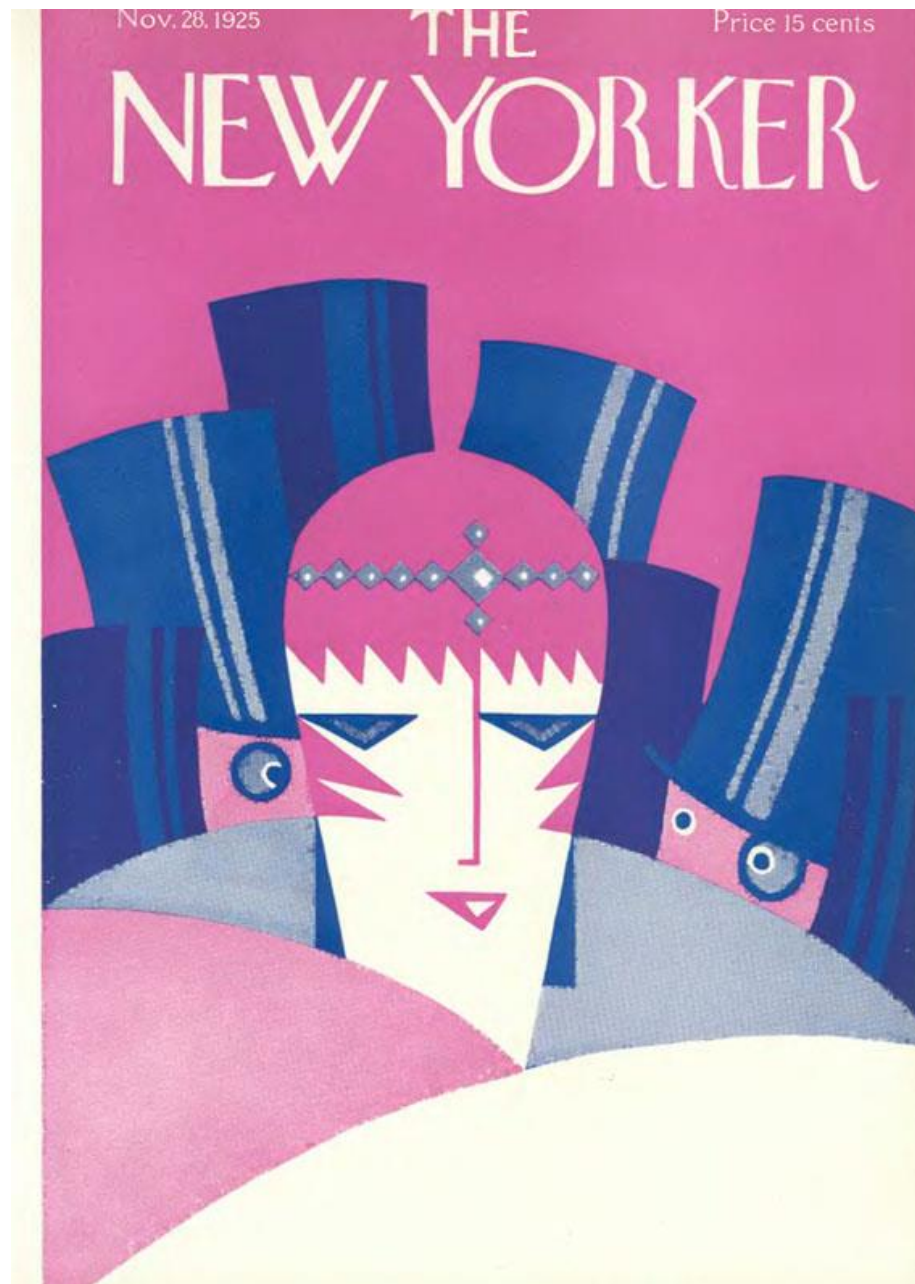




Acima: Capa de John Held Jr.  
Para a Life: "Teaching Old  
Dogs New Tricks", 1926.







O primeiro ano da New Yorker, fundada em 1925, trouxe várias capas de H. O. Hofman. Acima, dois exemplos de 1925.





J. Carlos: capas da Para Todos, edições de 1926 e 1927.







*A vida é como passar :  
numa comédia que não ensina  
tres personagens sem fim :  
Pierrot,  
Colombina,  
Arlequim...  
Sempre assim foi e assim será...  
Quê, quê, quê, quê !*

E L L E,  
E L L A  
E O OUTRO...



A HORA  
MARAVILHOSA  
DA  
CIDADE

O  
CARNAVAL  
ESTA'  
AHI...



Instantâneos dos lindos bailes  
no rink do C. R. Flamengo:  
um de gente grande, outro de  
gente miúda.

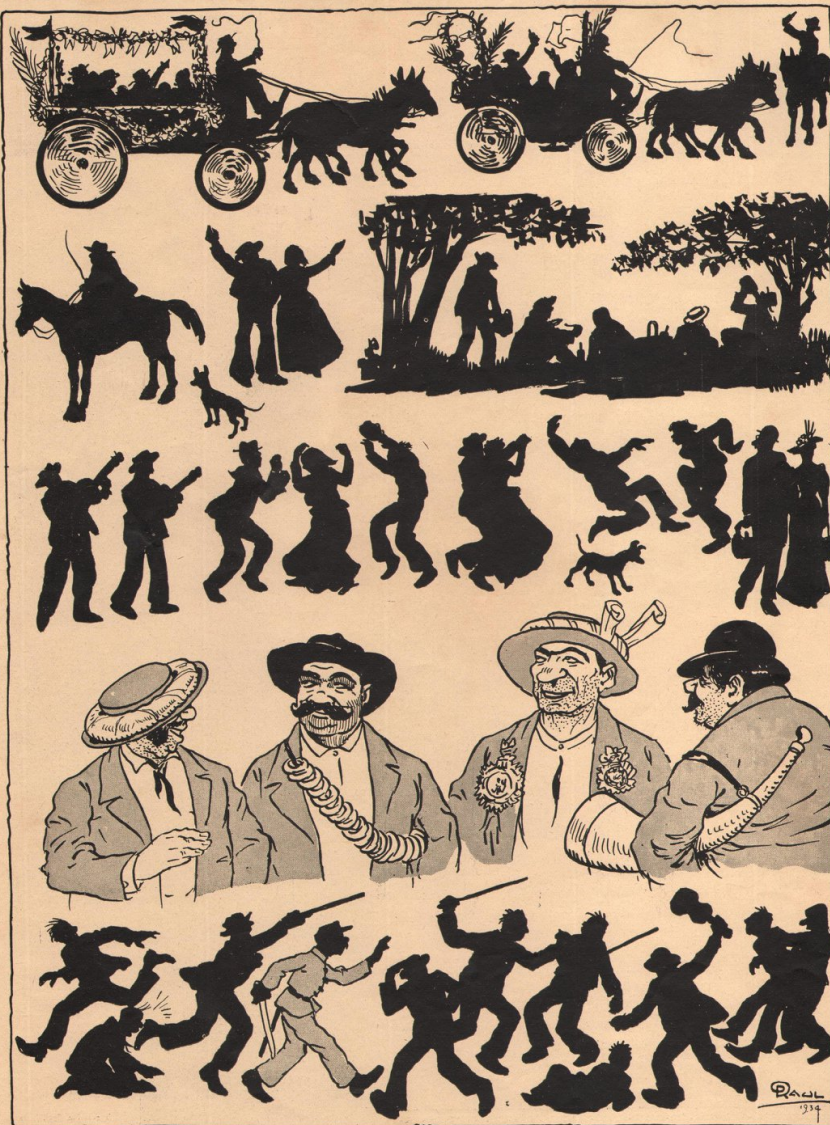


A alegria, que às vezes anda  
escassa por estas  
bandas, no tempo  
de Momo sobra,  
graças a Deus...

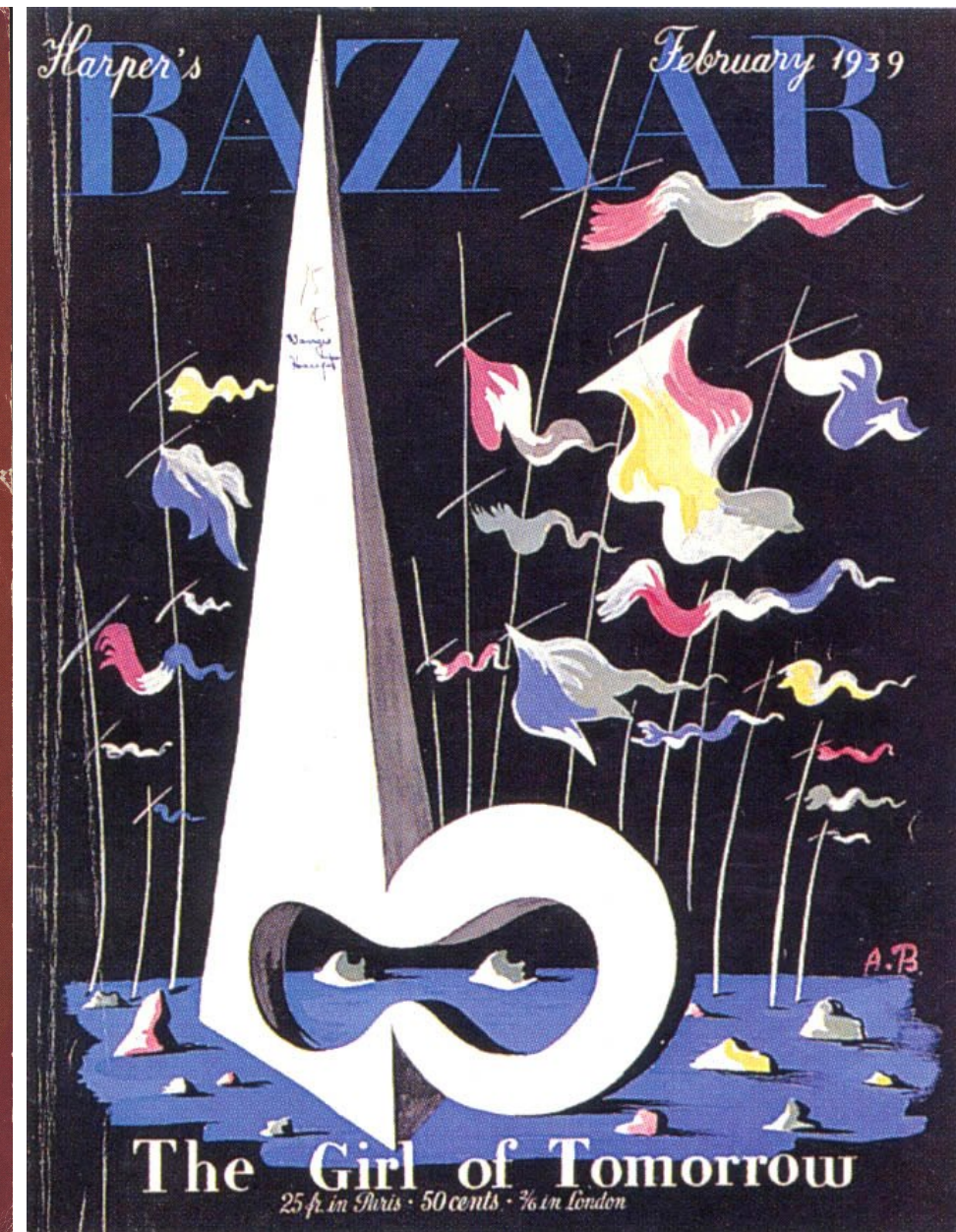
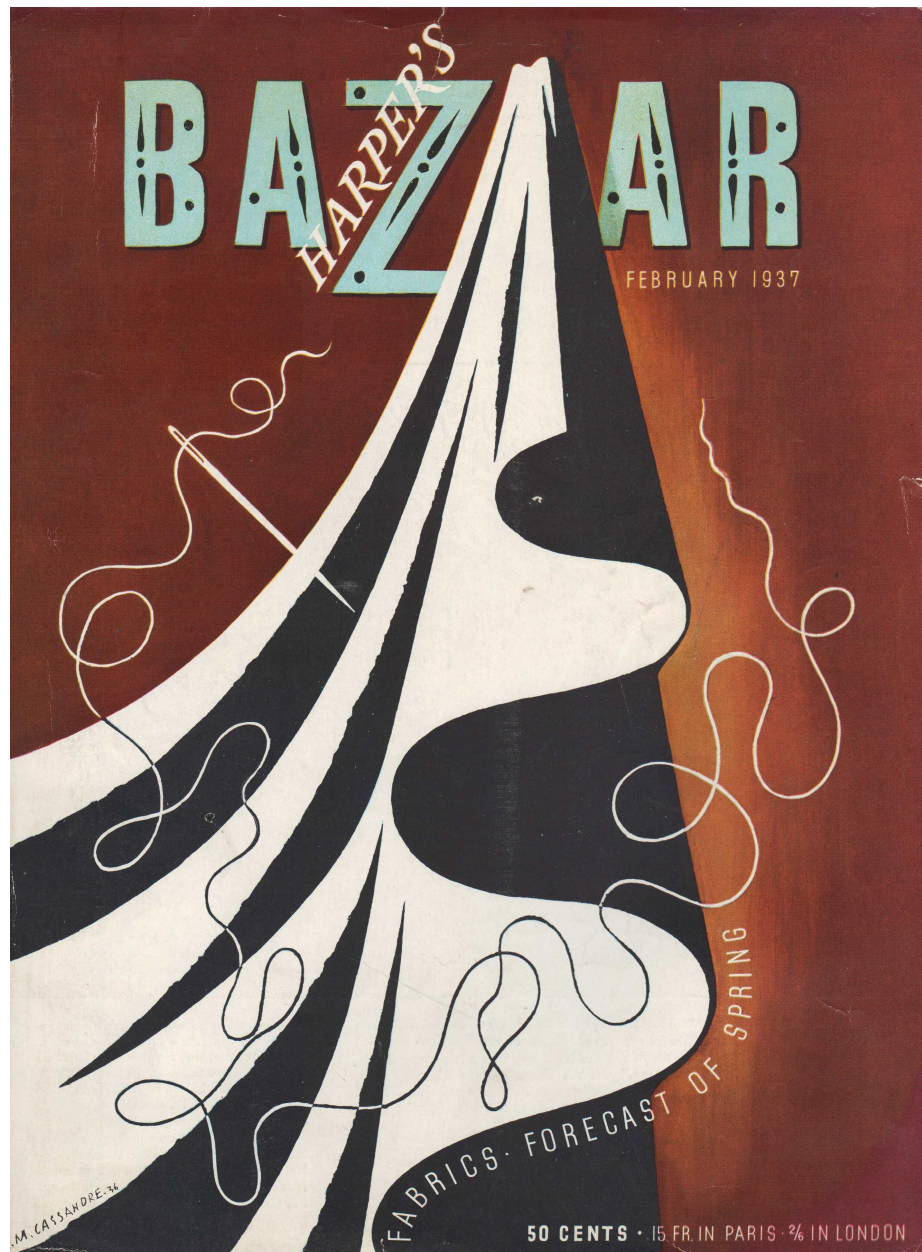




# NO ARRAIAL DA PENHA. *Outrora*

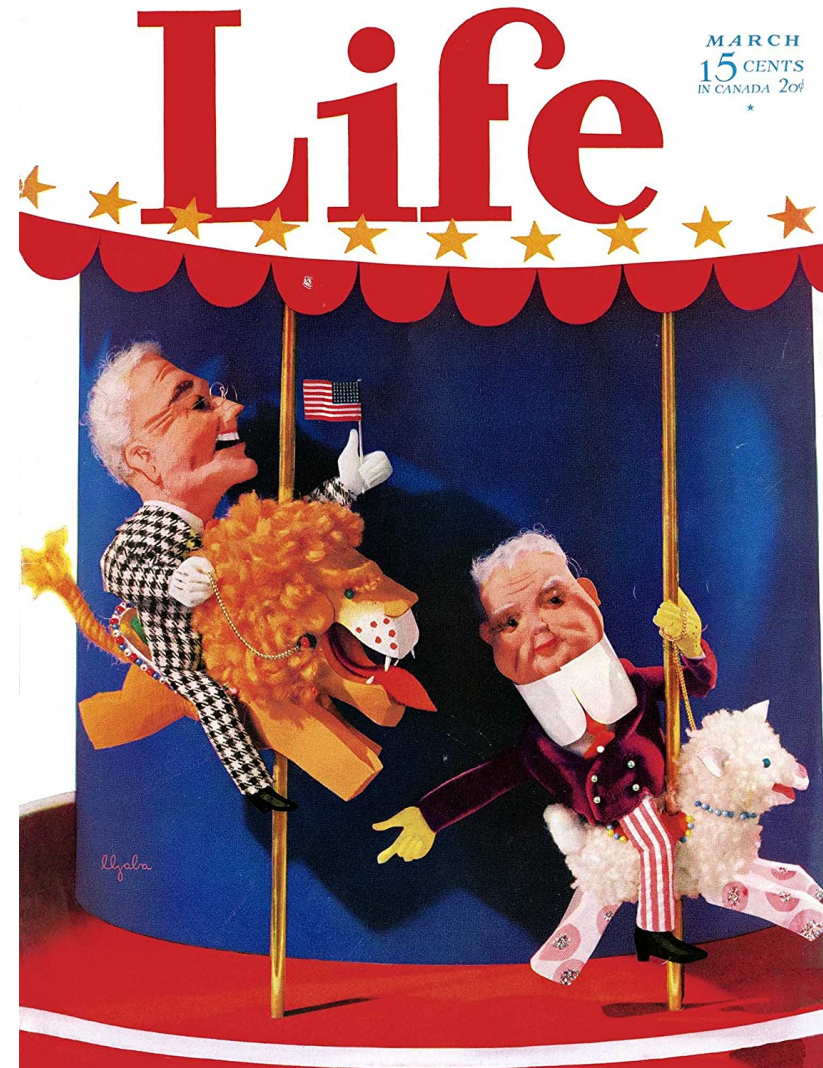
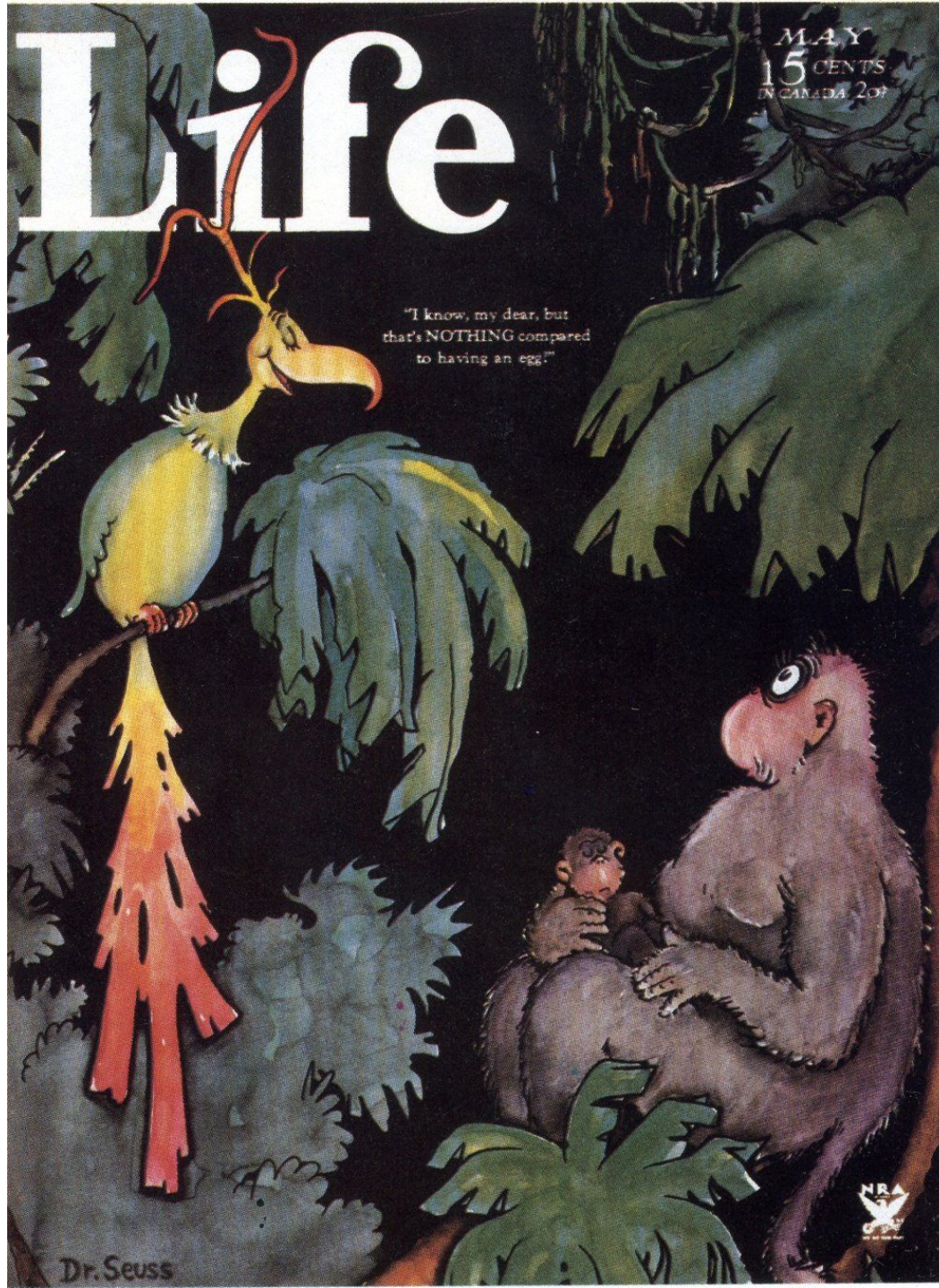






À esquerda, capa do importante cartazista francês A. M. Cassandre para a Harper's Bazaar, 1937; à direita, capa do designer gráfico A. Brodovitch, 1939.

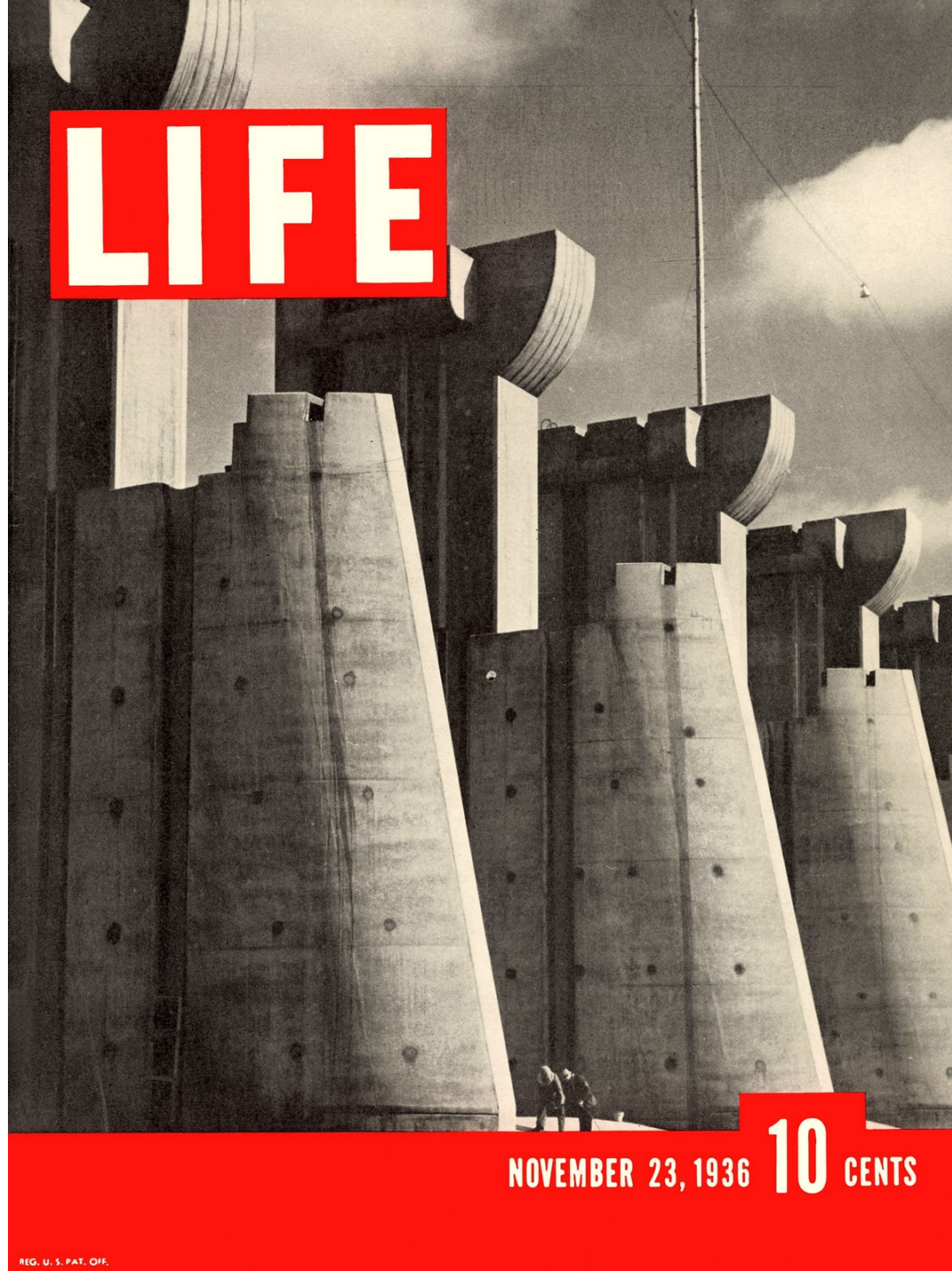




Capas da revista Life um pouco antes dela sofrer uma grande mudança editorial e passar a apresentar apenas fotografia nas capas.

À esquerda, ilustração de Dr. Seuss para a Life, 1934.  
Acima, capa de Llyaba, 1933.





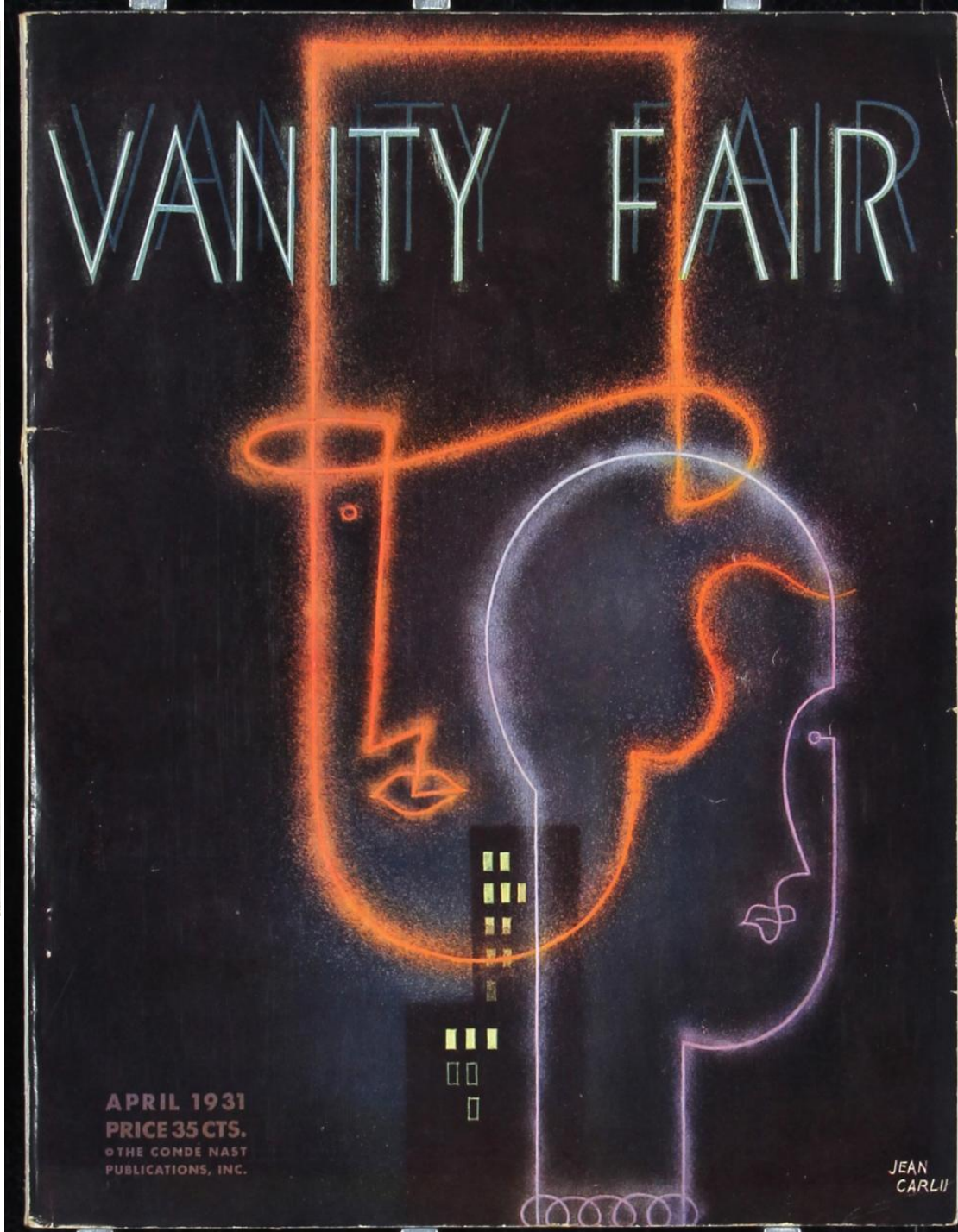
Ao lado, primeira capa da nova fase da Life, fotografia de Margaret Bourke-White da Represa Forth Peck, 1936. Adquirida por Henry Luce, que comprou os direitos da marca, tornou-se uma nova e icônica publicação centrada no fotojornalismo.

Acima, capa com o ator Adam West vestido de Batman, foto de Yale Joel, 1966.

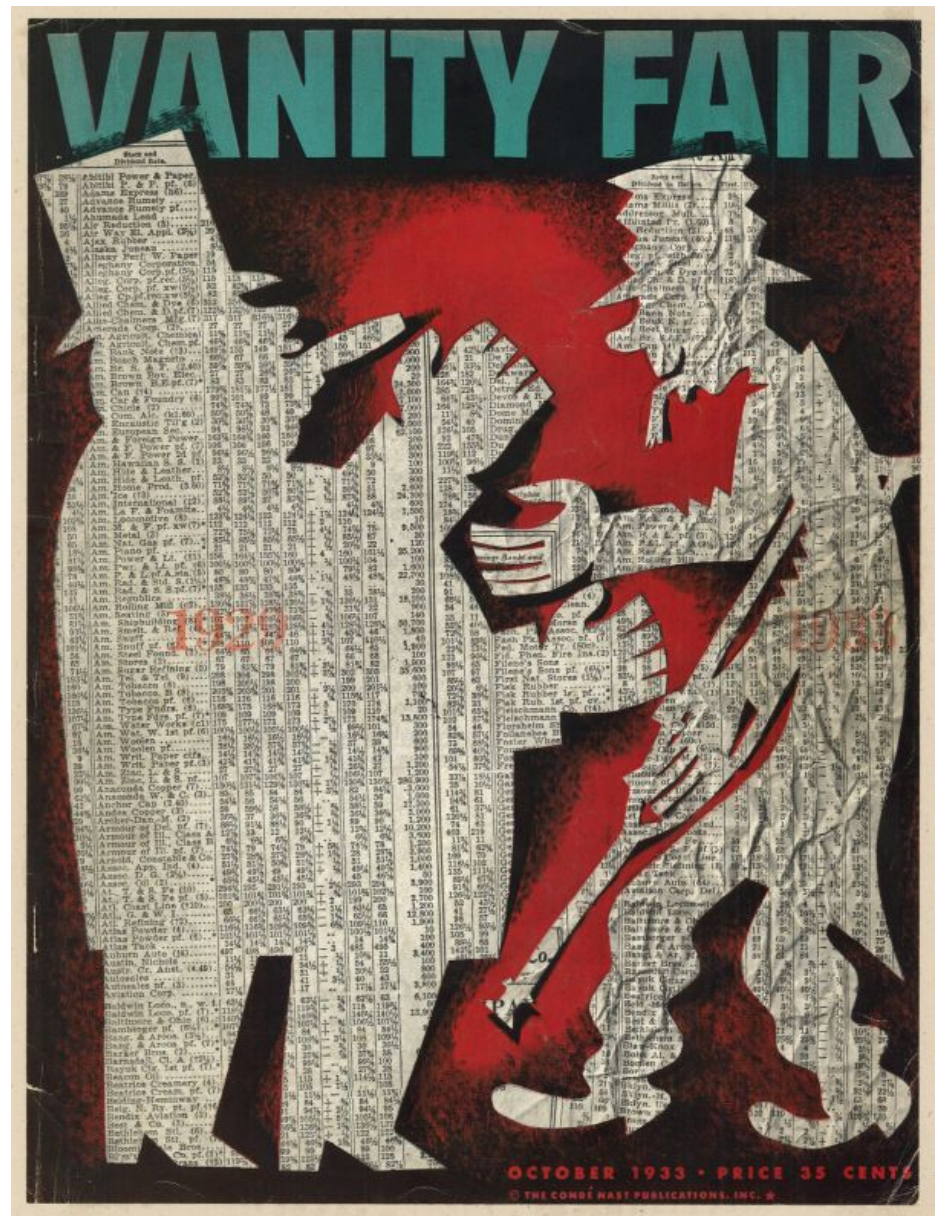
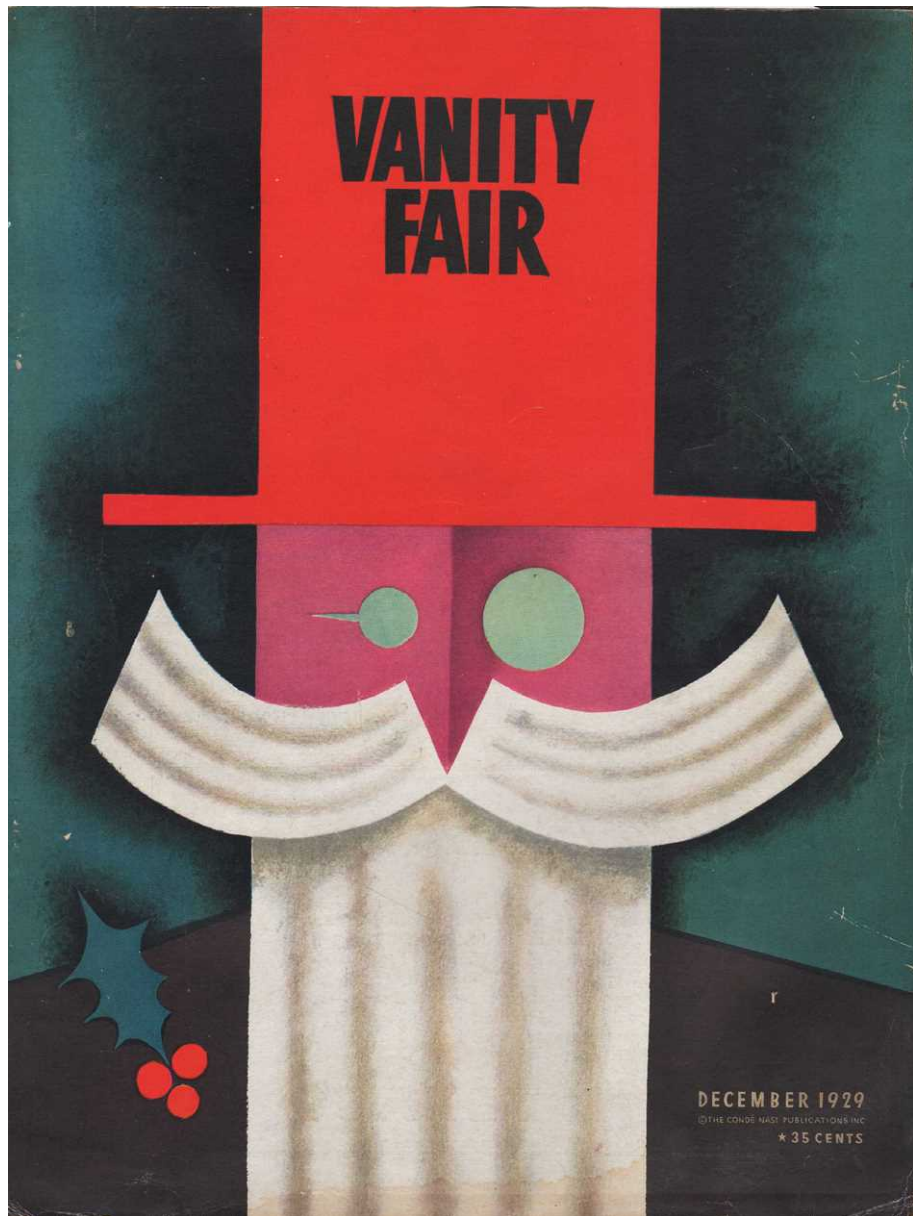




Jean Carlu, cartazista europeu: capas para a Vanity Fair, 1930 e 1931.







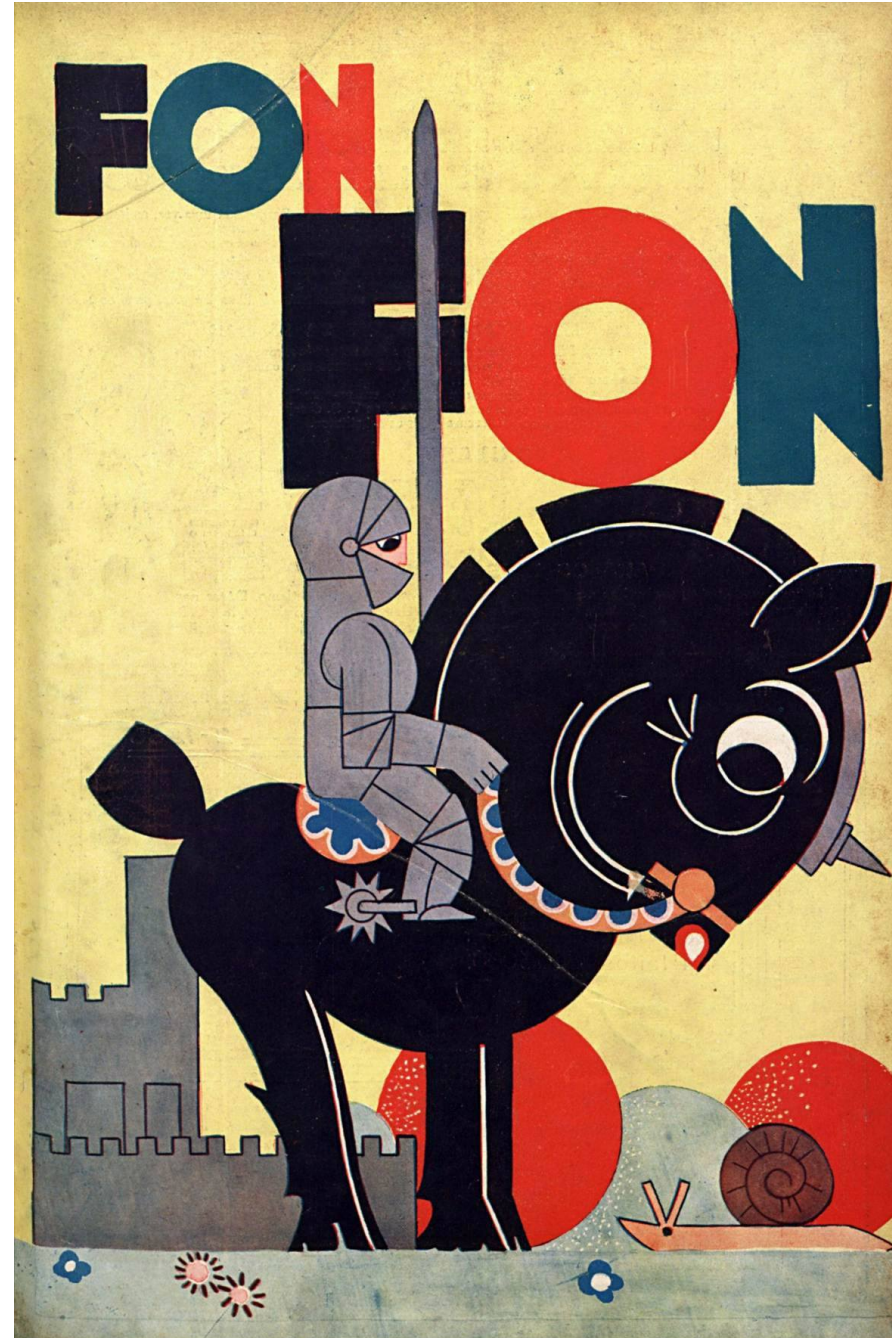
Miguel Covarrubias: capas para a Vanity Fair, edições de 1929 e 1933.





Fortunato Depero: capas para a Vanity Fair, ambas de 1930.





Ilustrações sem assinatura para as capas da Fon Fon, 1934 e 1935.





Modern Sketch (1934 – 1937)

Revista mensal chinesa de Shanghai. Tinha duas outras revistas “irmãs”: Modern Cinema e Modern Pictorial.

Foram publicadas 39 edições. A edição 29, impressa em 1936, teve recepção negativa de Xu Shiying, embaixador da China no Japão. Como resultado, as autoridades suspenderam a revista em março de 1936 e o editor Lu Shaofei foi detido.





Capas de Takeo Takei para a revista ilustrada japonesa “Kodomo no kuni”(Children’s Land) (1922 – 1933)  
À esquerda, capa de 1926. À direita, capa de 1933.



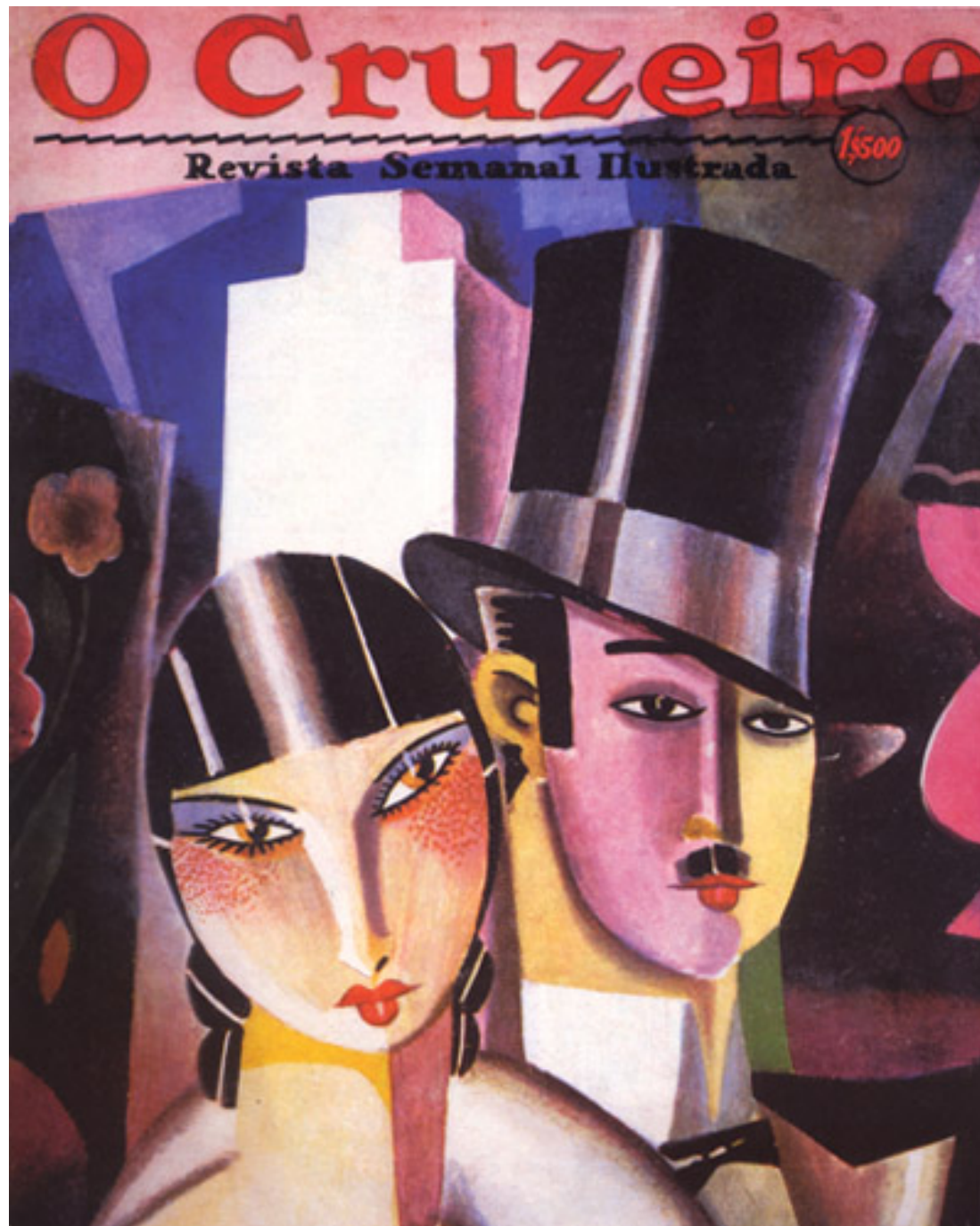


O Cruzeiro, ano I, n.1, capa de Manuel Móra (1928)



O Cruzeiro, capa de Manuel Móra (1929)





Trabalhos do artista plástico Di Cavalcanti, que também era ilustrador: capas para a revista O Cruzeiro.

Ao lado, capa de 1931.

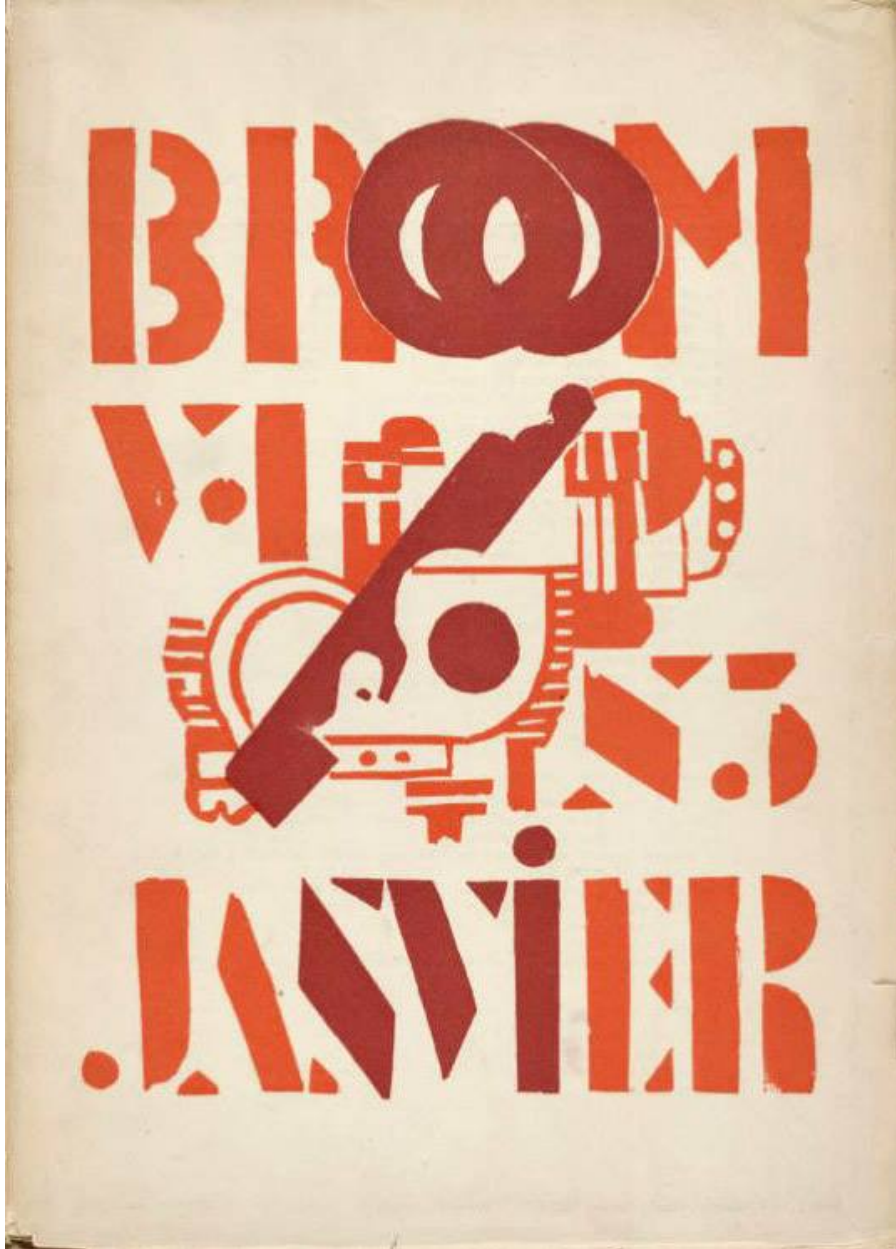
Acima, capa de 20 de abril de 1929.





Alceu Penna, “As Garotas” em O Cruzeiro. Alceu começou a trabalhar para a revista em 1933.



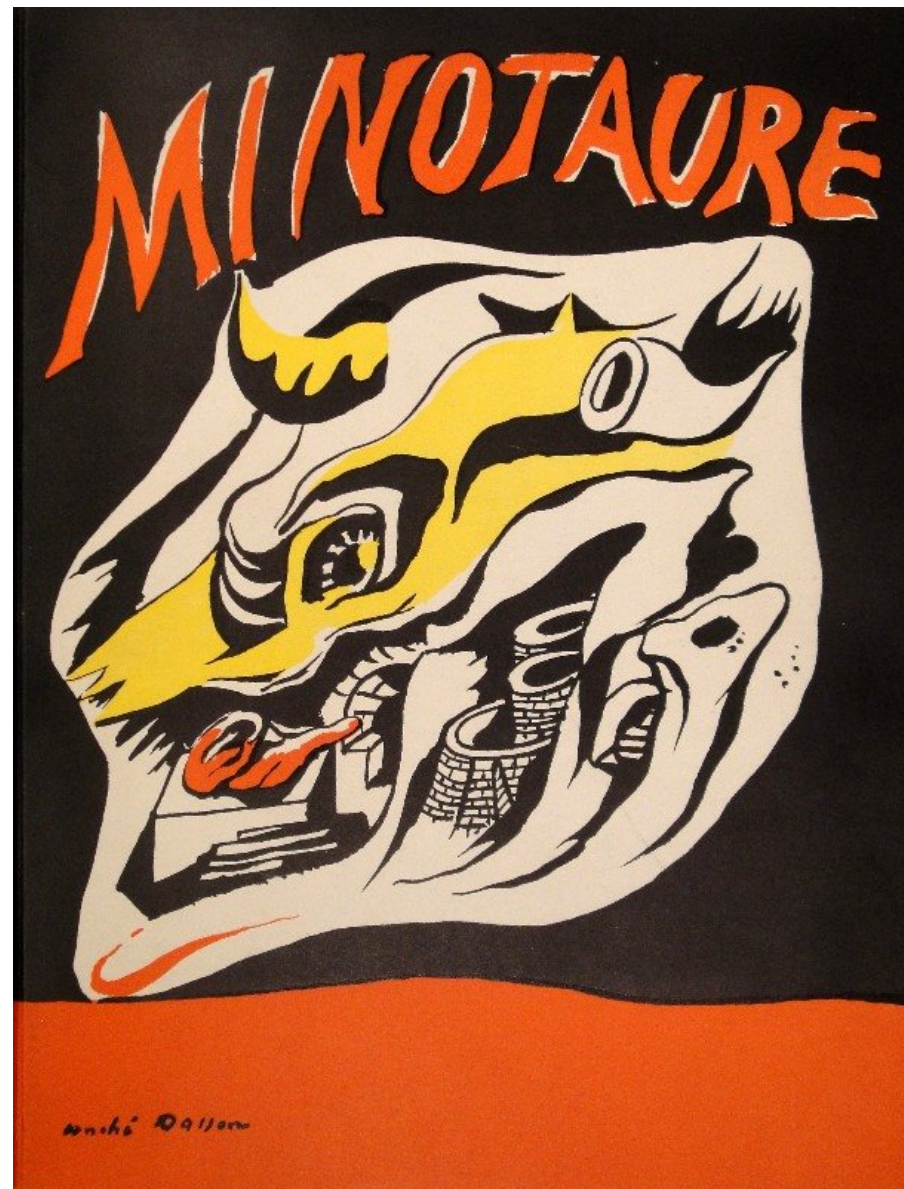
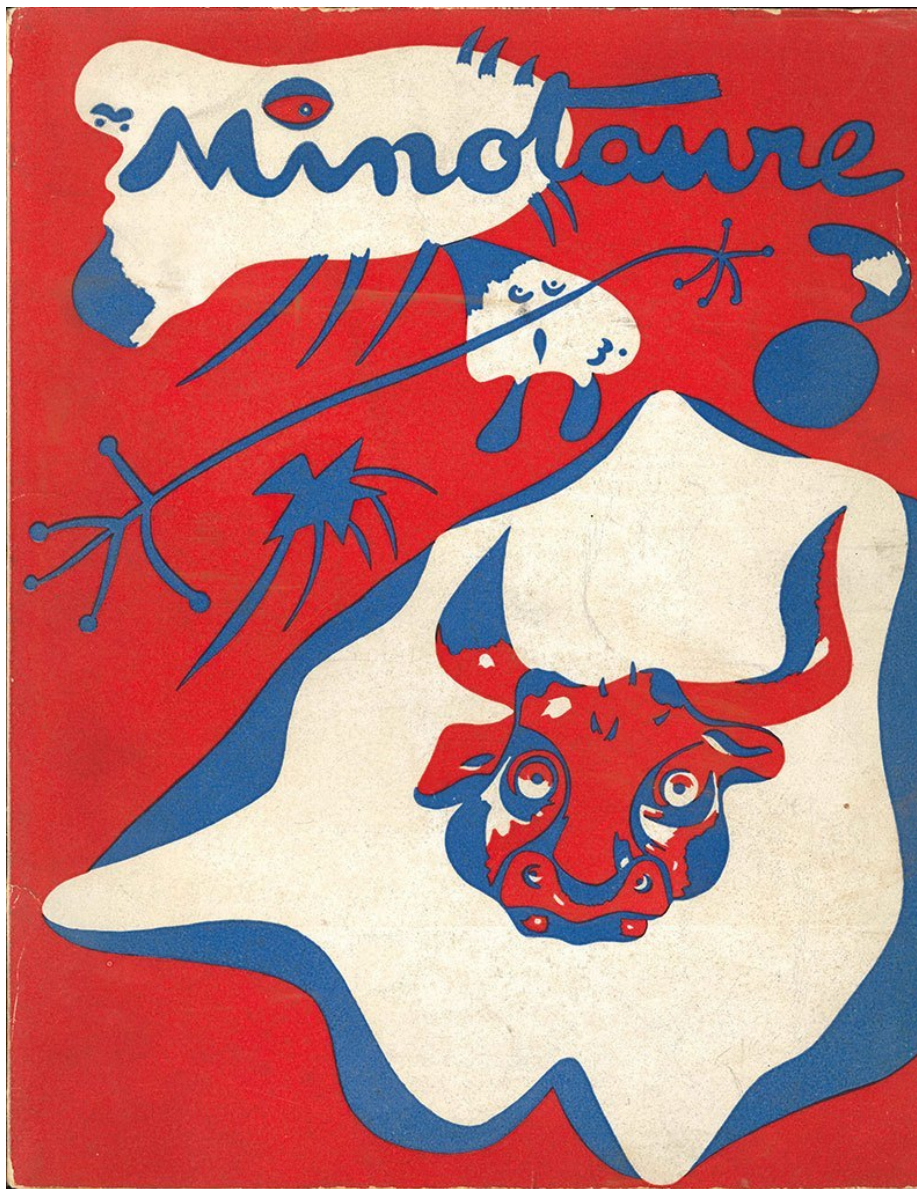


Capas da revista Broom – An International Magazine of the Arts (1921 – 1924)

Revista fundada por Harold Loeb e Alfred Kreyborg, que tinha a intenção de trazer mais arte vanguarda para os Estados Unidos.

À esquerda, xilogravura de Léger, 1922; à direita, capa de Ladiseaw Medges, 1922.





Minotaure (1933 – 1939)

Revista de orientação surrealista fundada por Albert Skira e E. Tériade em Paris. Publicou artes plásticas, poesia e literatura.

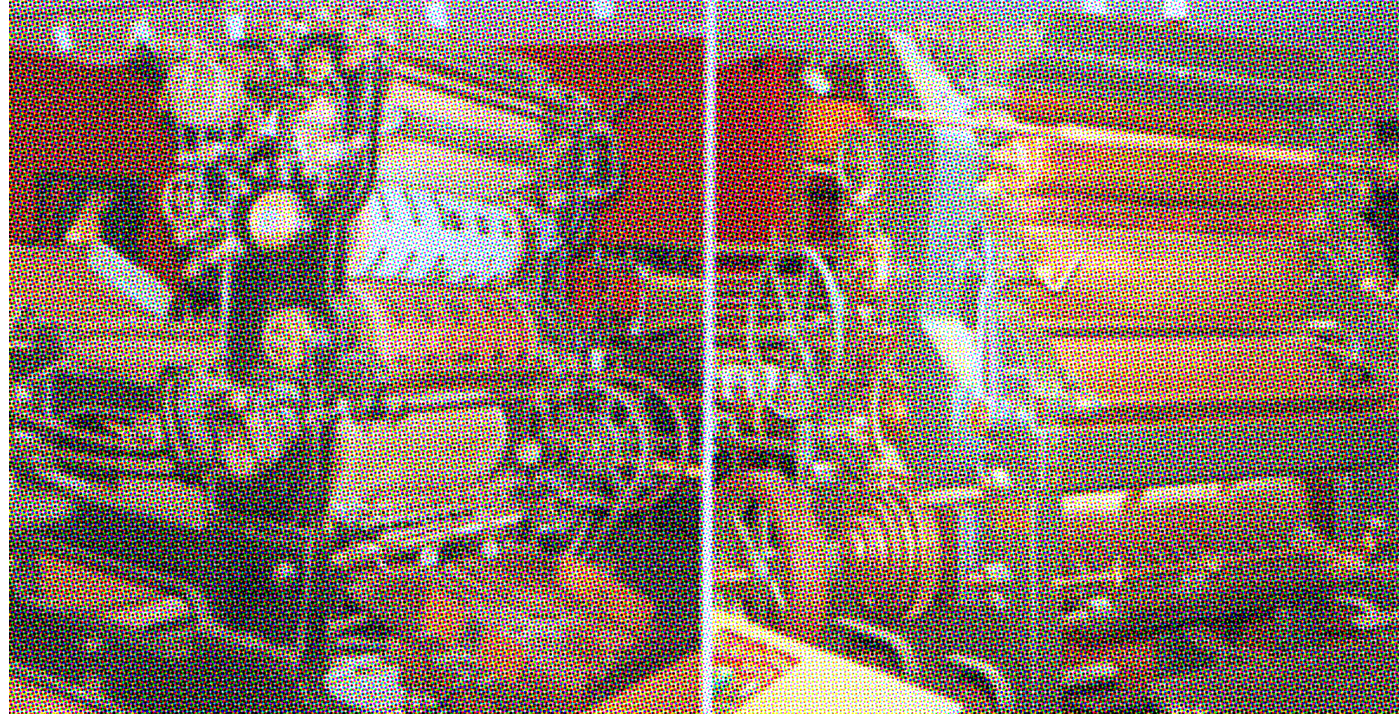
À esquerda, capa de Miró, 1935; à direita, capa de André Masson, 1939.



# **ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: ARTE & CULTURA**

**Aspectos Históricos – 1940 a 1980**





### **IMPRESSÃO OFFSET**

Processo cuja essência consiste na repulsão entre água e gordura (tinta gordurosa).

É a **impressão litográfica aperfeiçoada e automatizada**, porém com um fator diferenciado: é indireta e envolve três cilindros. Na impressão offset a imagem passa para outro cilindro intermediário com uma manta de borracha (blanqueta) e posteriormente a imagem é transferida da blanqueta para o papel.

Foi inventada, de modo quase simultâneo, por Caspar Hermann e Ira Washington Rubel em 1904. Só chegou ao Brasil na década de 1920, de forma lenta e pouco difundida. Ainda assim, em 1922 a Companhia Lithographica Ferreira Pinto, do Rio de Janeiro, importou a primeira impressora offset no Brasil. Em 1924 foi a vez da Gráfica e Editora Monteiro Lobato importar um equipamento offset, o segundo do Brasil e o primeiro da indústria paulista.

**Nas décadas de 1950 e 1960 as gráficas editoriais entraram de vez no offset**, assim como a imprensa logo em seguida adotou o equipamento, a começar pela A Folha de S. Paulo.





## IMPRESSÃO ROTOGRAVURA

Processo desenvolvido pelo austríaco Karl Klic em 1860, foi a grande revolução na produção de jornais e em especial revistas, desde a invenção do cilindro e o seu uso nas tipografias.

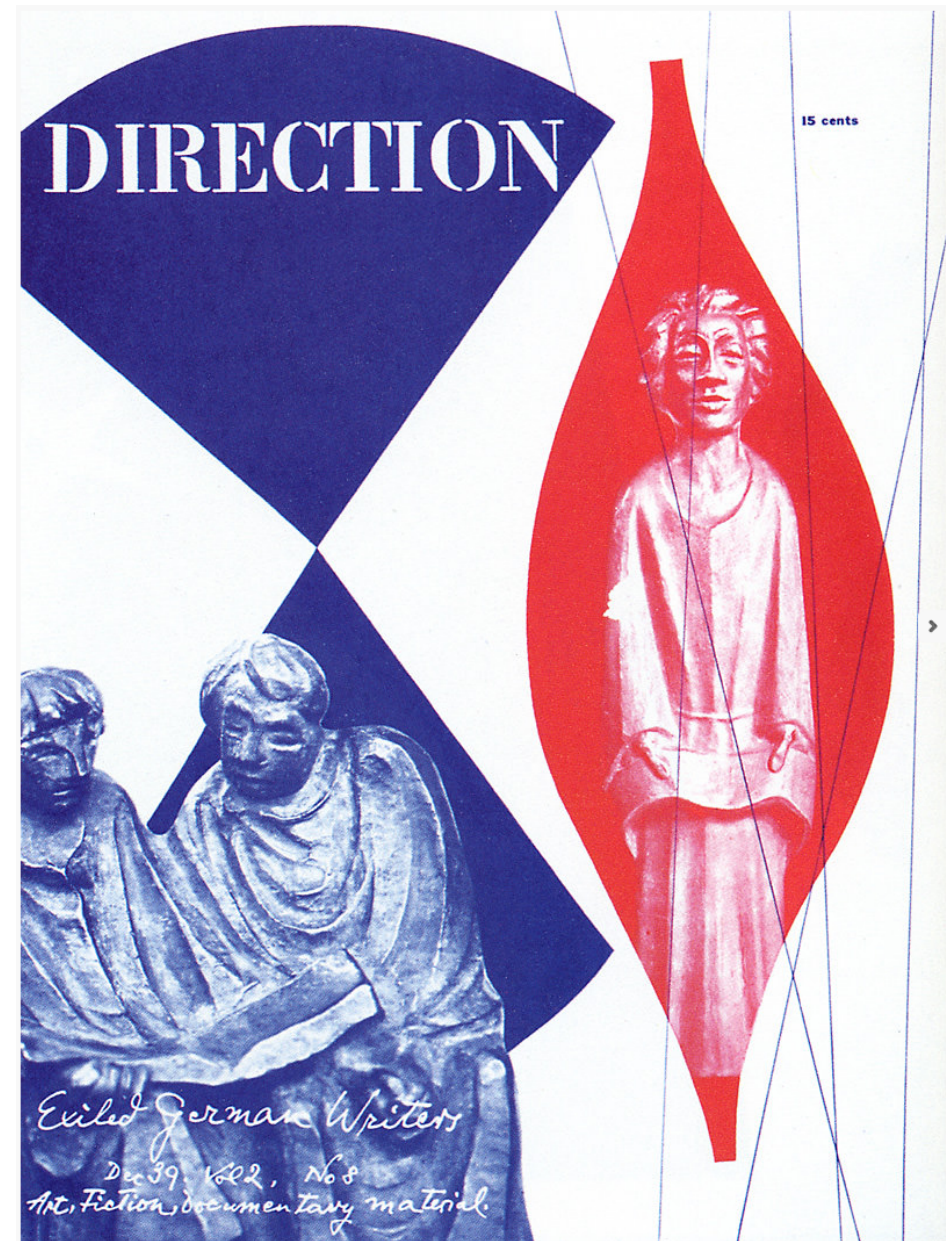
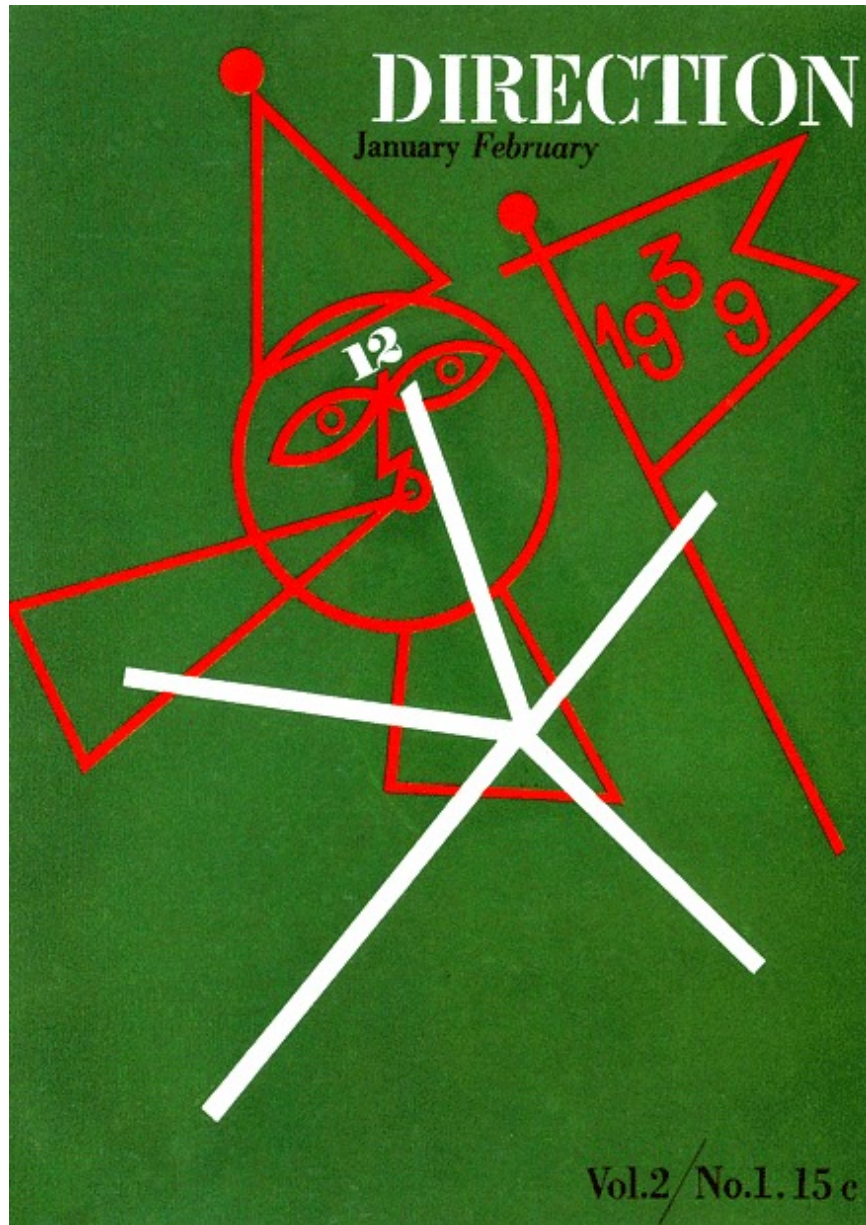
A sua introdução no Brasil no final da década de 20 representou inicialmente a **possibilidade de imprimir frente e verso em altas velocidades** e resultou numa qualidade de impressão uniforme (sendo esse o grande diferencial em relação aos processos de impressão em off-set com rotativas Marinori que vigorava na grande imprensa da época).

**O invento revolucionou a reprodução de imagens**, em especial fotografias, em revistas. Klic, que era fotógrafo, apostou na espessura da tinta para obter imagens em todos os seus pormenores e valores tonais.

**No Brasil, tudo indica que a técnica foi introduzida em 1928:** “O Cruzeiro que inaugurou a rotogravura na imprensa ilustrada nacional, (...) inaugurará em breve a rotogravura a cores (cromo-rotogravura)” (dezembro de 1930).

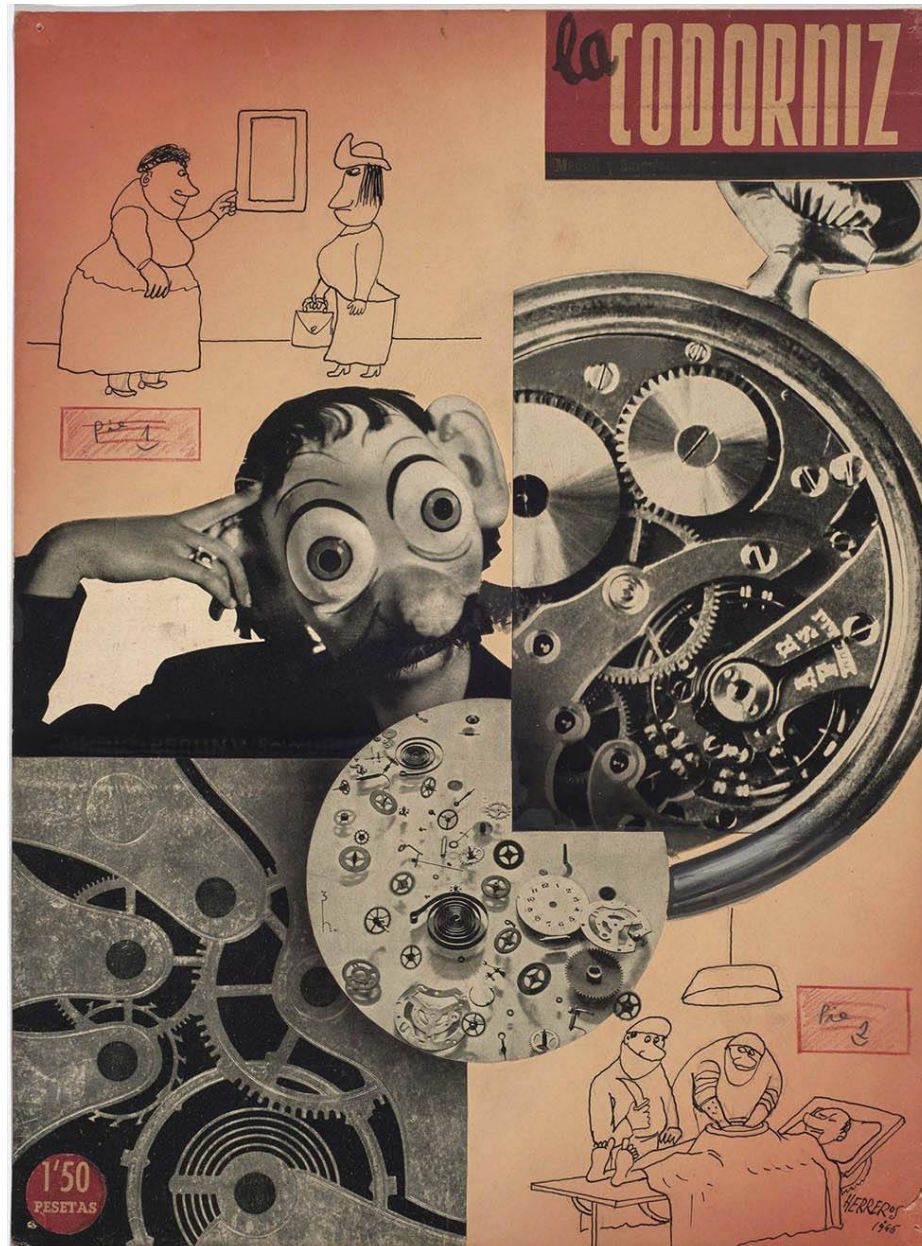
<http://portalimprensa.com.br/noticias/opiniaio/532/a+revolucao+da+rotogravura>





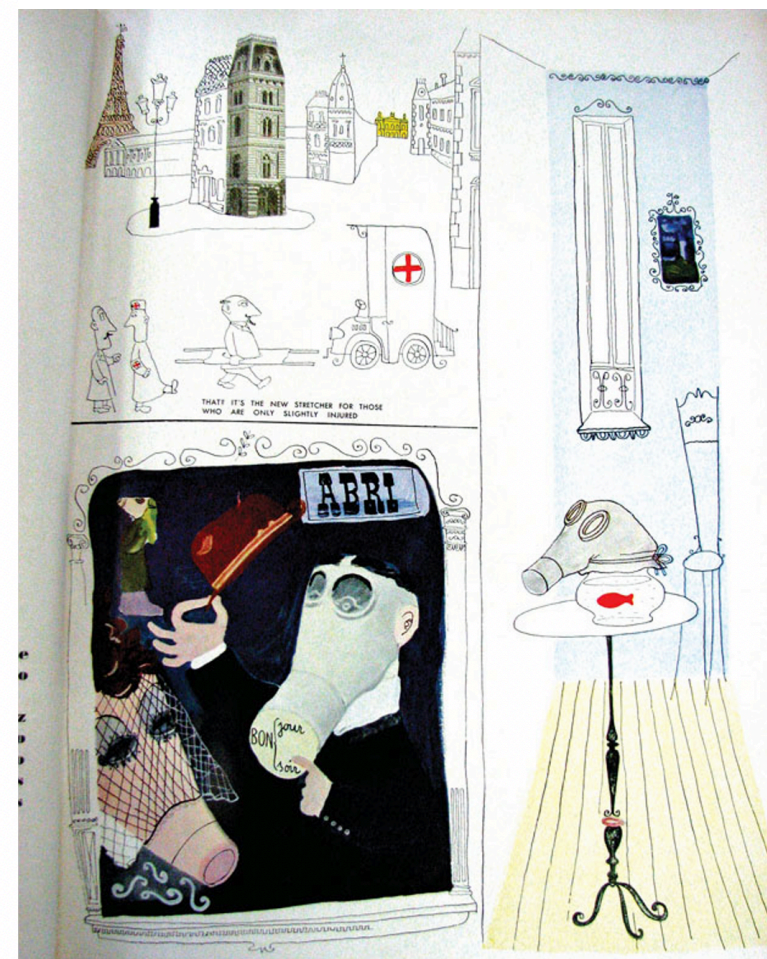
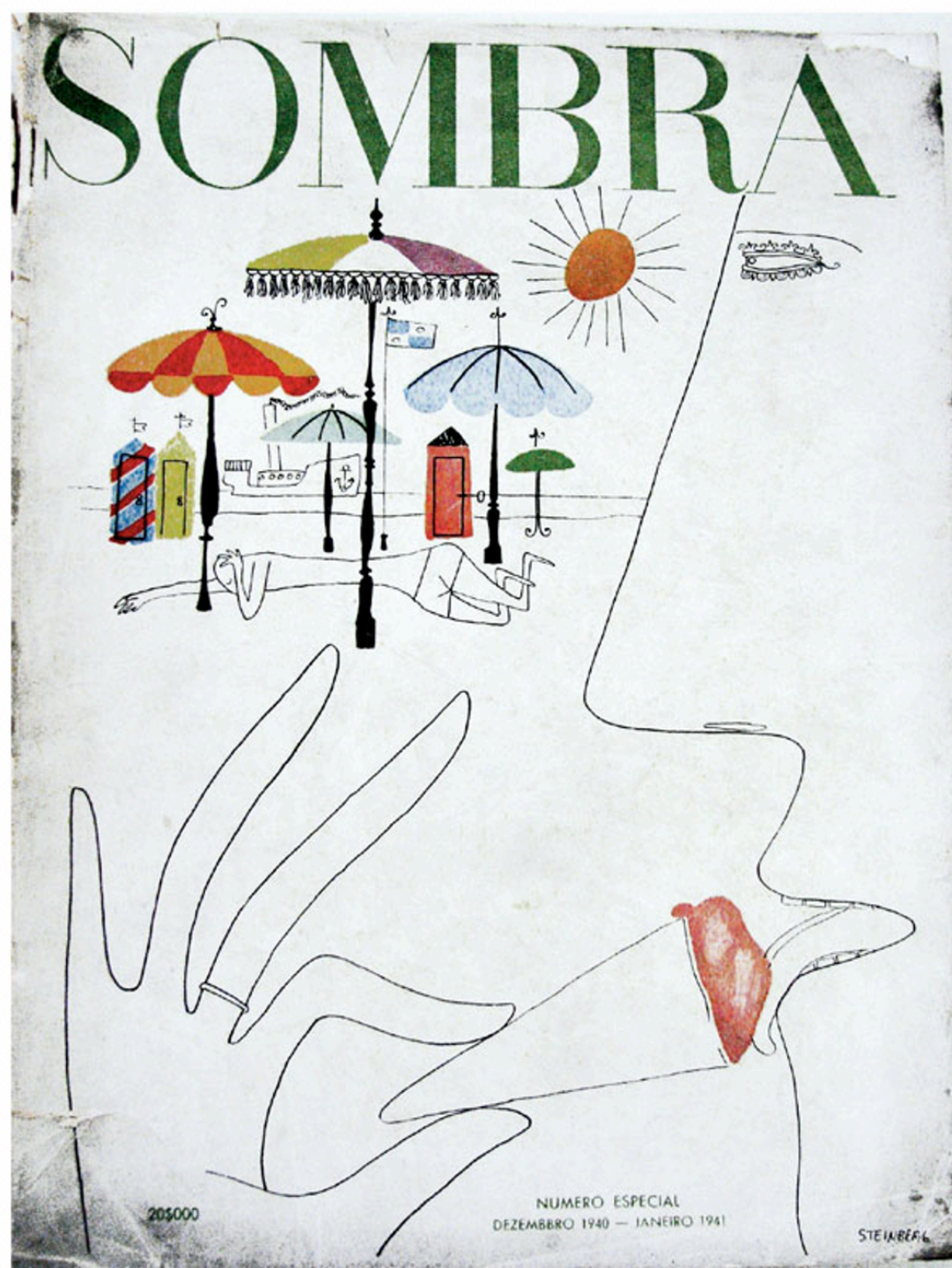
Capas de Paul Rand para a revista Direction, ambas de 1939.





Enrique Herreros: capas para a revista La Codorniz, ambas de 1946.





A primeira capa da carreira de Steinberg foi publicada na primeira edição da revista brasileira Sombra, dezembro de 1940 – janeiro de 1941.

Acima, uma das várias páginas com cartuns de Steinberg publicados na Sombra n.1.



## Contexto: Anos 50

“CINQUENTA ANOS EM CINCO” é o lema de quem tem pressa E o presidente JK tinha tanta pressa que conseguiu construir a nova capital do país em menos de cinco anos, fato sem precedentes no mundo. O sonho de Brasília marca a década, alimentado pela forte industrialização. Alinhar a cultura ao plano de desenvolvimento econômico e ao panorama internacional torna-se questão de Estado. A arte construtiva foi o passaporte para colocar o Brasil na modernidade. Não é possível falar em design modernista brasileiro sem falar em arte construtiva”.

(Chico Homem de Melo / Elaine Ramos, “Linha do tempo do design gráfico no Brasil”, Cosac Naify, 2011). Foto: Thomaz Farkas, 1959.





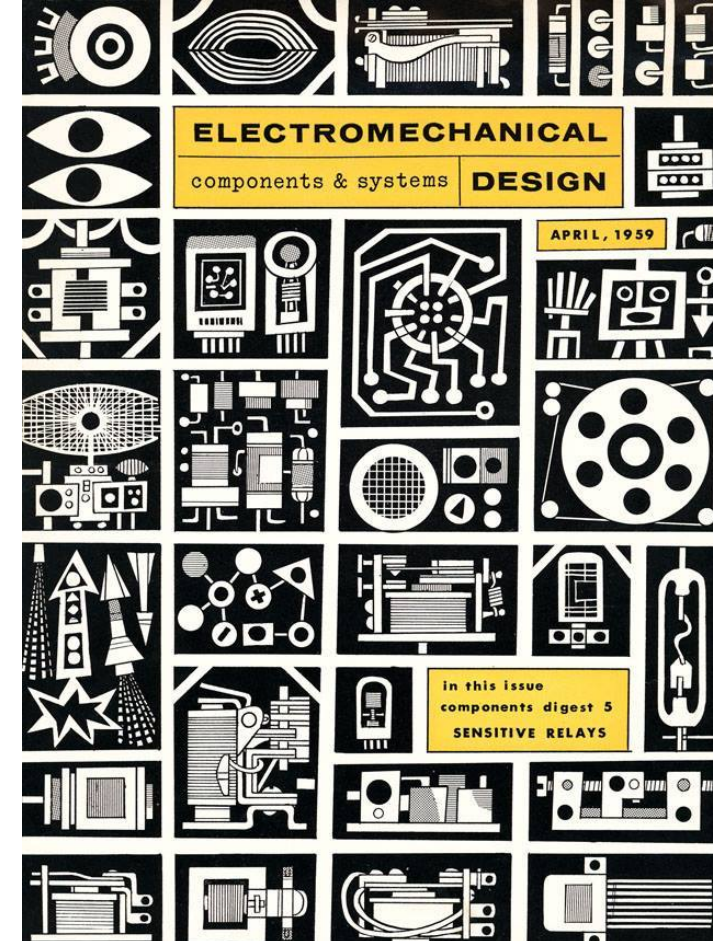


*In this issue:*

*What Has Happened to the Salesman*

*24 Paintings of U.S. Merchant Ships*

*How to Be an Employee*



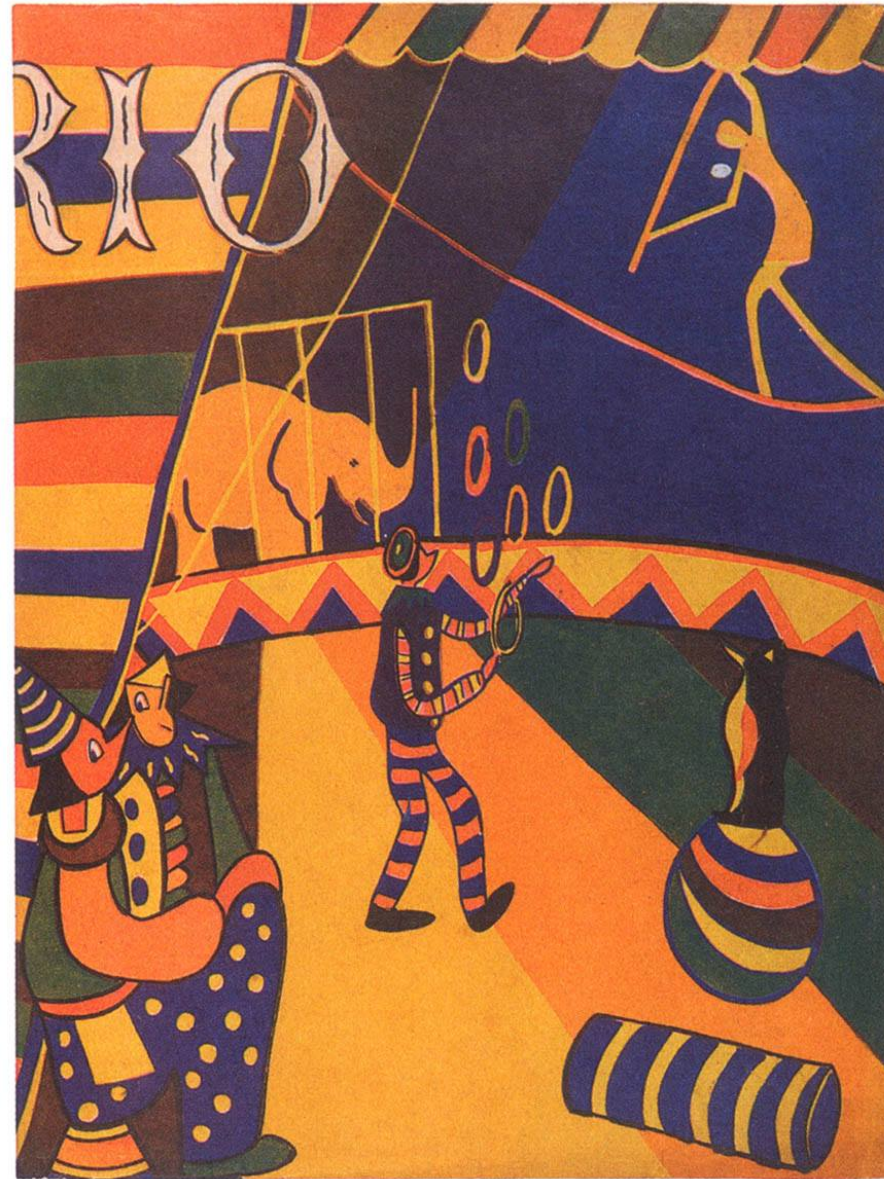
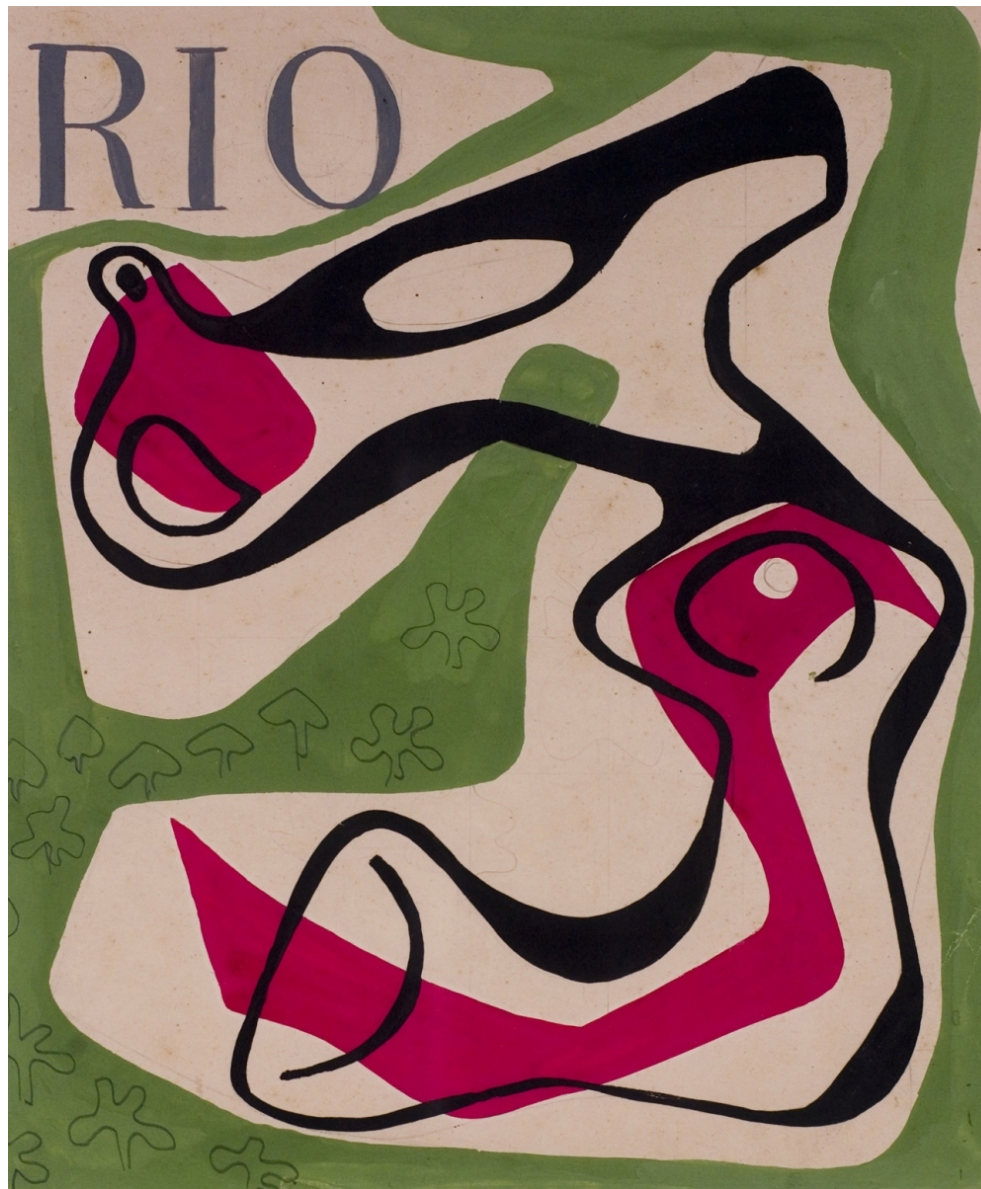
Jim Flora (1914 – 1998)

Mesmo em trabalhos para revistas de economia e assuntos técnicos, sua ilustração era leve e imaginativa. Flora é muito conhecido pelas capas de disco de jazz das décadas de 1940 e 1950. Também foi um ilustrador comercial prolífico e autor e ilustrador de 17 livros infantis.

Ao lado, à esquerda, capa para a Fortune, 1952.

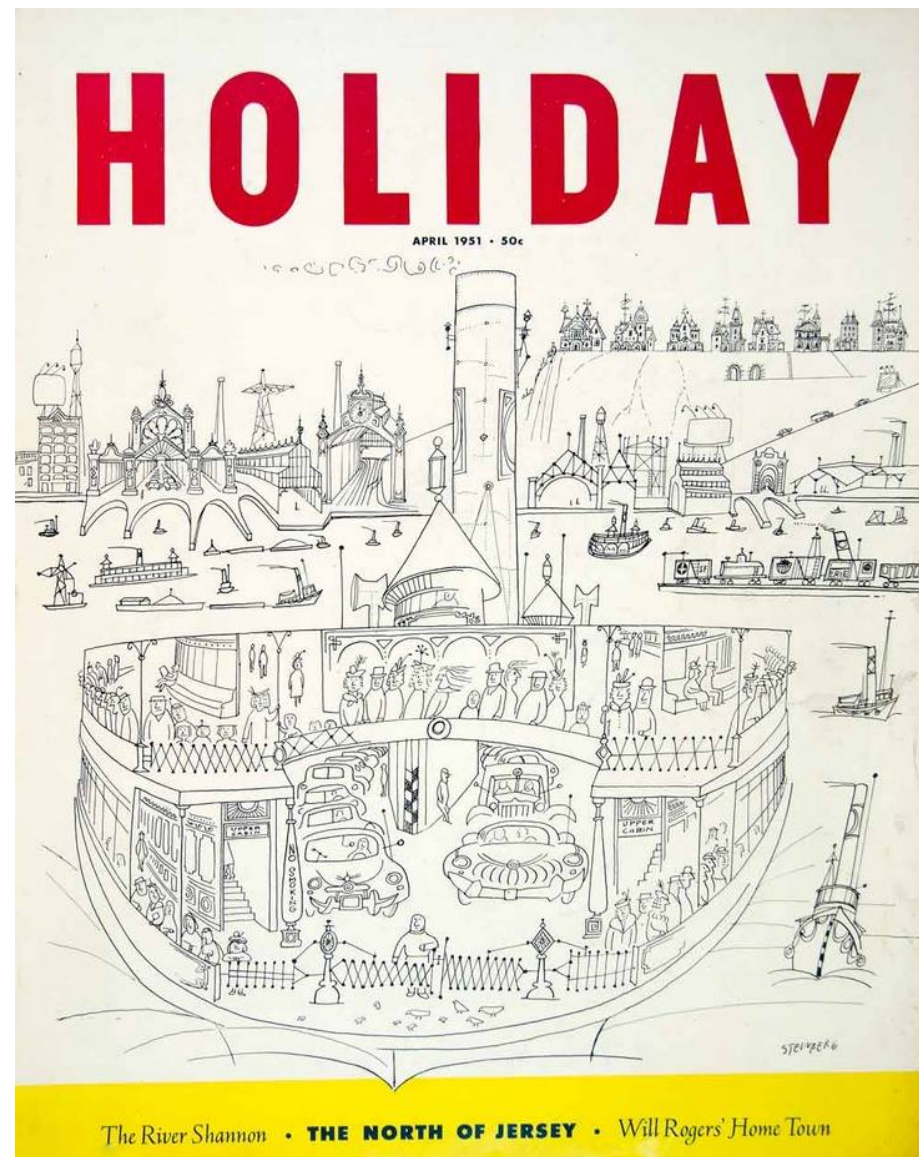
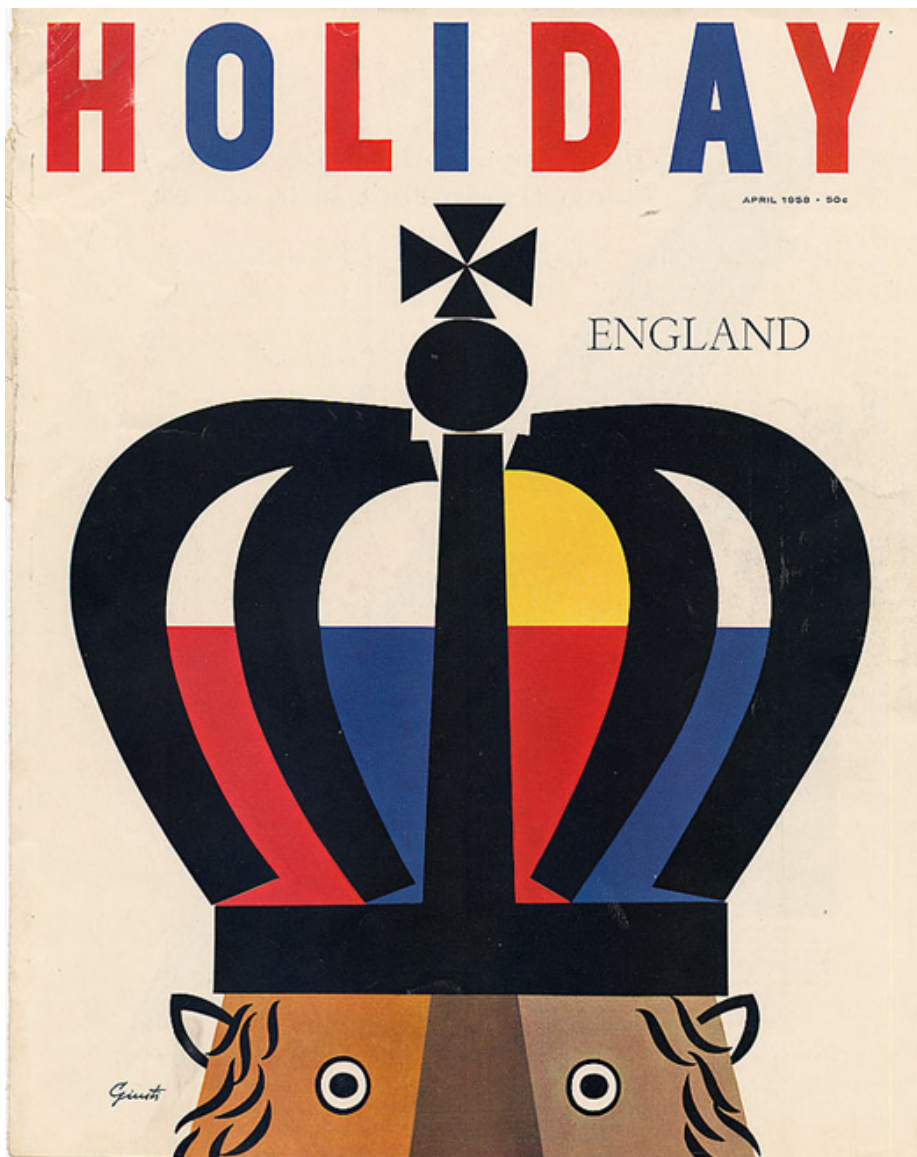
Acima, capa para a revista Electromechanical Design, 1959.





Capas da revista Rio.  
À esquerda, capa de Burle Marx, 1953. À direita, capa de Habina, 1946.

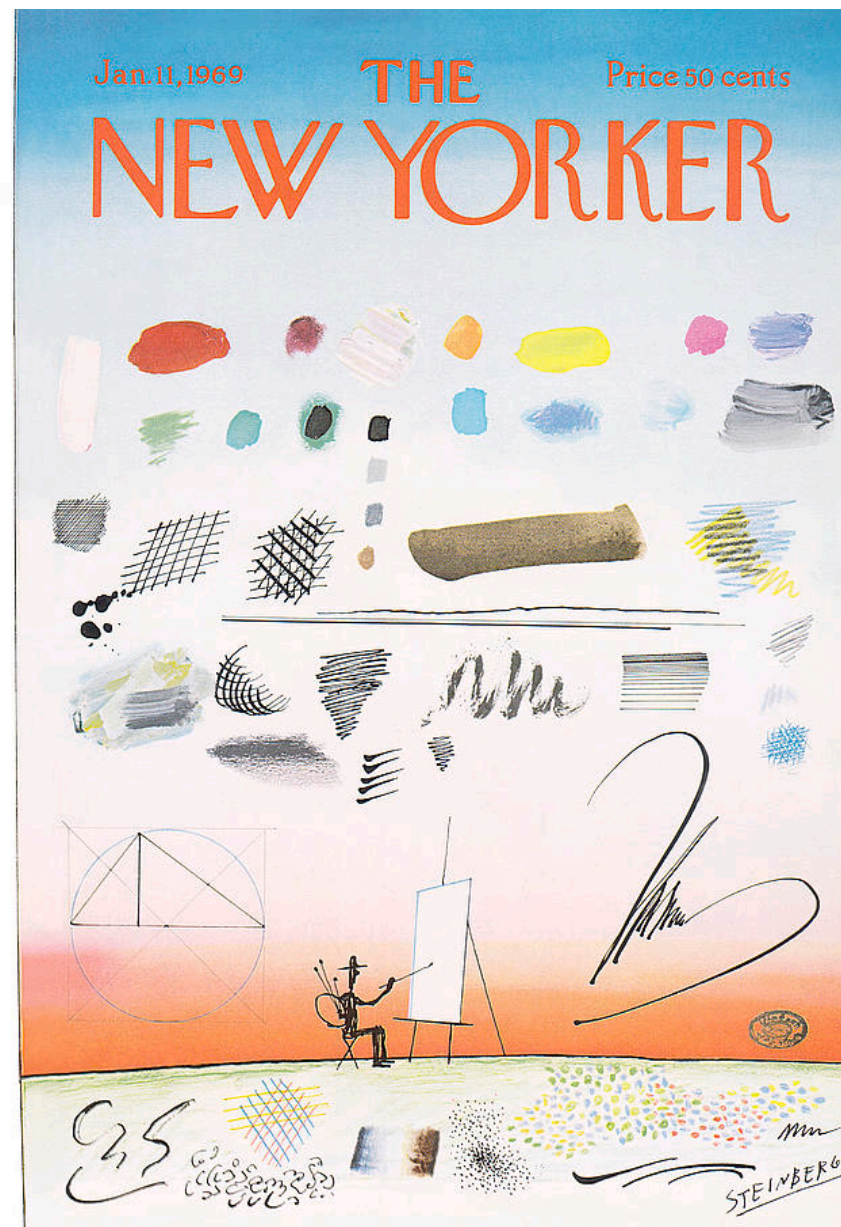




Capas da revista Holiday.

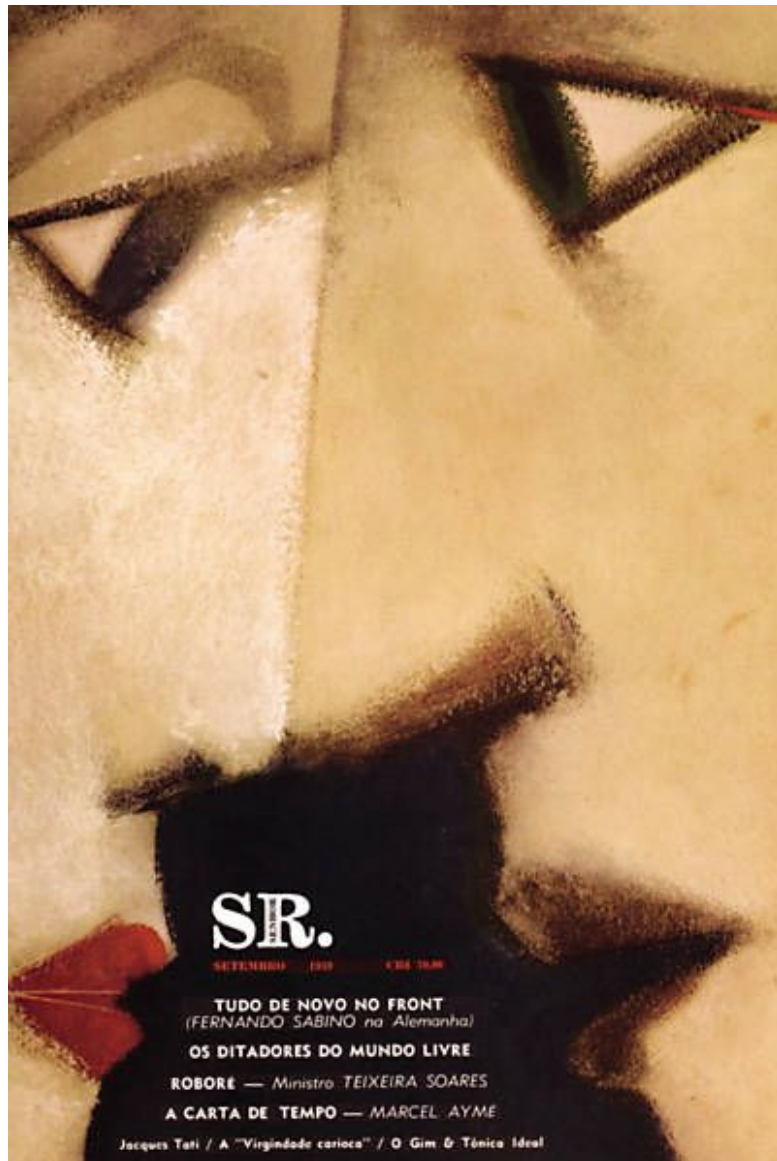
À esquerda, capa de George Giusti (1950). À direita, capa de Saul Steinberg (1951)





Capas de Saul Steinberg para a revista The New Yorker, 1964 e 1969.





Senhor (1959 – 1964)

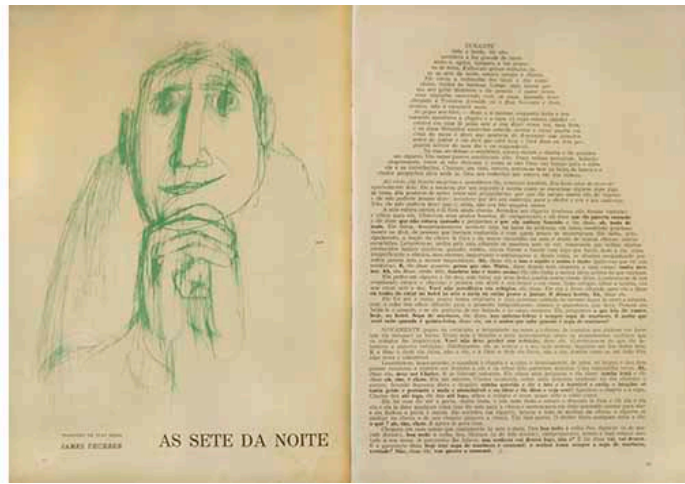
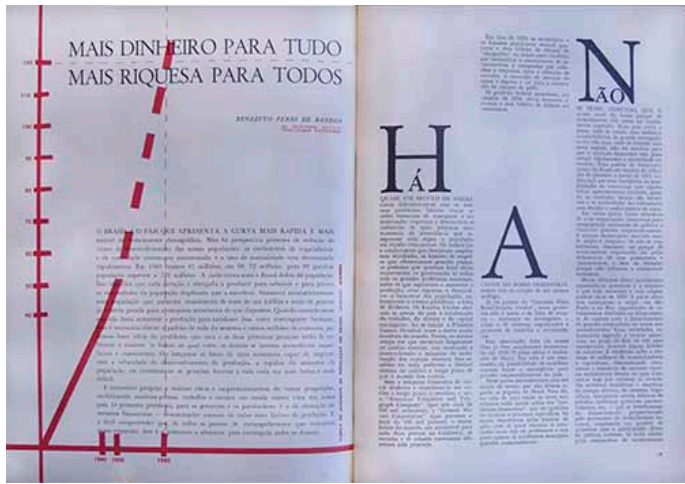
Depois do importante e mais conhecido momento inicial, ainda teve mais duas fases: de 1971 a 1972; e de 1978 a 1988.

A revista trazia qualidade e refinamento aliados à aptidão para o mercado. O director de arte foi o artista plástico Carlos Scliar, que definiu um padrão inédito em revistas brasileiras. O projeto editorial era calcado no jornalismo cultural, de visão ampla e postura crítica.

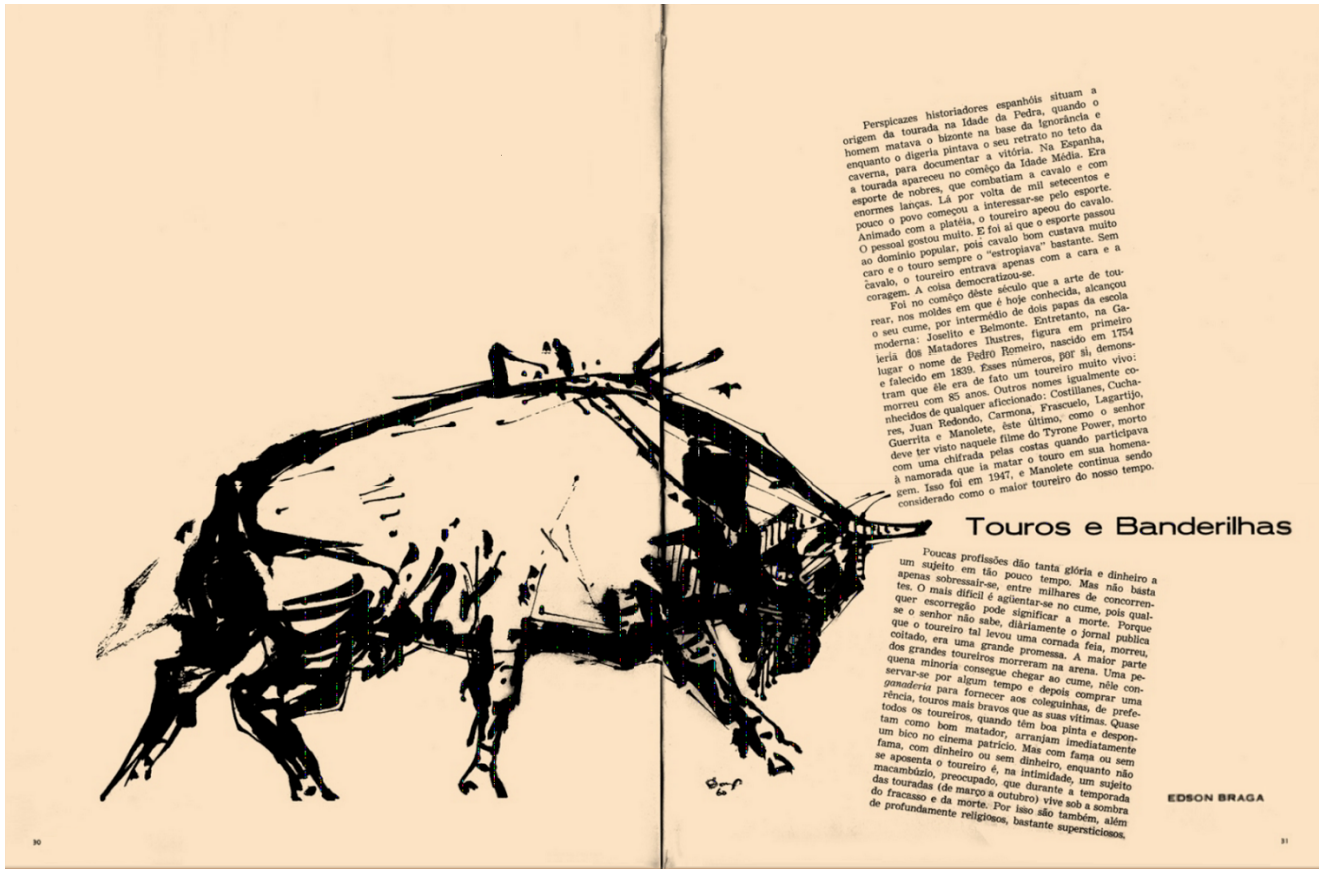
Ao lado, capa de Carlos Scliar, 1959.

Acima, algumas capas da revista.





Páginas internas da revista Senhor. No alto, na imagem central, ilustração de Ziraldo Alves Pinto. À direita, página dupla de edição de 1963, ilustração de Darel Valença Lins.







Bea Fleiter (1938 – 1982)

Foi uma designer e diretora de arte brasileira. Fez capas de livros, participou da revista Senhor e atuou em publicações internacionais como Harper's Bazaar, Ms., Rolling Stone e na edição de estréia da Vanity Fair. Sua vida foi interrompida abruptamente aos 44 anos por um câncer.

Bea teve sua primeira experiência com periódicos nessa revista: a experimentação permitida e a busca por inovação dos conceitos gráficos foram importantes para ela praticar e definir sua afinidade com a área.

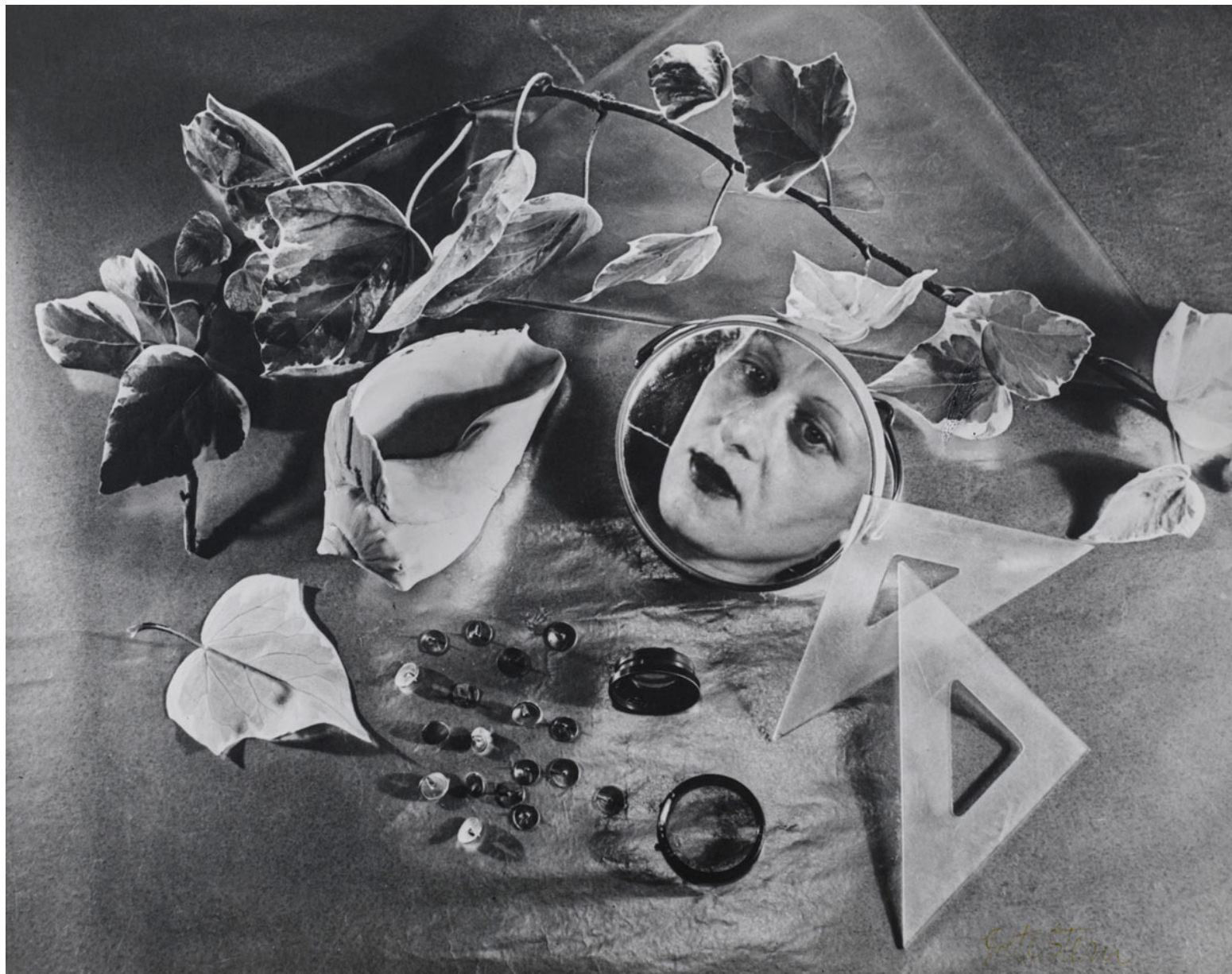
Capas da Bea Fleiter para a revista Senhor, 1960.





Depois que saiu da Senhor, Bea foi por dois anos assistente de arte na Harper's Bazaar. Posteriormente, alcançou o posto de co-diretora de arte com Ruth Ansel. Durante uma década inteira comandaram uma das publicações mais sofisticadas do mundo. Em 1972, deixou a Bazaar e fundou a revista Ms. ao lado de Gloria Steinem. Nessa publicação ela conseguiu abordar as perspectivas feministas da época e eliminou os estereótipos da "mulher do lar". Acima, capas da revista Ms., 1972 e 1973.





Grete Stern (1904 – 1999) era uma fotógrafa e ilustradora argentino – alemã. Como seu marido Horacio Coppola, ela ajudou a modernizar as artes visuais na Argentina. Apresentou a primeira exposição de arte fotográfica moderna em Buenos Aires em 1935. Acima, auto-retrato de 1943.





Em 1948, Grete começou a trabalhar para a Idilio, uma revista feminina ilustrada. Stern criou Los Soños, ilustrações para a coluna “El Psicianalisis le ayudara”. Os leitores eram estimulados a submeter seus sonhos para serem analisados pelo especialista Richard Rest. A cada semana um sonho era selecionado e ilustrado por Grete por meio da fotomontagem. Acima, capa da revista de 1950.





## Contexto: Anos 60

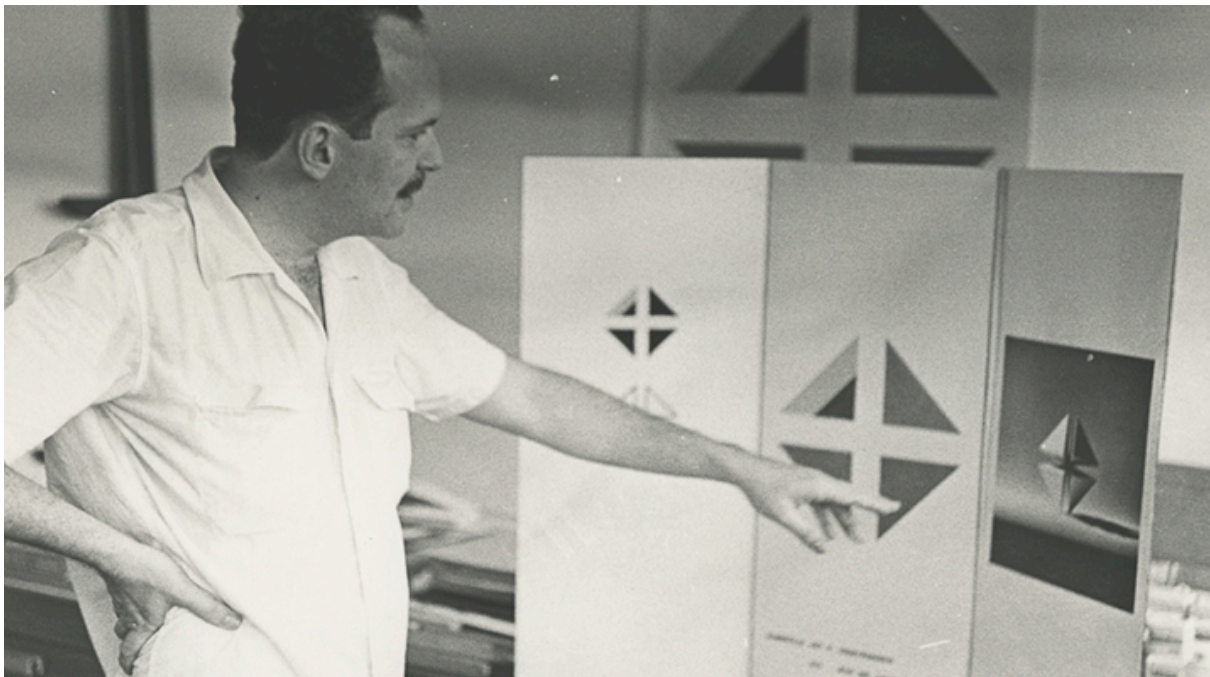
“O TEMPO RODOU NUM INSTANTE”, diz a canção “Roda Viva”, de Chico Buarque, apresentada no festival de música da TV Record de 1967. De fato, em poucos anos, as coisas mudam num ritmo nada menos do que alucinante: pílulas, drogas, contracultura; guerra no Vietnã, homem na Lua; ditaduras na América Latina; revoltas estudantis no mundo todo; bossa nova, MPB, jovem guarda, tropicalismo; Beatles e Woodstock; cinema novo; Teatro de Arena e Teatro Oficina. Tudo acontecendo ao mesmo tempo agora”.

(Chico Homem de Melo / Elaine Ramos, “Linha do tempo do design gráfico no Brasil”, Cosac Naify, 2011).

Abaixo, foto da passeata dos cem mil em protesto contra a ditadura militar com Eva Todor, Tônia Carrero, Eva Wilma, Leila Diniz, Odete Lara e Norma Bengell, Rio de Janeiro, 1968. Foto de Evandro Teixeira, que na época trabalhava para o Jornal do Brasil.







Na década de 60 ocorre um processo de **institucionalização do design modernista**.

1960 – Inauguração de Brasília

1962 – Curso da FAU-USP incorpora ao currículo o Desenho Industrial e Programação Visual.

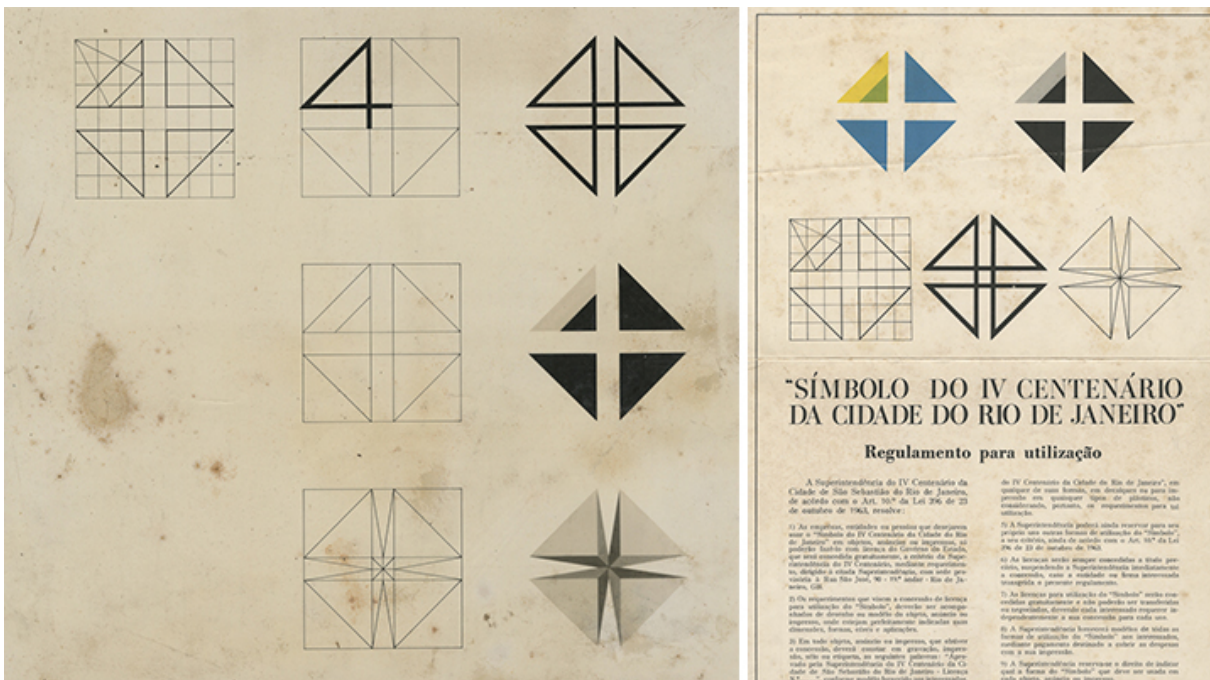
1963 – Criação da ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial), Rio de Janeiro.

1964 – Exposição de arte concreta, em São Paulo, e neoconcreta, no Rio de Janeiro.

1968 – Primeira Bienal Internacional de Desenho Industrial, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

“A grande instituição formadora do design modernista carioca foi a ESDI, mas a grande escola prática foi o escritório de Aloísio Magalhães” (Chico Homem de Melo).

Imagens: Aloísio Magalhães e o símbolo do IV Centenário do Rio de Janeiro, 1964.







## NINGUÉM É PAGO NA ILHA DE PAGO-PAGO

ASSIM uma sentença, assim um lastro. Aqui ancoradouro, ali pórtico, ali morto afogado. Casas esparsas morando o tempo de lembrar em casas. Um só, um sol, um ré, escalas musicais jamais tocadas. Quem correu sentiu-se estático, pois todos que eram bons pararam. Eu porém, que sou rendeiro, como carne de carneiro. Além, no entanto, só miragens. Aquém, como de praxe, apenas o passado. Nas laterais, as louras. Abaixo, o inferno. Acima, Deus, que é carne e osso. Zsa-Zsa, Zsa-Zsa, no entanto, olhou-me e disse tudo. Há um cão também, não há, ou só latidos? Era um Negrão, dos mais ministros. Erimanto Mortal amanheceu solteiro! Passado o canto só restava a prosa. Enquanto não vier o sanguessuga, flebotomize, amiga! Passo a passo, como nos rastros. Ouçamos com fervor, que é peixe ou fera. Hamlet morreu de rir, no fim do ato. Enquanto Arnaldo afronta, com peso e risco, com quinhão de ardência e sobretudo muito pé-de-pato, um pranto seco escorre da montanha. Um dedo que apontava era a pergunta. Uma boca insonora era a resposta. Há um sentimento assaz e

não é nada. Etimeu, Etimeu, onde o meteste? O pó da estrada é meu memento. Dos céus verdes a história não fala.

Game a Gunn, P a Pinati, Annu a Baltic, como nas enciclopédias. E que dizer dos pastos? E a aurora de Deus, dada e tomada? E o Santo Episcopo, de tão boas intenções, apanhado, contudo, em pleno ato? Se é mósca a voar, inda mais fácil. Diz na verdade: há santos escondidos sob a cama? Há pecadores amando sob o altar? A luz que treme, treme porque brilha ou brilha porque treme? Responde ainda: com quantos passos se faz uma pessoa?

Houve um dia, quando não sei, em que Virgílio, o da Divina Comédia Dell' Arte, suspeitoso já de tudo e dos amparos, avisou à prole que partia e pegou oitocentos e quatro e trinta e oito. E disse mais: que o sábio é tolo quem vem de lá pra cá. Que as antas, de pobres, se perderam. Que as feras, de fome, já nem comem. E triste, por ser triste. Sensação de vazio a turbamulta. Sentimento de posse sem desvios. E Alibocara, em Medina, o seu profeta.

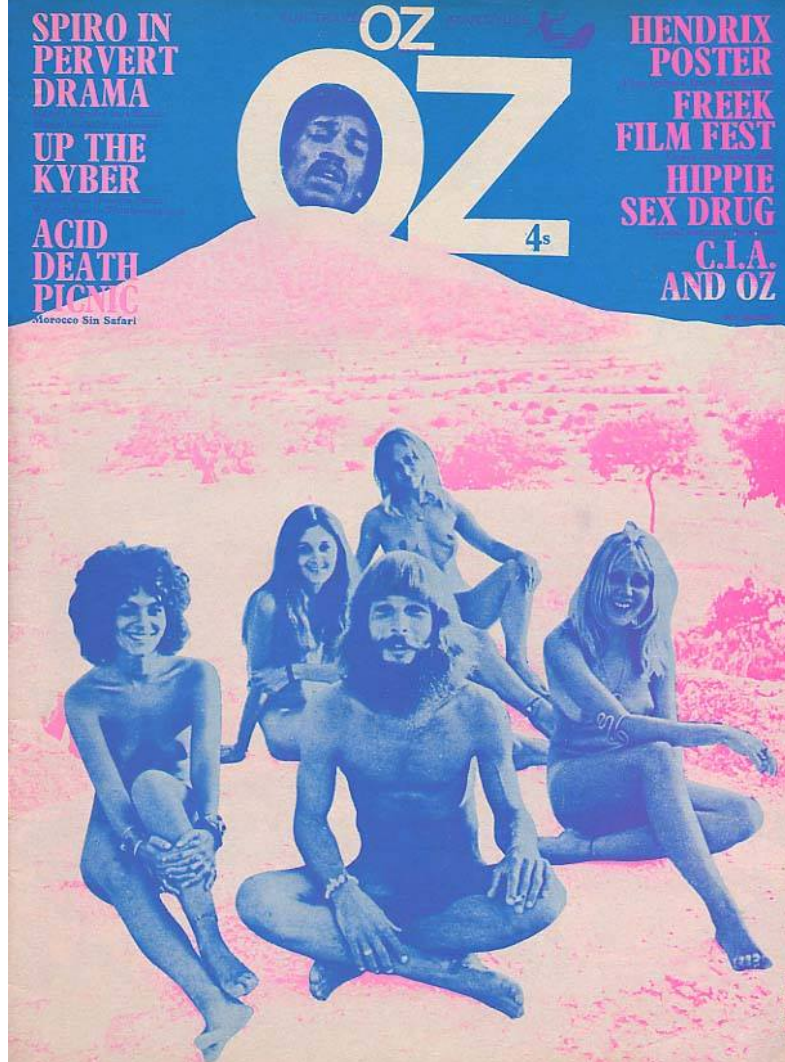
Emmanuel Vão Gógo





Millôr: arte original pra coluna Pif-Paf, O Cruzeiro, 1961. Publicada no catálogo "Millôr: obra gráfica", IMS, 2016.

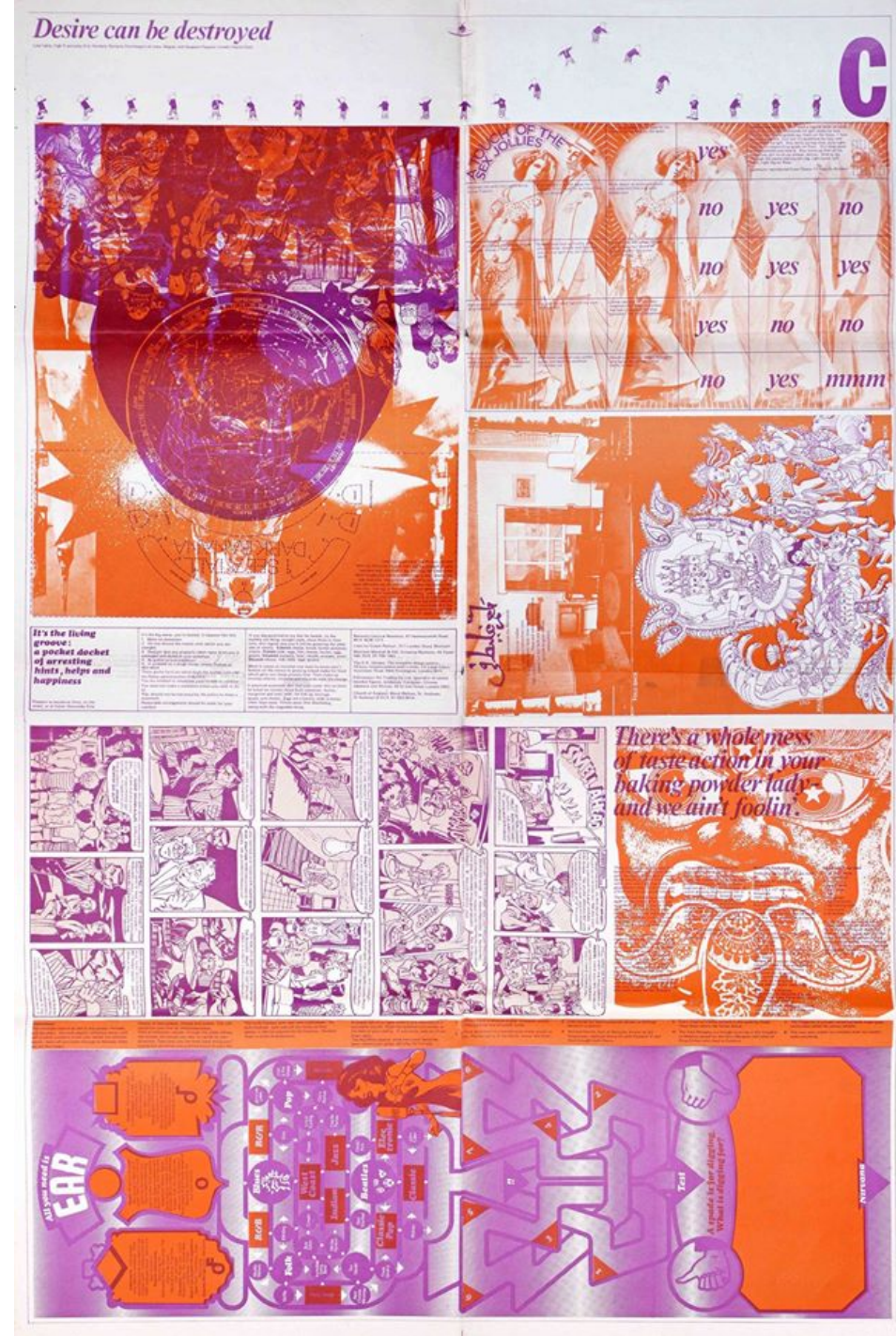




Oz era uma revista publicada independentemente e associada à contracultural internacional da década de 1960. Foi publicada pela primeira vez em Sidney em 1963, e teve uma versão paralela lançada em Londres em 1967, durando até 1973.

Acima, capa com foto de Karl Ferris, 1970.

Ao lado, arte de Colin Fulcher (aka Barney Bubbles), "Existence is Unhappiness", poster da Oz no.12, 1968.







The East Village Other / EVO: Jornal underground americano da cidade de Nova York, publicado quinzenalmente durante a década de 1960. Durou de 1965 a 1972.



# THE east village OTHER

3-ARMS SEZ: Vol. 16 No. 18 March 30, 1971



REMEMBER!



SELECT A PLACE WITH  
PLENTY OF SUNLIGHT. A  
SOUTHWEST HILLSIDE IS FINE.



SEE THAT THEY HAVE  
ENOUGH WATER, BUT NOT SO  
MUCH AS TO DROWN THEIR ROOTS.



PLACE THEM ABOUT 16 INCHES  
APART FOR MAXIMUM BRANCH  
AND LEAF GROWTH.



THEN HAVE A JOINT,  
BROTHER!!!

IT'S TIME TO PLANT  
THOSE SEEDS YOU'VE  
BEEN SAVING!



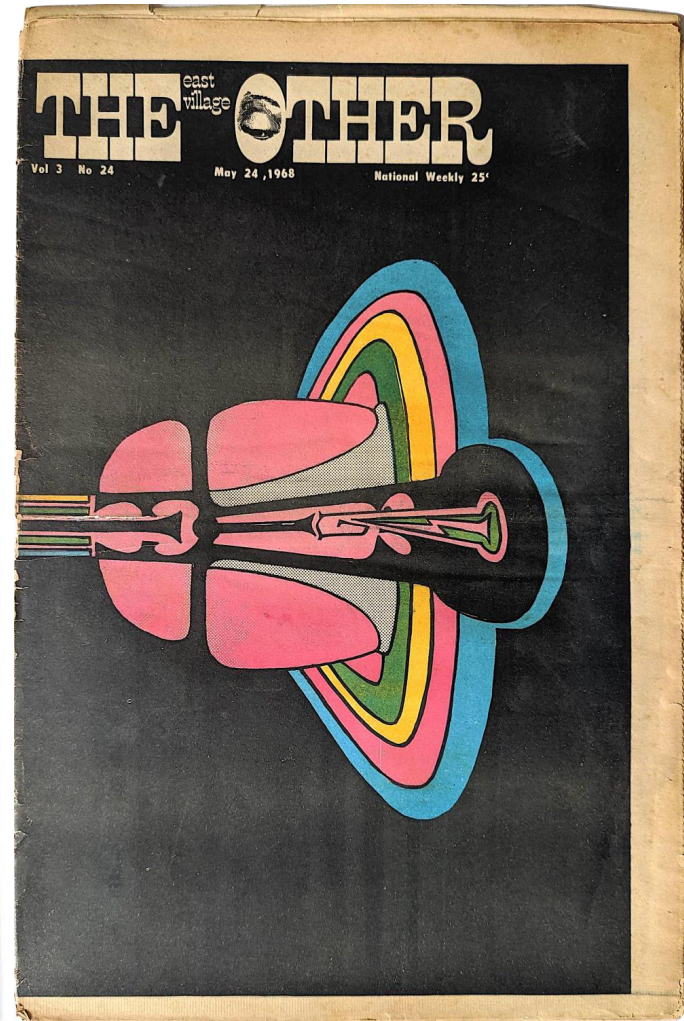
"GOD MIGHT HAVE MADE GRASS A TREE, OR RARE BUSH, BUT  
HE MADE IT A WEED THAT'LL GROW ANYWHERE! ALMOST  
LIKE HE WAS TRYING TO TELL US SOMETHING!"

~ CAPTAIN GREGG ~

AND DON'T FORGET WHERE YOU PLANTED THEM!!

25¢ NYC

35¢ OUT



Duas capas do The East Village Other: HQ  
underground, ficção científica e psicodelia.

À esquerda, capa de edição de 1971.  
Acima, capa de Spain Rodriguez em edição de 1968.  
À direita, capa de edição de 1968.





ZAP Comix, revista criada em 1968 por Robert Crumb, e que logo teve a participação de Moscoso, Spain, S. Clay Wilson, Robert Williams, Rick Griffin e Gilbert Shelton. Acima, capa de Moscoso para a quarta edição.

“Quando Crumb fez a primeira Zap, isso simplesmente atingiu toda a cena underground como um furacão”(Spain).





Maio de 1968: “É sem dúvida um movimento de jovens (...) Apesar da falta de rigor ideológico, tão lamentada pela esquerda tradicional, é uma luta anticapitalista, sendo ao mesmo tempo uma luta contra o autoritarismo, o racismo, o machismo, o militarismo, o burocrativismo, o moralismo e o consumismo.” (Rogério de Campos, ZAP Comics)

Foto: trabalhadores da fábrica de automóveis Nanterre Citroen participam da manifestação organizada pelo sindicato dos trabalhadores franceses da CGT em maio de 1968. Fonte: upr.org



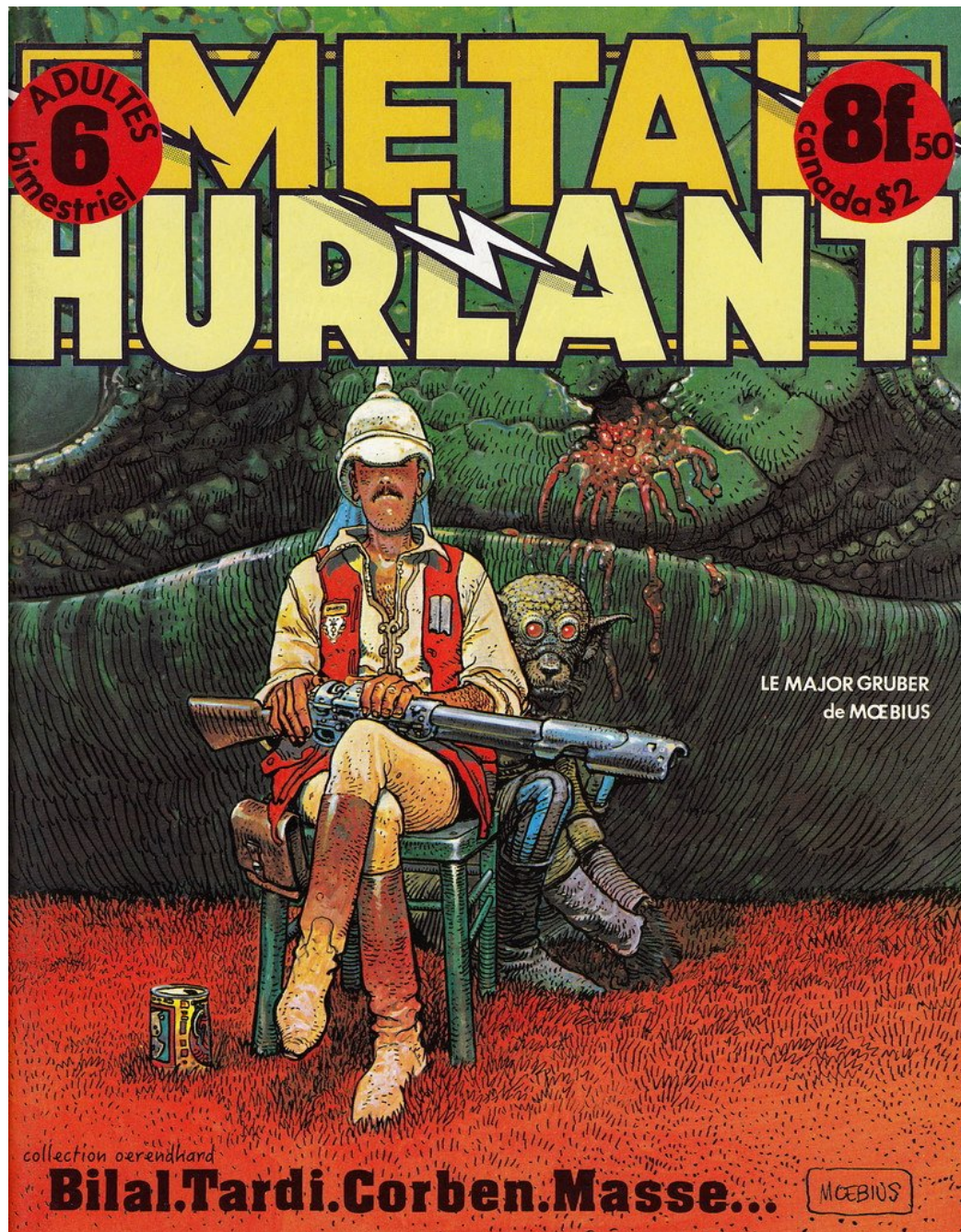


Ty i ja (1960 – 1973)

Revista mensal polonesa de cultura. O conceito gráfico foi criado por Roman Cieslewicz. À esquerda, capa de Jan Lenica, 1972.

Acima, capa de Henryk Tomaszewski, 1968.





Moebius / Jean Giraud (1938 – 2012)

À esquerda, capa para a francesa Metal Hurlant, 1976.

Acima, capa da americana Heavy Metal, 1977.





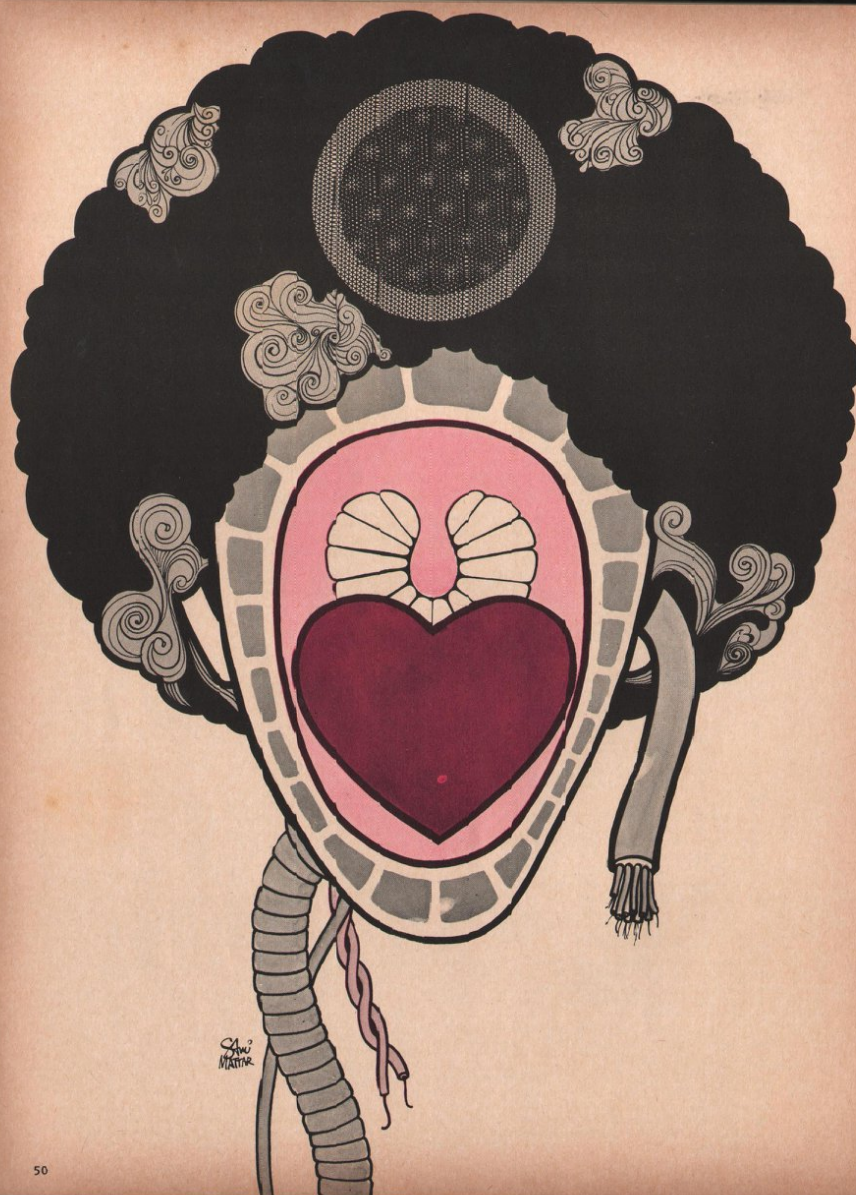
Capas de Milton Glaser para a The New York magazine, 1976. Uma das primeiras do gênero “lifestyle”, a revista foi fundada em 1968 por Glaser e Clay Felker para responder à competição da revista The New Yorker. O seu propósito era oferecer menos notícias nacionais e divulgar as novidades mais mundanas da cidade.





Benício: capas para a revista Xodó, editora Monterrey. A publicação semanal começou a circular nas bancas nos idos de 1968. Trazia contos de amor, sexo, violência e tinha 36 páginas. Na época o DOPS proibiu a circulação e mandou recolher nas bancas as edições 6 a 11, por motivo de atentado aos bons costumes. A revista parou de circular na edição n.16, provavelmente devido à censura vigente na época.





# PARAFERNÁLIA INFERNAL DA TROPICALIA



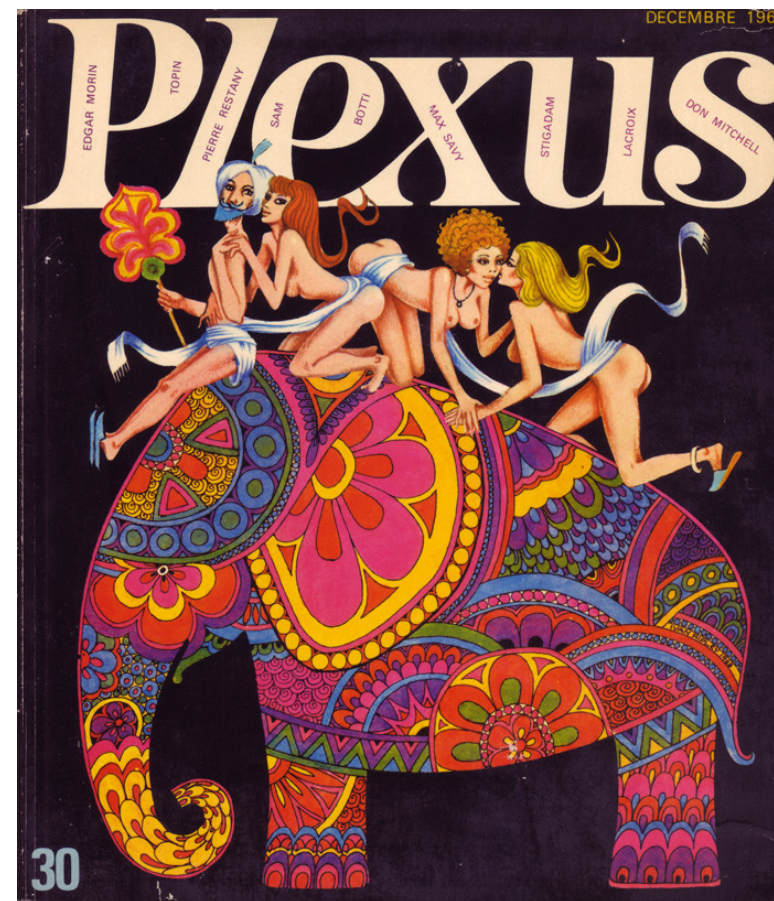
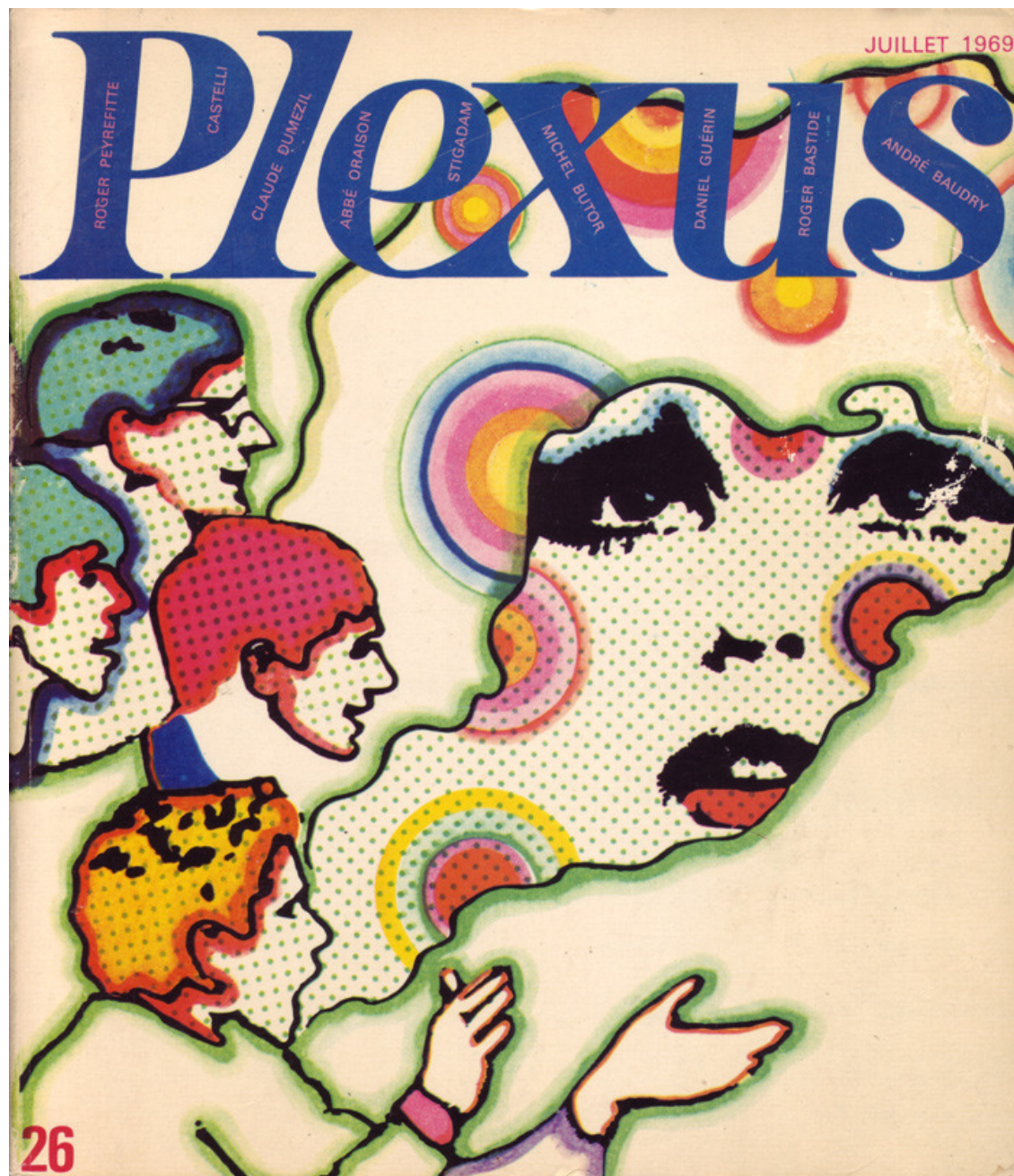
POR RUY CASTRO

É incrível, mas ainda há gente, mesmo na chamada faixa intelectual, que se espanta quando ouve dizer que o disco está promovendo a liquidação das manifestações musicais típicas e estabelecendo uma aproximação maior entre os criadores da música moderna, sem distinção de moda, mania ou estilo. Aliás, não há nenhuma neviada nisso, pois basta ouvir as gravações originais de Chico Alves, Gardel ou Jelly Roll Morton numa única sessão, para se mergulhar em cheio num mesmo espírito criativo, o da década de 20 ou 30, aproximando esses homens tão diferentes em sua formação, mas já beneficiados por aquele "envolvimento" que os processos de registro do som propiciavam. Pois hoje há os Beatles, há Jimi Hendrix e há Caetano Veloso, e se a música que produzem tem semelhanças fundamentais não há nada de espantoso nisso: afinal eles vivem no mesmo planeta. O que havia de tradição musical,

peculiar, a um país ou a uma região, está passando a ser *res publica*, propriedade de cada um e de todos, sem fronteiras para o ouvido. Estão se acabando os comportamentos trançados em compartimentos, e, aliás, fica até feio proclamar esse óbvio tão ululante. Não adianta chorar por uma misteriosa "autenticidade", refrão chato que justifica tanto caipismo sobrevivente: ou, como já o dizia Oswald de Andrade em sua época, "triste xenofobia que acabou numa macumba para turistas." O artista agora é cidadão do mundo. Caetano era um menino meio mudo, parecido com um anjo barroco — é assim que Gláuber Rocha o descreve na Bahia. Gostava de cinema, João Gilberto, Orlândia Silva, cuvia Luís Gonzaga nos alto-falantes e os Beatles no radinho de pilha. Lembrou-me dele, há apenas dois anos, apresentando-se para um platéia de colegas: chegou tímido, com o violão na mão e, antes de cantar *Um*

*Dia*, pediu desculpas à platéia por não saber tocar direito. A platéia ainda não conhecia Caetano Veloso. Passou a conhecê-lo quando ele cantou *Alegria Alegria* para uma platéia de festival, acompanhado por um conjunto de *iê-iê-iê*. Não ganhou prêmio, mas um passaporte para a liberdade. Liberdade de criar sem medo dos papa-defuntos que ameaçavam fazer o samba voltar ao primitivismo caipira ou interiorano, depois da explosão renovada da Bossa Nova — esta, sim, passaporte do samba para o mundo. A essa altura, Gilberto Gil, que também vinha se chafurdando num protesto nordestino contra o óbvio, dava também o seu salto vertical com *Domingo no Parque*. E vieram os discos de Caetano e Gil e Gal e Mutantes, intuição + sensibilidade + coragem para suportar os arreganhos subnacionais que tentavam torpedear a Tropicalia, taxando-a e pixando-a pelo crime de "lesa-samba". Atrás deles, a





Plexus magazine, publicação francesa do final dos anos sessenta e começo dos setenta.

À esquerda, capa de Roman Cieslewicz, 1969.  
Acima, capa de Bonneville, 1969.



# **ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: ARTE & CULTURA**

**Aspectos Históricos – 1980 aos tempos atuais**





Acima: Factor Zero, fanzine brasileiro feito em xerox no começo dos anos 1980.

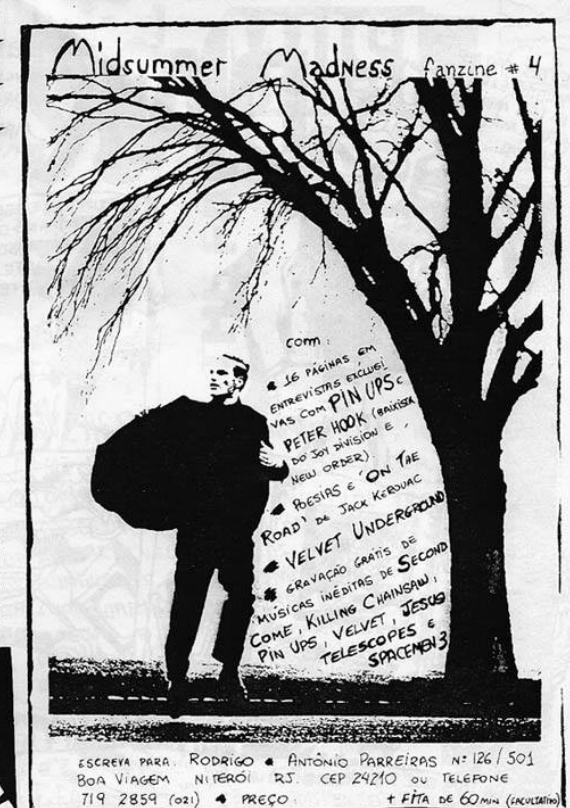
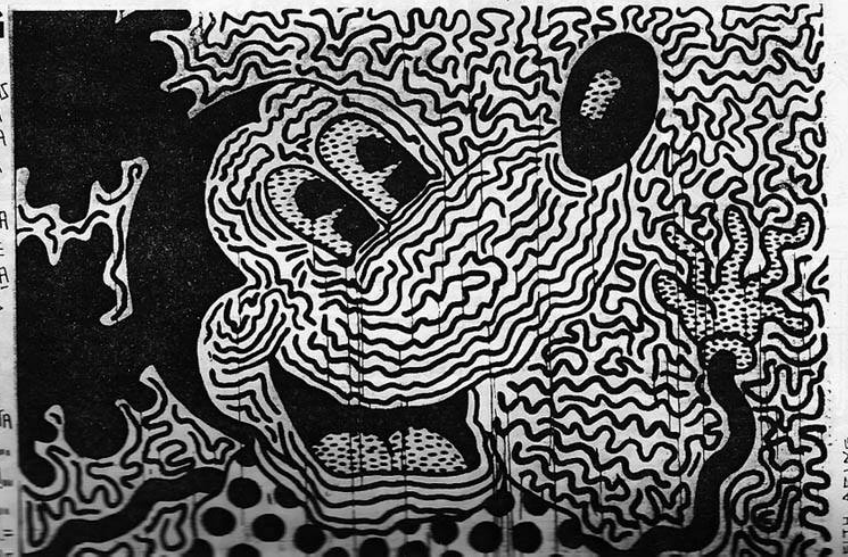
Ao lado, página do fanzine anti-Usual, editado por Alberto Monteiro e publicado no final dos anos 80 e começo dos anos 90.



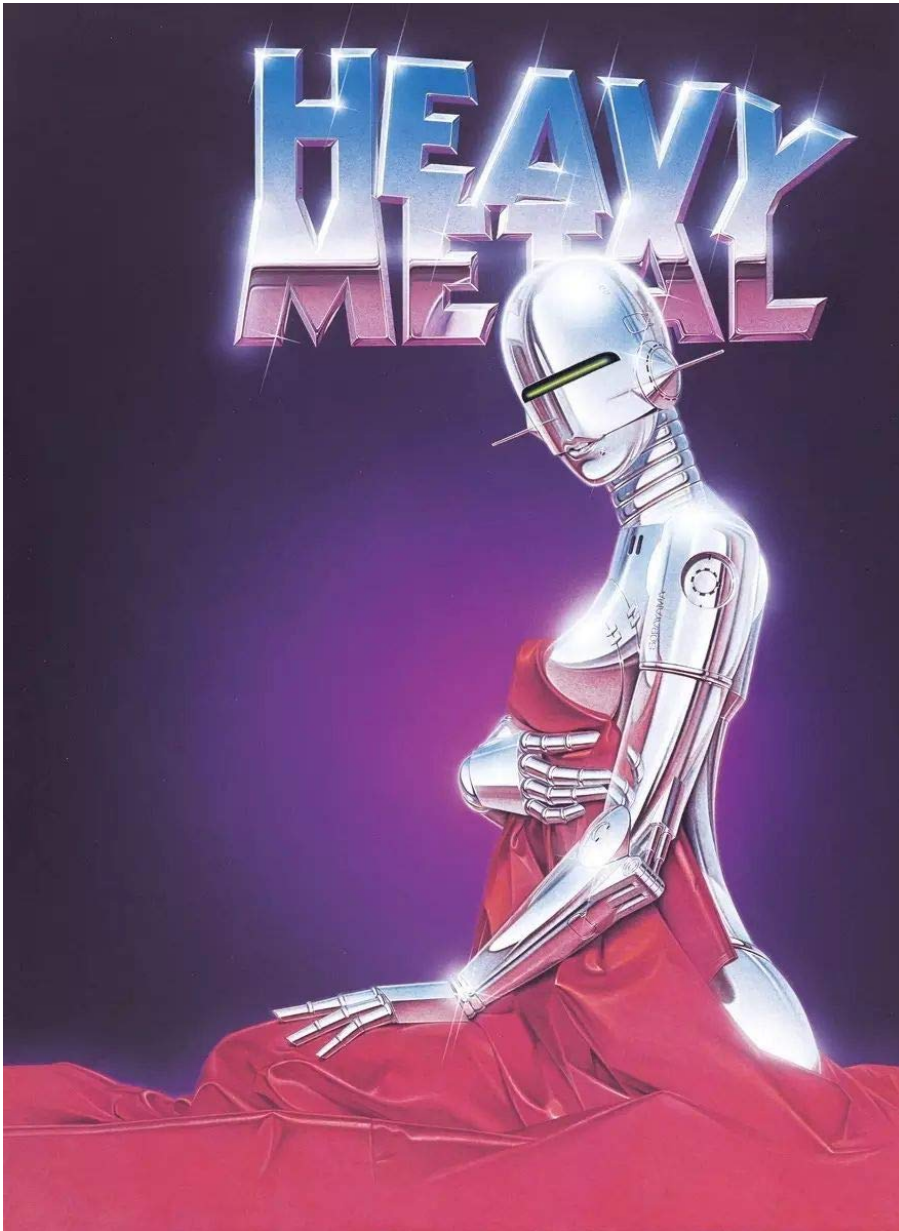
KEITH  
HARING

SEUS DESENHOS  
SAÍRAM DAS METRÔS  
E DAS RUAS NOVA  
JORKINHAS PARA  
ENFRENTAREM UM  
ALEGRE CONVÍVIO  
COM A ALTA CULTURA  
E O MERCADO DE  
DE ARTE. UM CA-  
MINHO PARA OS  
FANZINES... ?  
WHAT ? ... !

KEITH HARING =  
GRAFITEIRO ARTISTA  
K.H. IS DEAD... ?  
GRAFITE = ARTE ?  
FANZINE IS ART ?  
GRAFITE + KEITH =  
ARTE... YES... ?







Hajime Sorayama: capa e quarta capa da revista Heavy Metal, 1980.



Aerógrafo: instrumento utilizado para elaborar pinturas e gravuras por meio da pulverização proveniente de uma fonte de ar comprimido, como compressores de ar e latas de spray, cuja tinta é expelida pela pressão da fonte de ar.

O primeiro instrumento similar a um aerógrafo foi patenteado em 1876 por Francis Edgar Stanley de Newton, voltado para pinturas sem fins artísticos.





Capas da RAW: à esquerda, arte de Kaz, 1986.

Acima, ilustração do belga Joost Swarte, 1989.









Barbara Nessim (nascida em 1939).  
Artista, ilustradora e educadora  
americana.

Suas ilustrações apareceram nas capas  
de quase todas as principais revistas  
americanas, incluindo Time, Rolling  
Stone e New York Times Magazine.

Trabalha com ilustrações e capas para  
revistas, estampas provocativas,  
desenhos e pinturas que representam  
suas visões feministas, e arte para  
campanhas publicitárias de empresas  
como Levi's e Ralph Lauren.





Barbara Nessim: à esquerda, capa da Art Direction, 1973.  
Acima, colagem "Missing You", 2010.

Ela emprega uma ampla variedade de técnicas, incluindo desenho, aquarela, gravura, fotografia e colagem.





Barbara Nessim: capas de revista. À esquerda, capa da Time, 1982. À direita, capa da revista ITD, 1980.



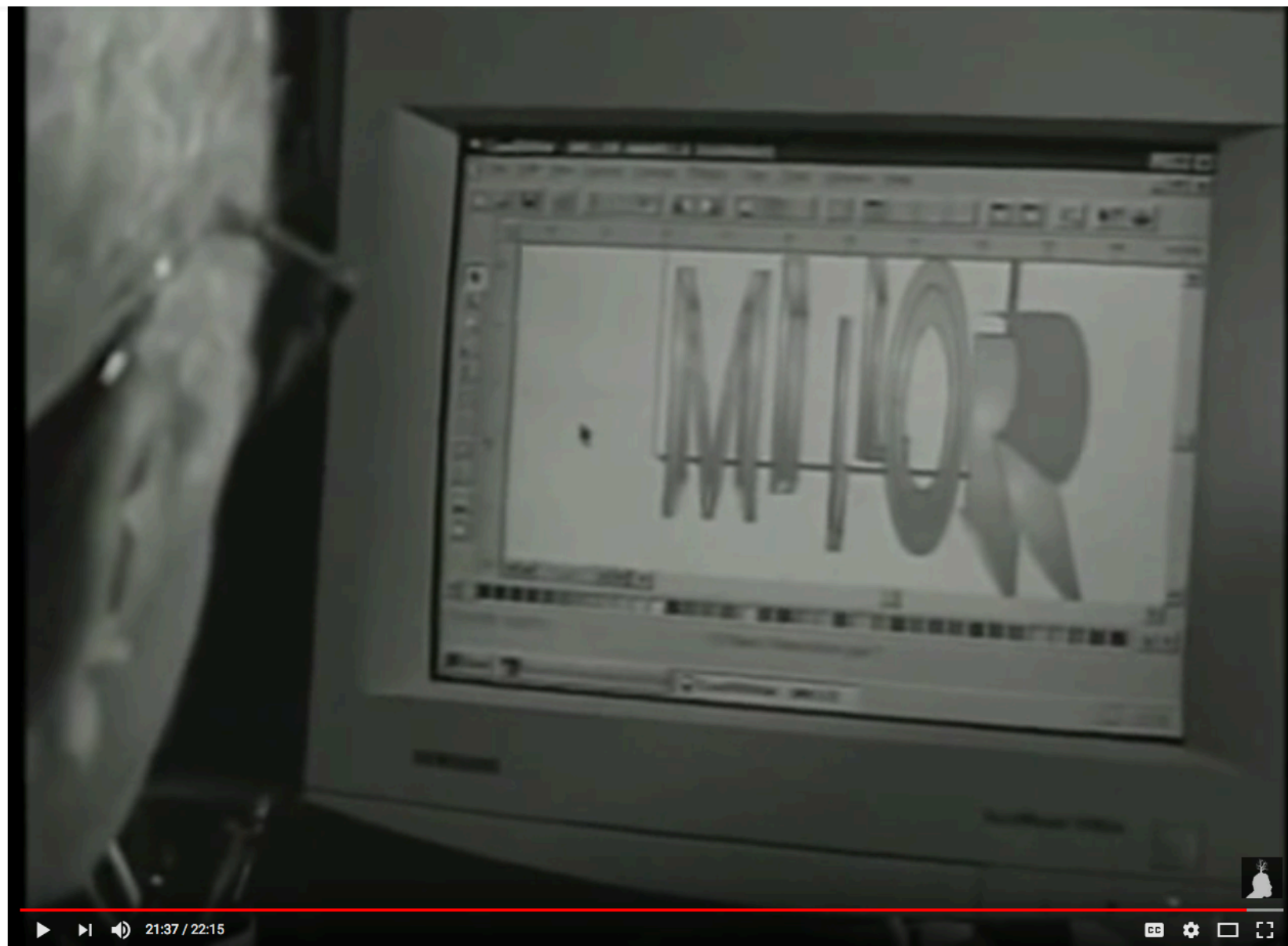


NESSIM, PIONEIRA NO USO DO COMPUTADOR COMO FERRAMETA ARTÍSTICA

Acima, “Ode to the Statue of Liberty”, fotografia Cibachrome da tela do computador, 1982-1984.

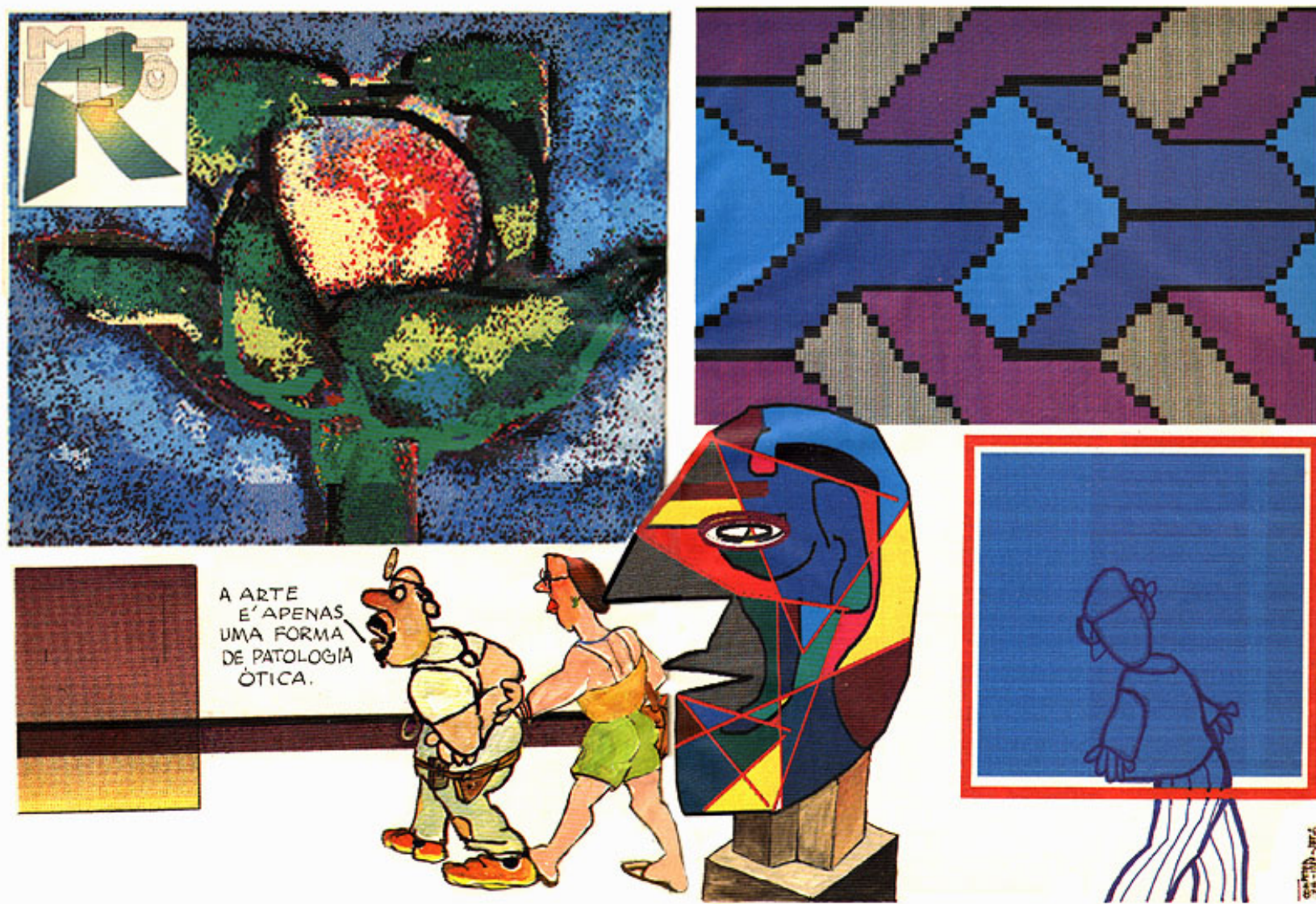
Em 1980, Nessim encontrou um patrocinador interessante, a Time Incorporated / Time Video Information Services (TVIS), que tinha computadores e a convidou para ser uma artista residente. Ela foi autorizada a trabalhar nos computadores das 17h às 9 da manhã, e explorou os recursos durante dois anos (até 1983). Usando manuais para aprender a navegar em programas complicados, se tornou proficiente na criação de arte computacional.





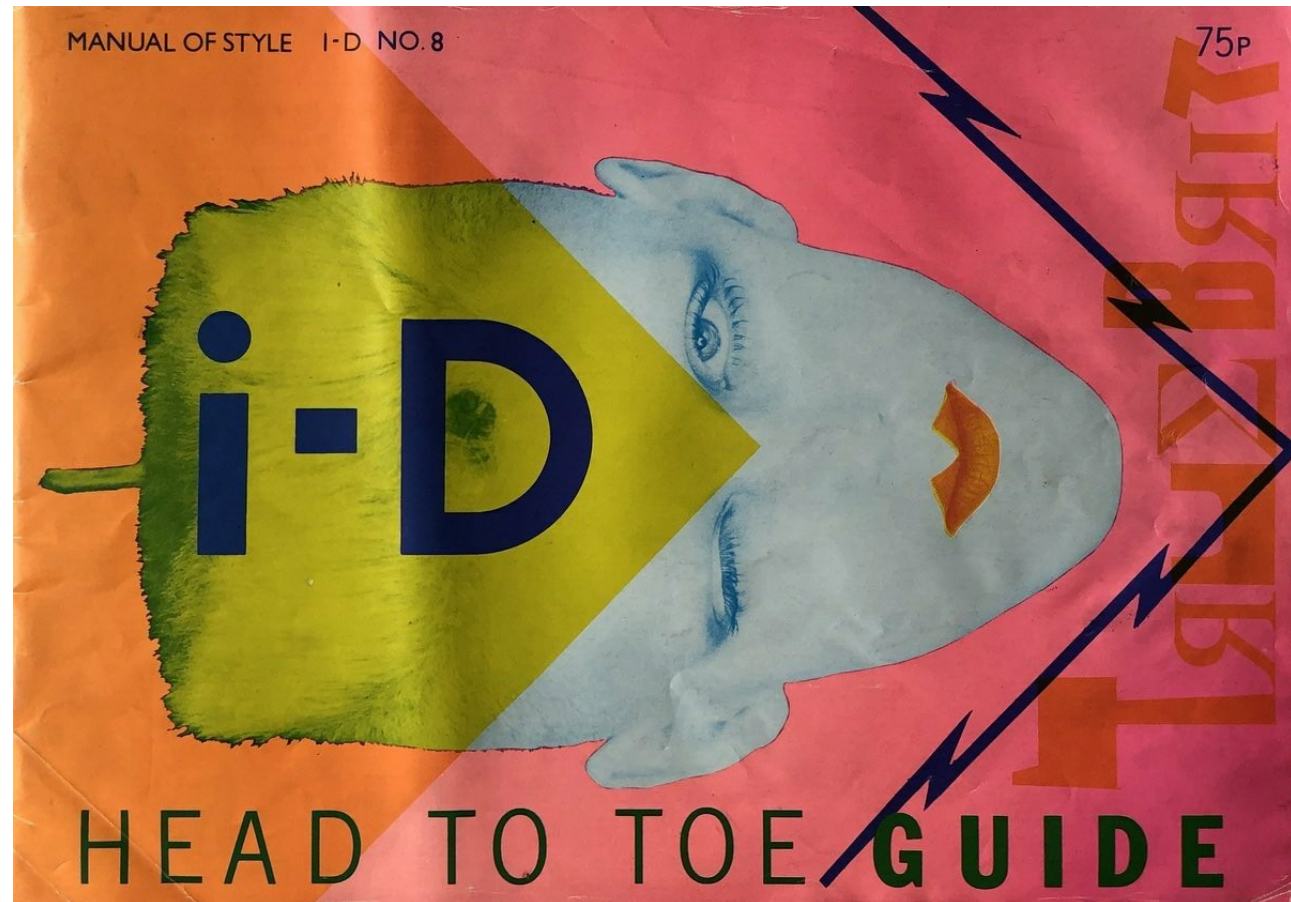
No Brasil, Millôr Fernandes foi um dos pioneiros a usar o computador em charges, cartuns e desenhos. Imagem retirada de video sobre o artista no Youtube.





Millôr: trabalho publicado na revista Istoé. Anos 80.

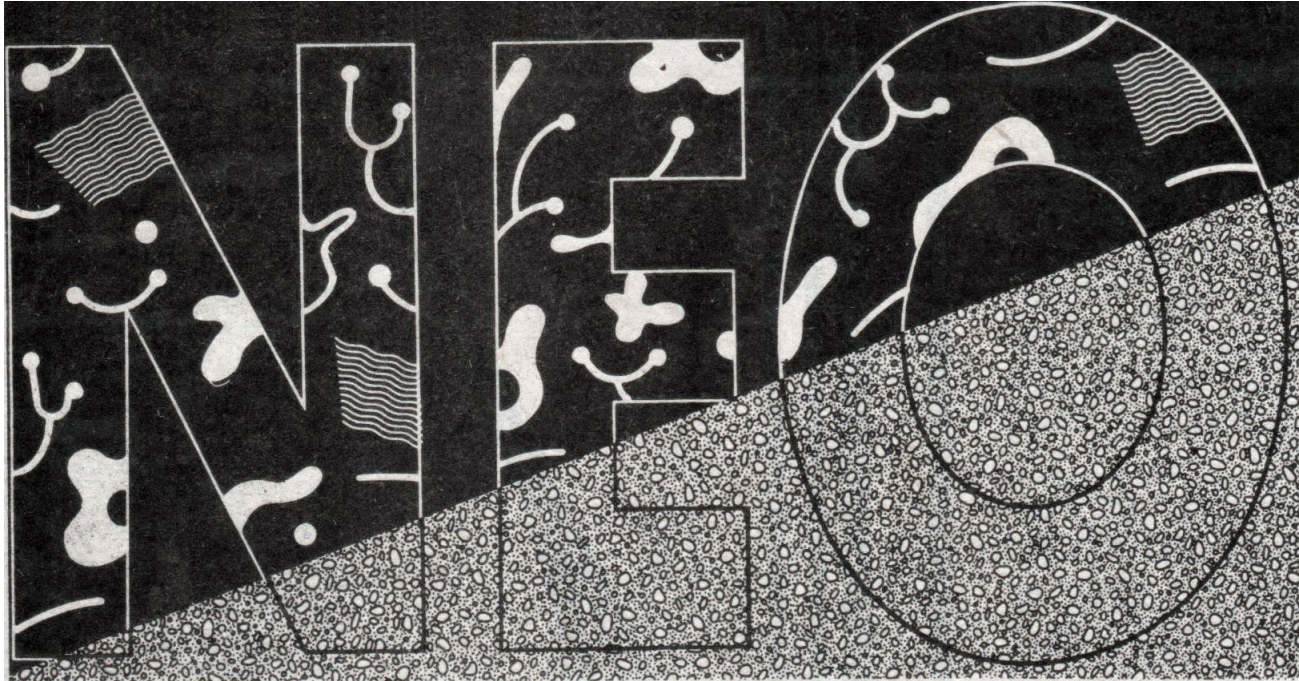




Ao lado, capa da revista inglesa i-D de 1985, voltada para música, arte cultura jovem.  
Acima, capa da publicação quando ela tinha outro formato, em 1982.

Observar como a interferência sobre fotografias pode ser um modo de criar ilustração.





Grafismo de Emilio Damiani usado em capa da Ilustrada, Folha de S. Paulo, 1985.

Na hora de montar, o texto de Pepe Escobar ficou menor do que o previsto. O designer do jornal resolveu copiar o grafismo do Emilio e usar em outras áreas da página: pediu ao pastup pra cortar tiras em “ondinhas” e cobriu os espaços em branco com as melhores partes.





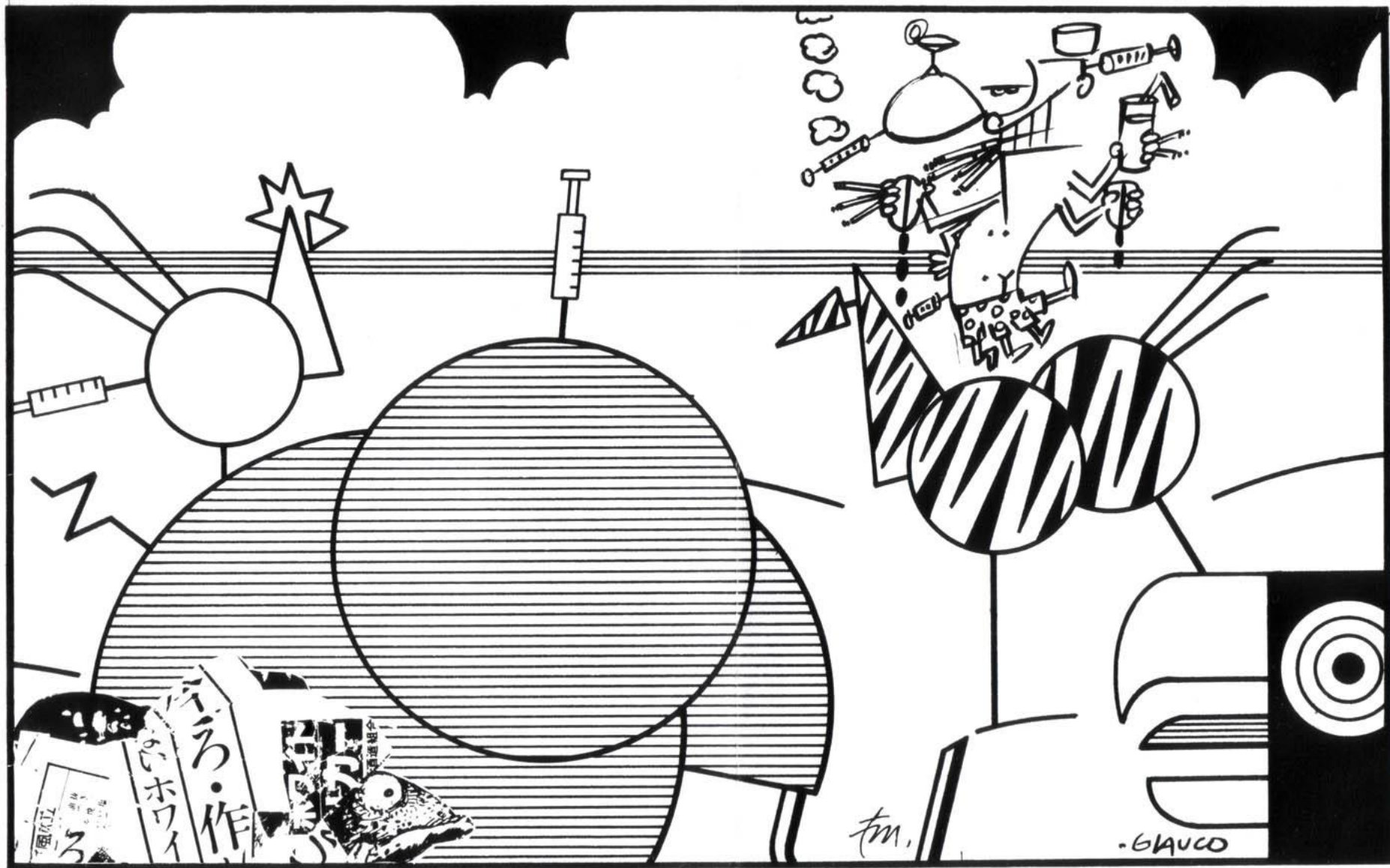


Ilustração de Glauco e Emilio Damiani para a Folha de S. Paulo, anos 80.





Acima, o ilustrador Orlando Pedroso na redação do jornal Folha de S. Paulo, anos 80.

À esquerda, Orlando com o cartunista, chargista e quadrinista Glauco (1957 – 2010), criador do personagem Geraldão.

Fonte: Orlando Pedroso



O ESTADO DE S. PAULO  
CADERNO 2Egberto Gismonti,  
passado  
e futuro

Aos 20 anos de carreira, o compositor presta homenagem à mãe e aos filhos no seu 32º LP

Luis Antônio Giron

Egberto Gismonti anda com os olhos opacos. "Talvez eu seja uma das poucas pessoas que têm um álbum sonoro da própria vida. Tudo o que imaginei foi gravado", diz, tentando espantar a melancolia no frio de SP. Está completando 20 anos de carreira, acaba de fazer 40 anos de idade. Já gravou com os grandes instrumentistas da atualidade, assinou discos memoráveis e lançou nesta semana seu 32º LP brasileiro, *Feixe de Luz* (veja a crítica ao lado). Tem outros 20, em colaboração com terceiros, e o trabalho promete seguir em progresso. Como tudo o que imaginou foi gravado, *Feixe de Luz* também exibe uma experiência existencial, de impacto, vivida por Gismonti em outubro do ano passado — a morte de sua mãe, dona Ruth Gismonti Amim. "O disco é uma homenagem a ela", conta, muito comovido. "Sua morte me ensinou muito. Perdi meu último medo — o de morrer — e percebi estar cada vez mais ligado às coisas que chamam de eternas; coisas impossíveis de verbalizar."

O pai, a mãe, tio Edgar — figuras da infância passada na pequena cidade de Carmo, no interior fluminense — desapareceram da vida cotidiana do músico. Fazem



Uma colagem de mutações de sons e luz

**F**eixe de Luz (EMI-Odeon) supera o suporte do disco. Está sendo lançado em LP e CD, mas pouco importa: é música para, servida pela tecnologia eletrônica. Não o inverso. Mais do que um disco, traia-se de uma peça sinfônica, suíte de 16 faixas-movimentos interligadas por rigoroso projeto. Algo que a música escrita fornece — um sentido lógico geral, embora não o linear. Gismonti reuniu nove músicos que conheceram dona Ruth, sua mãe, para homenageá-la com uma obra mística, onde a linguagem de fusão — de formas, ritmos, estilos e registros — deixa entrever certo otimismo metafísico, cheio de melodias e citações.

Os sintetizadores de Gismonti fornecem trilha segura para os passeios dos saxofones de Nivaldo Ornellas e Paulo Moura, a guitarra (aqui, pop) de André Geraissati, a percussão melódica de Robertinho Silva, a zabumba e o Mingo, o violoncelo e o elegiaco de Jaques Morelbaum, o clarinete de Paulo Sérgio, o discreto contrabaixo de Luiz Alves. O resultado

sonoro lembra uma colagem de mutações acessíveis ao ouvido, vez por outra tingidas de vozes e ruídos. Ouve-se um desfile integrado de forte e piano, gracioso e sublime, pop e folclórico. A clareza e o agenciamento sonoro fragmentário nunca perde o vínculo com o tonalismo típico da música brasileira. O traço na tonal mantém o contato, por

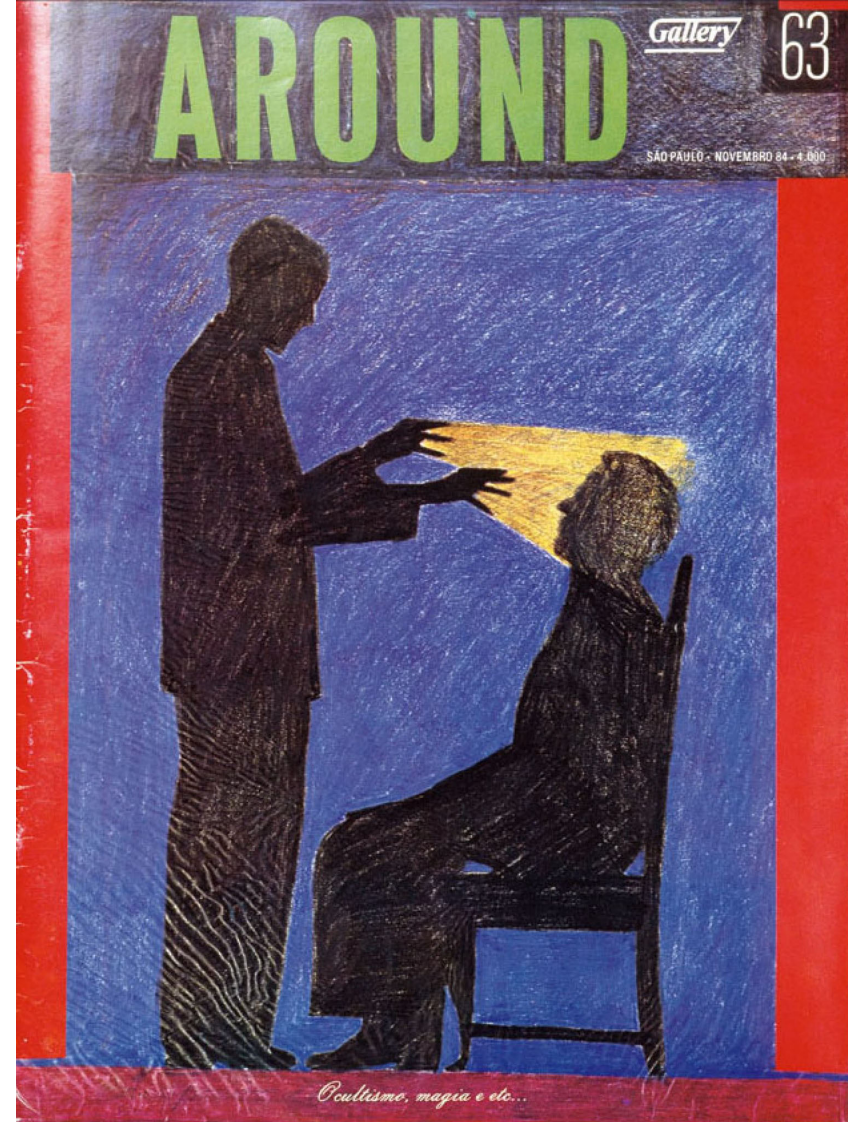
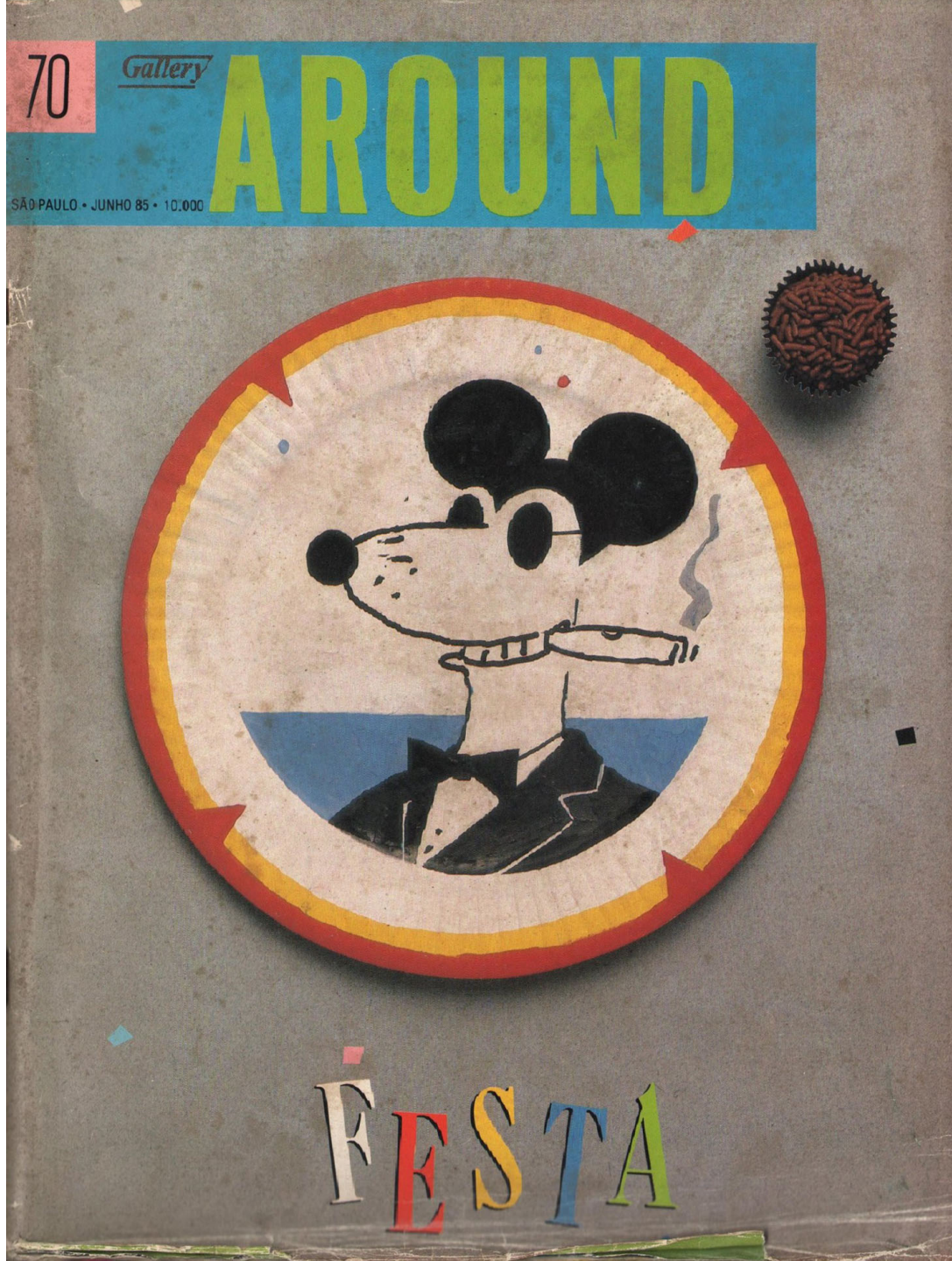
Trabalhos de Trimano para o Caderno 2, caderno cultural do jornal "Estado", O Estado de S. Paulo, 1988.

Vale observar a importância da diagramação no resultado final, valorizando a ilustração.









Guto Lacaz, capas da revista Around.  
Ao lado, capa de 1985, e acima, capa de 1984.

A publicação da boate paulista Gallery, editada por Joyce Pascowitch, depois se tornou a revista A-Z.

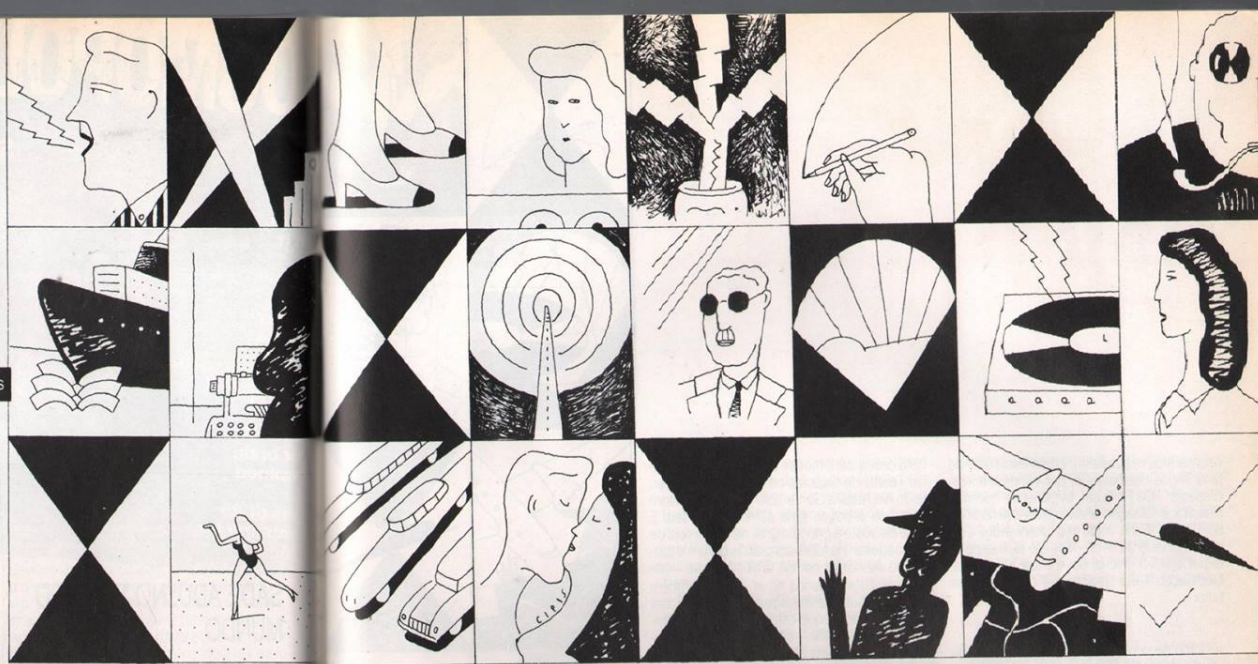


# DECISÕES DE ANO NOVO

Caio Fernando Abreu

Ilustração: Marcelo Cipis

Quem bebe, decide parar de beber. Quem fuma, resolve deixar de fumar. E por aí vai. As decisões de ano novo são uma velha tradição um pouco esquecida. Tanto que, nas entrevistas, muita gente perguntava “decisões? mas que decisões?” E houve uma percentagem significativa de não-decisões: melhor deixar as coisas correrem mais soltas, sem muita preocupação de fazer ou deixar de fazer. Em todo caso, aí estão alguns jornalistas, cantores, atores, teatrólogos, escritores e seus planos ou não-planos para 86. No ar, um certo temor de que o néo-janismo possa dificultar os lances. Muita gente, sabiamente, como a jornalista Aurore Jordan, prefere sonhar. Outros, como o artista plástico Luiz Paulo Bravelli, querem continuar no “vão Cruzeiro: tão servindo cafezinho e até aqui tudo bem”. Ou ainda como Lygia Fagundes Telles, que só quer fazer o que sempre soube fazer, e melhor do que ninguém: escrever. E a nós da *Around* só resta desejar a todos que seus sonhos se tornem realidade. Das aquelas bem palpáveis. Com gosto, cheiro e cor. Muita cor.



• A primeira coisa nova do ano novo é que **Regina Casé** finalmente fará uma telenovela. E a próxima das sete, de Sílvio de Abreu, dirigida por Jorge Fernando. Regina ainda não sabe muito sobre a personagem, mas leva a maior fe: "Me adiantaram que é uma lá da Tina Turner, com o visual de Tina e tudo". Se houver tempo, porque com gravações globais nunca se sabe, também está nos planos uma peça teatral, com Luiz Fernando Guimarães (os dois remanescentes do Asdrúbal).

Mas o que Regina gostaria mesmo era de fazer uma coisa nova todo dia: 'Que você pudesse achar um barato remar, aí virava remador. Depois cansava, virava professora, abria um bar, uma padaria. Acho uma prisão ser uma coisa só'. Ultimamente, ela adorou fazer a capa da *Around Especial* e ser um pouco modelo. Em 86, ela queria cantar mais: 'Não se trata de me lançar como cantora – mas é que curti tanto cantar na *Farra da Terra* que queria repetir a experiência'.

Em 86, também, ela deixa de ser carioca. Quer dizer: fica meio carioca, meio paulistana, morando na Avenida Paulista, mas dando umas chegadas frequentes no Rio. Agora, de tudo, de tudo mesmo, o que mais queria era poder executar seus "projetos instantâneos": "Mudar bastante. Hoje você decide uma coisa, amanhã decide outra – e assim vai indo, sem dar tempo para nada ficar chato".

• Nem projetos, nem decisões: o escritor **Ignácio de Loyola Brandão** quer um ano novo em que possa "bundar e namorar muito". A literatura também está incluída nesse recesso. Ele acha que seu último livro, *O Beijo Não Vem da Boca*, não foi uma coisa bem resolvida, "pelo menos, na minha cabeça". Parar, então, é o programa: "Ficar vendo jogo de futebol, caminhando muito pelas ruas, olhando bem as coisas".

Como o cansaço de escritor é a leitura, Ignácio já separou uma pilha de livros para ler e releer nos próximos meses — ultimamente, quase não tinha tempo. Entre eles, *O Linguado*, de Günther Grass, para ser curtido bem devagarinho, as cartas de Kafka para Felicia Bauer, uma porção de Dashiell Hammett, *Furacão Elis*, de Regina Echeverria, alguns livros interrompidos (como *A Descoberta do Mundo*, de Clarice Lispector, e *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldino Ribeiro), já começou a ler *O Tempo e o Vento*, de Erico Veríssimo e quer conferir as razões do sucesso do tcheco Milan Kundera, com *A Insustentável Leveza do Ser*.

Se a vitória de Jânio pesou na decisão de parar? Medo: "O processo democrático é isso mesmo. Acontecem coisas boas e coisas péssimas. É preciso saber conviver com ele. A vitória de Jânio deixa uma pergunta no ar: se a direita pode se organizar, por que a esquerda também não pode? Mas não acho que

venha nenhuma tragédia por aí. Só tem que ficar atento".

• Decisão: melhor não toma-las. Mas se não toma-las, como furá-las? Para o jornalista **Nirlando Beirão**, 37 anos, um dos editores de *Playboy*, Bê seria ótimo se tivesse poucos projetos e decisões. Quanto menos, melhor. Preocuposo como todo bom librário, ele gostaria de ficar mais desocupado: que os dois meses que passou sem trabalhar em Bê se multiplicassem por cinco ou seis. Ou duze. Mesmo com dois meses folgados, este ano ele trabalha demais. E trocou de emprego várias vezes: "A propósito, em Bê não quero trocar tanto de emprego".

No novo ano, entre outras amenidades, Nirlando adaria ver um bom filme nacional. Atualmente, quando se trata de filme brasileiro, ele não consegue chegar nem na bilheteria: "Tem alguma coisa que bloqueia antes". Sem muita rigidez, vai enumerando o que gostaria de fazer (ou não fazer) em 86. Eleições: "No ano que vem, espero não ter que votar útil". Viagens: "Só o óbvio — ou seja, Nova York na meia-estação". Ele garante que gostaria de escrever muitas matérias mais para a *Around*. Espera ler muitos textos de Reynaldo Decol, na revista *Veja*. E por falar em *Veja*, a maior esperança de Nirlando para 1986: "Gostaria que o Telmo Martino saísse da e

voltasse a ser o que ele era antes. O Telmo é um cronista e um ficcionista cheio de personagens incríveis — perde toda a graça quando fica preocupado em passar informações jornalísticas\*.

● Recém-eleita para a Academia Brasileira de Letras, saindo de um ano muito agitado, cheio de viagens e compromissos, a escritora **Lygia Fagundes Telles** só tem uma decisão para 1986: "Escrever, escrever e escrever". Acrescenta: "Escrever com entrega, com paixão e, principalmente, com alegria". Desde *Seminaro dos Ratos*, de 1977, ela vem trabalhando num romance ainda sem título: "O título é sempre a última coisa. As personagens interleram tanto na trama que, no final, o título pode acabar brotando espontaneamente de uma delas". Conquistada a meta da Academia, que consumiu muitos esforços – porque, como boa ariana, Lygia acha importante "entrar nas batalhas para ganhá-las ou, pelo menos, ir sempre até o fim" – ela estará liberada para o novo livro.

Para quebrar um pouco a solidão da escrita, em abril Lygia programou uma viagem a Portugal, como convidada do Congresso de Escritores de Expressão Portuguesa. Organizado pela Sociedade Portuguesa de Escritores, o congresso reunirá brasileiros, africanos e portugueses — "para nos unirmos e nos



reforcarmos mutuamente como escritores de uma língua riquíssima e, por vários motivos, dispersa". De Portugal, Lygia acha que não resistirá à tentação e dará uma esticadinha até Paris: "Paris anda me chamando, está com saudade de mim". Mas até lá, o esperadíssimo novo livro já deve estar na editora. Dedicção – ela garante – é o que não vai faltar.

• Como seu colega de profissão Ignácio de Loyola, **Marcelo Paiva** é outro escritor que não tem plano nenhum para 86. Apesar das cobranças para que publique logo um novo livro, após o sucesso enorme de *Feliz Ano-Velho* (de 1982), ele não tem pressa alguma. Pretende trabalhar devagar no romance que está escrevendo, sem apressar nada: "Então quero terminar o livro, publicar e, se não der dinheiro, arrumar um emprego".

Recém-chegado de uma viagem demorada pela Europa e pelos Estados Unidos, Marcelo pensou em ficar mais tempo fora. Batahou uma bolsa. Não conseguiu: "Os caras disseram que só me dariam a tal bolsa quando eu tivesse 30 anos, e eu só tenho 26".

• O multitalentoso **Naum Alves de Souza**, dramaturgo, cenógrafo, figurinista e diretor teatral, tem uma fortíssima e definitiva decisão para 86: "Prometo NUNCA MAIS fazer cenografia para filmes". Isso é o que ele certamente não vai fazer. Mas há muitas coisas que fará, ou já está fazendo, e com prazer. Como dois novos textos teatrais – um chamado *Sem a Quarta Parede*, investigação sobre aquele sentimento muito comum na maioria dos atores, quando dizem "acho que eu morreria se não representasse". O outro, ainda sem título, é para as atrizes Fernanda Torres e Deborah Bloch. Desmentindo o que foi divulgado, Naum esclarece: "Não é verdade que esta peça seja sobre as irmãs Linda e Dircinha Batista".

Além de uma viagem a Portugal, onde fi-

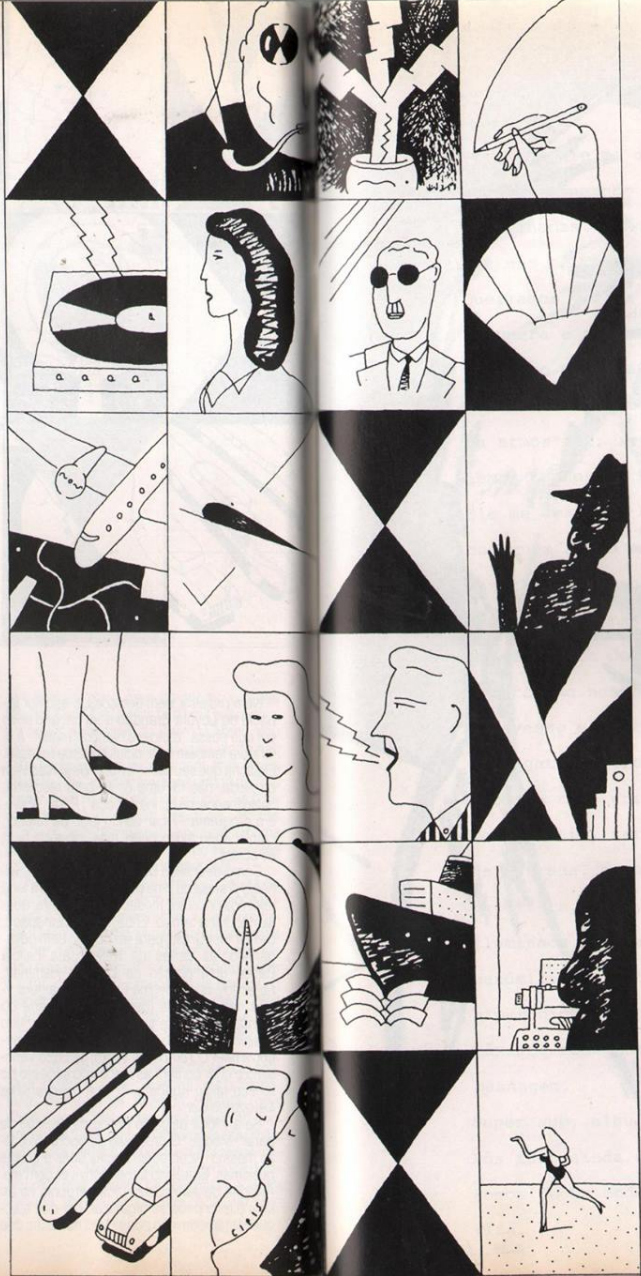
cará cerca de 2 meses dirigindo um pessoal do Teatro de Cascais na montagem de seu texto *No Natal a Gente Vem Te Buscar*, Naum comprou a pouco uma câmera de vídeo. E está disposto a gravar muito, nem que seja de brincadeira. Há também planos de um espetáculo de dança com J. C. Violla, mas – paciência, tietes – ainda no ar. Saúde também está em pauta: vai fazer regime e comer com mais atenção, já que está sofrendo – ele também não acreditou – de nada menos que diver-ti-cu-li-te, "uma doença que sempre pensei que fosse falsa". Como bebe pouco, pra terminar, Naum decidiu também que absolutamente não vai parar de beber vodka.

• O artista plástico **Baravelli** não tem o hábito de fazer planos: "Quando uma coisa tá boa, é melhor deixar essa coisa continuar. Então é isso que eu gostaria que acontecesse: continuar no voo da Cruzeiro, tão servindo cafezinho e até aqui tá tudo bem".

Ele não tem nenhuma viagem e nenhuma exposição marcadas: quer ficar em casa. Baravelli mudou este ano para fora de São Paulo, na Granja Vianna, e está adorando a mudança, que trouxe mais calma, mais silêncio e mais profundidade ao não fazer nada.

No mais, vai continuar a escrever os seus divertidos artigos para a *Folha de S. Paulo* e vir à cidade de vez em quando, espiar como anda esta loucura toda. Jânio? "Ah, não vai ajudar, claro. Mas também não vai atrapalhar nada".

• A teatróloga **Maria Adelaide Amaral** está saindo de um 85 que foi simplesmente "um dos melhores anos da minha vida". Além do reconhecimento de seu trabalho, e muitos prêmios, com todo o sucesso de *De Braços Abertos* (mais de um ano em cartaz), ela tomou a séria decisão de sair da editora Abril,



onde trabalhava a nada menos que 15 anos. As alegrias vieram de todos os lados, culminando com uma grande viagem por Praga, Budapeste, Viena, Bélgica, Holanda e alguns dias em Paris, de saideira. De cabeça feita, e gratificada, com 85, Maria Adelaide espera do novo ano pelo menos uma boa dose de tranquilidade.

Mais, inquele – e "meio calvinista: fico culpada se não faço nada" –, está trabalhando num novo texto teatral, a ser montado por Paulo Autran. Terminou um romance (*Cantos da Memória*) que custou muitos anos. Perfeccionista, boa parte de 86 vai ser gasta trabalhando o livro e, depois, procurando uma editora. Procurando sem procurar muito, mais "deixando nas mãos de Deus, mesmo". Com os inesperados acontecimentos políticos de 15 de novembro em São Paulo, Maria Adelaide acha difícil fazer planos gerais, "que englobem qualquer coisa mais social". E acha bom "deixar as coisas virem naturalmente".

• A jornalista **Aurora Jordan**, idade não revelada nem aos mais íntimos, confessa ter aurores de planos para o novo ano. Para começar, pretende ter seis meses de trabalho e seis de férias. Nos de férias, quer viajar, viajar muito: "Vou visitar minha amiga Paula Dip em Londres, depois gostaria de esticar até Bali e Goa, passando pela Ásia Menor. E na volta, curtir muito a América do Sul, à exceção do Paraguai. Adoraria conhecer a Patagônia, a Terra do Fogo, ficar caminhando em silêncio". No plano profissional, Aurora quer "ler menos e ver mais, escrever menos e folgar mais". Difícilmente voltará à crônica social, um gênero em que andou incursionando em 85: "Definitivamente é um gênero menor. Prefiro fazer como minha amiga Lauretta, conviver mais com artistas, com boêmios, gente sem grana mas com imaginação. Detesto yuppies". Para o mês de janeiro é possível que ela retome sua coluna na *Around*, "dependendo de uns delicados acertos financeiros". Aurora não vai parar de beber, porque não bebe

mesmo: prefere baratos mas fortes. Um pouco melancólica, confessa que, no fundo, gostaria imensamente de "comprar um barraco numa praia solitária na Rio-Santos. Porque se não der para fazer esse monte de viagens, você sabe, a qualquer hora posso dar uma escapadinha. A Rio-Santos é ali mesmo. E nos fins de semana, sempre é bom oxigenar um pouco..."

• A cantora **Cida Moreyra** ainda está sob o impacto de 1985, "um ano em que aconteceu de tudo: do melhor ao pior". O pior foi a morte do pai, que deixou um inevitável sentimento de desproteção. Mas as coisas boas também foram muitas: uma aplaudida *tournee* pela Europa, com Arrigo Barnabè, um projeto Pixinguinha feito com Wagner Tiso, a escolha de melhor intérprete de uma das eliminatórias do MPB-Shell, da TV Globo além de muitas viagens com shows (Cida ficou oito meses fora de São Paulo, que ela adora – e a reciprocidade também é verdadeira). Agora, o melhor, mas o melhor meeeeeesmo, foi encontrar um grande amor. "E isso é raro. Você sabe que os grandes amores não estão ali na esquina, esperando você passar..."

Com a energia de 85, Cida vai entrar em 86 com muito pique. No começo de janeiro, começa a gravar um novo disco (o terceiro, e primeiro em esquema comercial) pela Continental. Profissionalmente, o ano já está todo agendado: shows programados para abril, na Itália e Alemanha; uma temporada na FUNARTE, em São Paulo, em janeiro; outra em Salvador, em fevereiro; e mais uma no Rio, em março. No plano pessoal, Cida já decidiu que vai emagrecer ainda mais e fazer uma plástica nos seios. Mais a decisão mais séria, tomada com carinho, prudência e toda a maturidade conquistada nos seus 32 anos, é que vai ter um filho. ●

Reparem como, nesse trabalho de Cipis, é mantido o padrão da ilustração na página dupla seguinte. Nessa narrativa desconexa, os mesmos quadinhos são reembaralhados, gerando uma nova leitura.









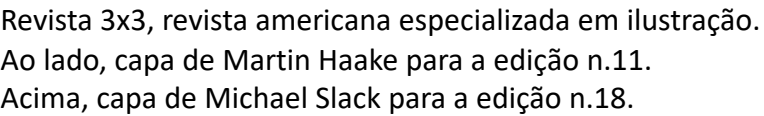
A ilustradora japonesa Natsu Wakabayashi investe em cenários cheios de detalhes. Acima, desenho recente da artista.





Capas da revista Piauí. À esquerda, arte de Andrés Sandoval, 2010. À direita, capa de Gérard Dubois, 2011.









Colagem de Rico Lins para capa da  
revista Serrote n.23, IMS.  
Confiram em [ricolins.com](http://ricolins.com)



LIEBE

# DIE LIEBE IM ZEITALTER DES INTERNETS

HAT DAS ONLINEDATING UNSEREN  
UMGANG MIT PERSÖNLICHEN  
DATEN VERÄNDERT?

TEXT MIŁOZ MATUSCHEK  
ILLUSTRATIONEN MANUELA EICHNER

Das Ohr immer am  
Smartphone. Apps sind das  
wichtigste Dating-Tool.



Manuela Eichner: ilustração com colagem para revista Trip na Alemanha, 2016. Vale reparar como a cor amarela do fundo exerce forte impacto no resultado.



A

Is es so richtig los-  
ging mit dem On-  
linedating, irgendwann in den Nullerjahren, sah  
es auf den Plattformen ungefähr so aus: Nickna-  
mes, so weit das Auge reichte, etwa die Hälfte der  
Profile hatte kein Foto und man konnte nur hoffen,  
dass die Person auf dem Profil aus der eigenen  
Stadt kam und tatsächlich Tina hieß, wie behaup-  
tet, und nicht doch Peter. Pärchen, die sich auf digi-  
talem Wege fanden, verschwiegen es in der Regel  
oder erfanden analoge Ersatzgründungsmythen.

15 Jahre später sieht es auf Dating-Apps so aus:  
Vorname und Alter sind in der Regel echt, das  
Facebook-Profil, mit dem man sich einloggte, ist  
es ja auch. Man sieht fünf Fotos, hochauflösend,  
teils vom Fotografen, dazu den Link auf das In-  
stagram-Profil mit weiteren 2.345 Bildern, denn



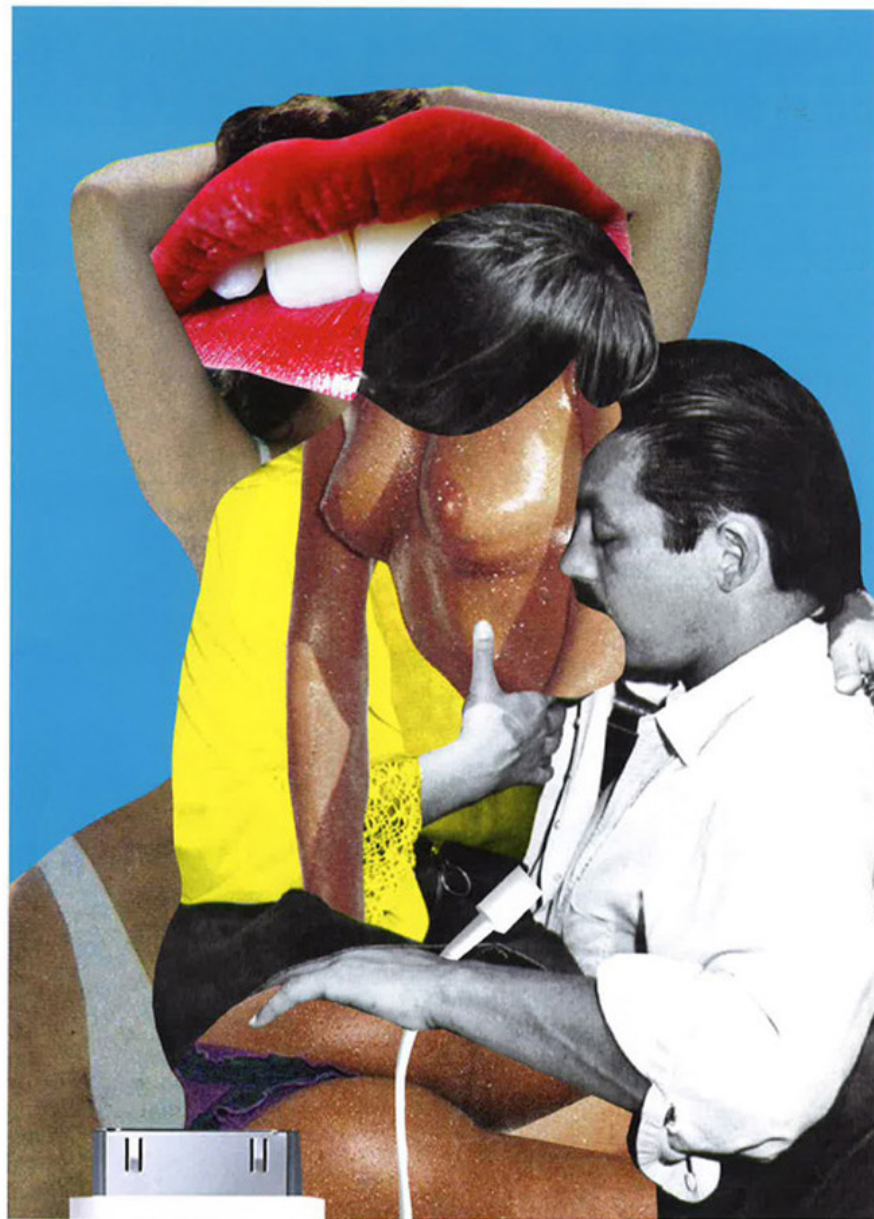
Die Flut an optimierten  
Bildern sorgt für eine  
versetzte Wirklichkeit.

warum sollte man Familie, Freunde und die letzten zwölf  
Urlaubsorte nicht auch gleich kennenlernen? Schließlich  
kennt man sich schon zwei Minuten. Dank Radarfunktion ist  
jeder Smartphonebenutzer zugleich ein Bewegungsprofiler,  
weiß also, in welchem Umkreis sich die Person tatsächlich  
befindet (zwei Kilometer entfernt nämlich, statt wie behaup-  
tet im Urlaub), zuletzt eingeloggt vor 20 Minuten, jedoch  
ohne zu schreiben (was das wohl heißt?). Es ist mehr eine  
Feststellung als eine Frage: Der offene Umgang mit persö-  
nlichen Daten ist längst Realität - und macht nicht mal mehr  
vor der eigenen Intimsphäre halt. Für kostenlosen Zugang  
öffnet man das Herz für die Datingfirma und die anderen  
Nutzer. Wer das vor 15 Jahren vorhergesagt hätte, wäre für  
verrückt erklärt worden.

Privatheit war immer begehrt. Für einen Blick in das Innerste  
des Menschen war man stets bereit, großen Aufwand zu tre-  
iben. Das Wissen um das Seelenleben war und ist besonders  
wertvoll. In der Beichte erkaufte sich der Gläubige die Absolu-  
tion durch Preisgabe persönlichster Geschehnisse an einen  
Kirchenapparat: psychologische Erleichterung gegen Infor-  
mation. Unrechtsstaaten von ganz links und ganz rechts  
errichteten teure Spitzelsysteme, um an intime Details zu  
gelangen. Der Internetnutzer von heute gibt mit vollen  
Händen Intimstes preis - viele Apps, ob nun WhatsApp  
oder Tinder, sind kostenlos, aber nicht umsonst. Persönli-  
che Daten sind zu einer Währung geworden. Früher galt Big  
Brother als eine unsichtbare Autoritätsinstanz, heute ist da-  
raus ein Geschäftspartner geworden.

In Zeiten von Big Data lässt sich aus einem Mix an persö-  
nlichen Vorlieben, gepaart mit Bewegungsprofilen, Kreditkar-  
tenbewegungen, Likes und Onlinebestellungen ein ziemlich  
genaues Charakterprofil anlegen. Das Internet sammelt Un-  
mengen Daten, bei jeder digitalen Bewegung hinterlassen  
wir Spuren. Auf den Servern großer Firmen lagern sozial-  
wissenschaftlich interessante Datensätze. Internetfirmen  
wissen nicht nur, wie wir glauben zu sein. Sie wissen, wie wir  
tatsächlich sind. Noch scheint dies irgendwie niemanden  
zu stören. Warum nur?

**FÜR KOSTENLOSEN  
ZUGANG ÖFFNET MAN  
DAS HERZ FÜR DIE  
DATINGFIRMA.**



Na página dupla seguinte é mantido o partido e abordagem no design e ilustrações.



## IMAGINAÇÃO

PROSA, POESIA E TRADUÇÃO

## 7 Dois poemas

EUCANAÃ FERRAZ  
Ilustração: MARIANA SERRI

## E UM CURSO D'ÁGUA

Outra vez o velho jardim  
e seus leões de pedra, dois,  
como se, um defronte do outro,  
velassem não a fonte, mas  
o tempo, tempo que não aquele  
em que os vi, que não esse  
agora em que os escrevo,  
antes ainda do tempo-oficina  
em que mãos hábeis a golpes  
os esculpir, mas outro, anterior  
aos reis de França e ao galho  
mais alto de seus antepassados:  
tempo de leões apenas;  
ou, mais pretérita, uma era  
anterior aos felinos, quando  
tudo fosse água e aves  
à luz da primeira primavera:  
o tempo das pedras,  
apenas pedras.

## TIMES OLD ROMAN

Quer que o diga, não o digo,  
o teu nome já não brilha,  
não o digo, sob as cinzas  
de janelos muito antigos,  
mal respira, nos escombros  
desse breve apartamento,  
o teu nome, quem diria,  
não é coisa que se diga,  
som de um som que  
se partira, não insistia,  
já não tento, já não posso,  
é simples o que te digo  
e te digo sem remorso,  
calmamente, sim, repito,  
não o digo, não o digo,  
nenhuma pedra se move,  
rio seco,  
letra morta.

## IMAGINAÇÃO

PROSA, POESIA E TRADUÇÃO

## 7 Dois poemas

AFONSO HENRIQUES NETO  
Ilustração: MARIANA SERRIMAIS UMA BALADA  
*En ce bordel ou tenons notre estat.*  
François Villon

o cancro não mente, semente  
imperdoável, quanto há de ser notável  
dileto, seletro esqueleto violáceo,  
olho fígado cu da tempestade  
o cancro não se faz pela metade,  
ilha sobre ilha, armadilha de flores,  
rebrilhar do sol sobre boubas sem *boutade*,  
neste bordel onde trepamos à vontade,

a guerra não sente, demente  
olhar o que há na TV, paz, passeata, *matiné*  
de gritos brancos sob treva oca, a cama  
em que imagens podres babam sem alarde  
sementeira de bombas, asco que tanto arde  
quanto, destarte, planeta se desfaz em dores,  
cólica sem arte, fermento que já vem tarde,  
neste bordel onde trepamos à vontade,

o cósmico silente, áurea lente  
abrir-se d'olho cego abstratamente,  
nem queira vir de verso que em reverso  
sonhards perverso dom do diluir cidade,  
pois quanto senti nem me lembro: invento  
o vento sem tempo, flutuar odores  
no vago, vaso vazio da emporcalhada verdade,  
neste bordel onde trepamos à vontade,

envai

senhor, dos males que tanto temo  
livrai-me, turvo tumor tudo quanto late  
no planeta torvo em pústulas do demo,  
bordel onde trepamos dessarte.

## VISITA

Bateram à porta,  
bateram, esmurramam  
o tempo irremediável,  
Talvez dentro da casa  
ardesse ausência  
punho de sombra  
batendo, batendo.  
Se fosse possível ver no escuro  
uma cólica de ouro  
um contorcer-se de crepúsculo  
um arrepiro de fumaça  
e máscara vazia  
recamada em prata baça.  
Se fosse possível arrancar  
os verbos dos mortos.  
As luzes tremem desprezo  
vaga-lumes em avesso,  
(E o inútil esmurmando,  
estuprando o Inconsolável).

SOBRE O TEXTO Os poemas "Mais Uma Balada" e "Visita" fazem parte do volume, inédito, "A Outra Morte de Alberto Castro". Henriques Neto publicou seu primeiro texto no diário "Correio Brasileiro", de Brasília, em 1965, e desde então já lançou 11 livros de poesia. O mineiro foi um dos expoentes da poesia marginal dos anos 70 e mais tarde se aproximou do surrealismo, em textos marcadamente imagéticos. O poeta integra uma família de escritores: Alphonsus de Guimarães Filho, poeta morto em 2008 aos 90 anos, era seu pai. Um de seus avós era o simbolista Alphonsus de Guimarães (1870-1921), que, por sua vez, era sobrinho de Bernardo Guimarães (1825-94), autor de "A Escrava Isaura".

Trabalhos para textos poéticos podem ser bastante abertos, mantendo uma conexão por vezes sutil com o texto - sugerindo um tom ou ambientação, por exemplo.

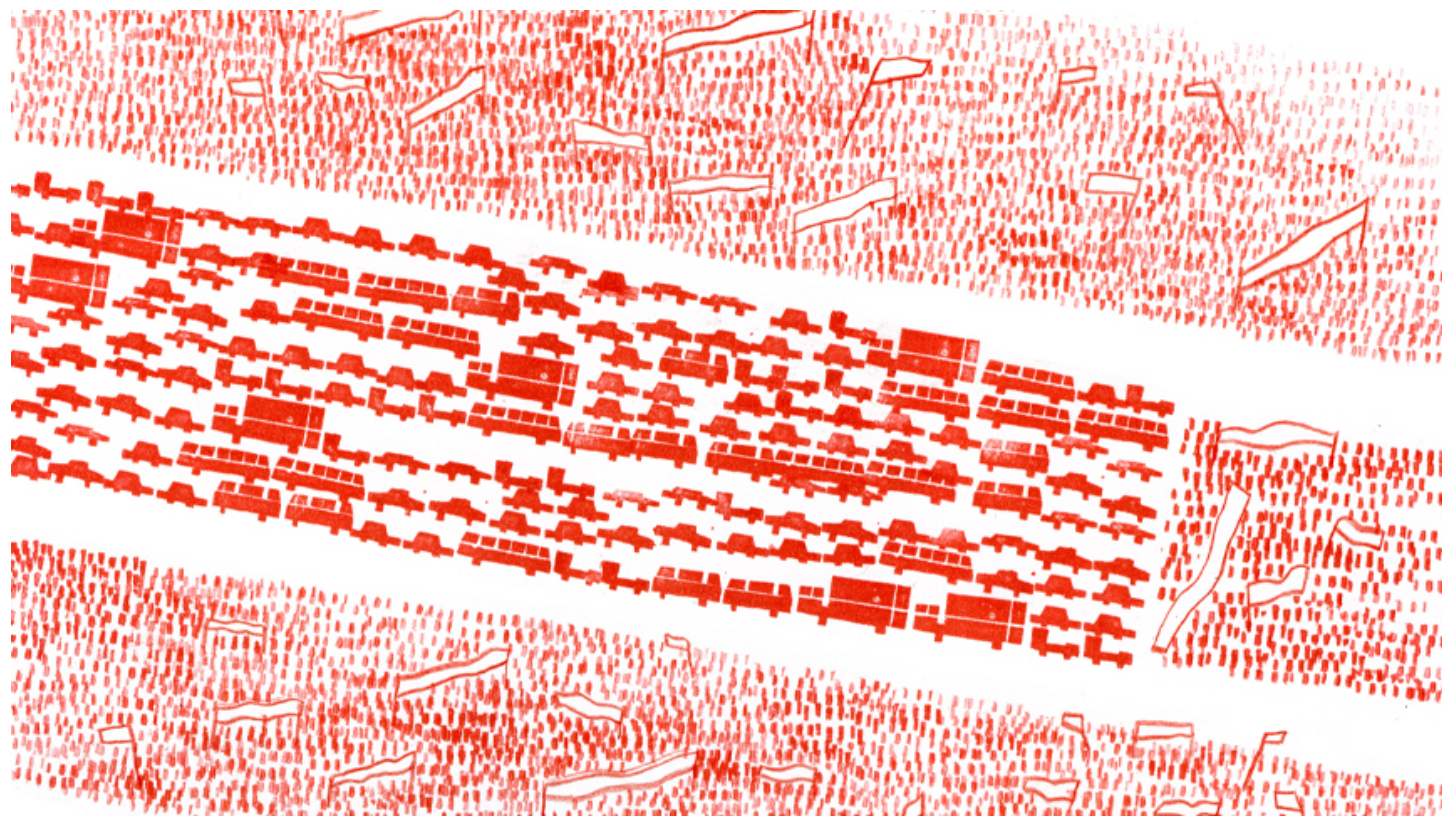
Ilustrações de Mariana Serri para a seção "Imaginação" na quarta capa da Ilustríssima, caderno de cultura do jornal Folha de S. Paulo, ambos intitulados "Dois Poemas". O primeiro texto é de Eucanaã Ferraz, publicado em 2010, e o segundo é de Afonso Henriques Neto, 2011.





Capa de Laura Teixeira - com exploração de fitas adesivas coloridas - para a primeira edição da revista de ensaios literários Quatro Cinco Um, 2019.





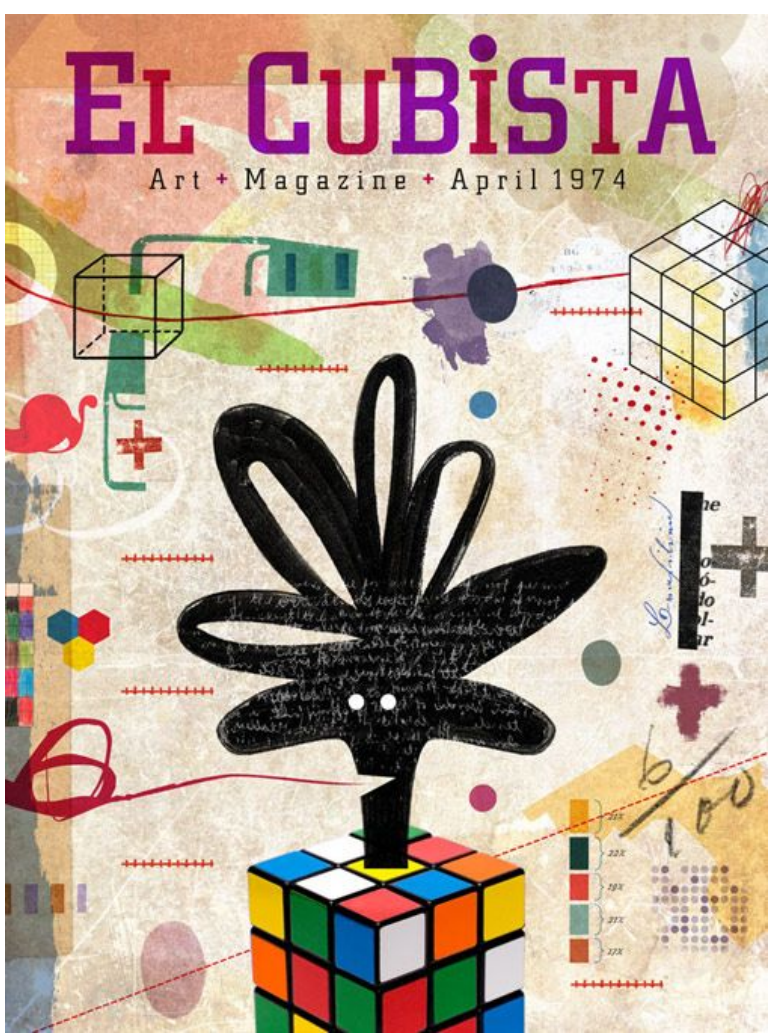
Andrés Sandoval: desenho com carimbos feito para a revista Bauwelt, Berlin, 2014.





Capas de Rico Lins – com composição impactante e exploração de fotografia, cores fortes, formas com contornos despojados e sintéticos - para a revista de cultura Bravo!, Editora Abril. Publicadas, da esquerda para a direita, em 1998 1997, 2000.





MIXED MEDIA:

Ilustrações de Walter Vasconcelos que misturam desenhos a traço a colagem manual e digital. Manchas de tinta, rabiscos, papéis velhos, fontes gráficas, fotos antigas são revisitadas em seu vocabulário gráfico.

Editor de arte da revista Ciência Hoje das Crianças, ilustrou para coluna na Revista da Cultura, e já colaborou para inúmeros jornais e revistas do Brasil e EUA. Fonte: @waltervasconcelos01



EDIÇÃO 23 • JUNHO DE 2009 • UMA PUBLICAÇÃO DA LIVRARIA CULTURA

RONALDO BRITO

NAS ESTANTES, BELAS CAPAS DE LIVROS  
DISPUTAM A ATENÇÃO DOS LEITORES

EDIÇÃO 90 • JANEIRO DE 2015 • UMA PUBLICAÇÃO DA LIVRARIA CULTURA

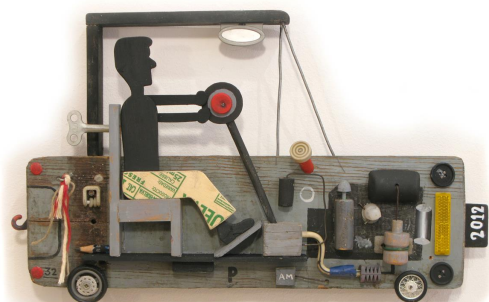
EDIÇÃO 90 • JANEIRO DE 2015

WWW.REVISTADACULTURA.COM.BR

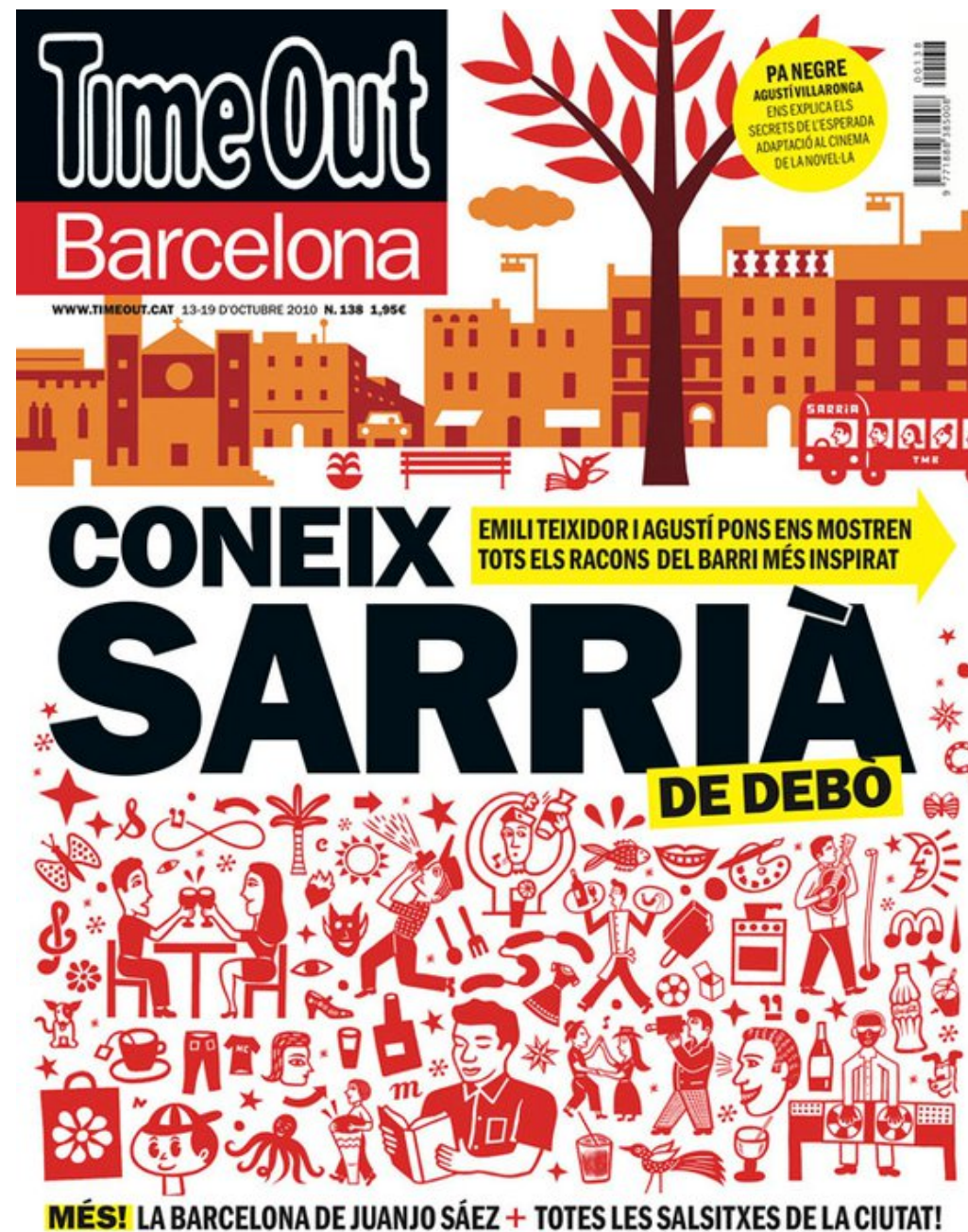
[illegible]

Capas da Revista da Cultura (direção de arte de Carol Grespan): à esquerda, ilustração de Rico Lins que explora carimbos, desenho, colagem, 2009; acima, à direita, trabalho de Flavio Morais com elementos inspirados na cultura popular, 2015.





Ilustrações também podem ser feitas com elementos tridimensionais, como nesses trabalhos do ilustrador Flavio Moraes, residente em Barcelona.  
 Fonte: rede social do artista.  
 À direita, uma capa para a revista Time Out Barcelona de 2010, em estilo inspirado em xilogravura de cordel.





# ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: ARTE & CULTURA

Processo criativo / Colagem





# EXEMPLOS DE TRABALHOS: PROCESSO CRIATIVO





# CASO 1

Trabalho realizado para o jornal Folha de S. Paulo.

Espaço: Seção Imaginação, última página do caderno cultural Ilustríssima, publicado todo domingo no jornal. A seção traz sempre um texto ou trecho de texto de um escritor, de modo geral um conto, uma ficção ou poema. Tanto o texto quanto a ilustração tendem a promover leituras mais abertas.

Formato: O designer passou um template com sugestão de diagramação, definindo o espaço de texto e de ilustração. Esta ocuparia quase toda a página do jornal aberto.

Técnica e abordagem gráfica: Livre

Resolução: Jornais costumam trabalhar com uma resolução um pouco menor do que o habitual 300 dpi: o ilustrador pode enviar em 250 dpi.

Cores: É preciso cuidado com as cores CMYC: evitar cores muito carregadas.

Prazo: 1 semana, de 1 a 7 do mês.





Arte Redação <arte@cliente.com.br>  
Para: ilustrador@ilustrador.com.br

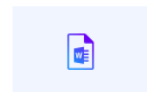
ia.com.l



ter, 5 de out de 2010 às 11:33



Caro Bueno  
Aqui vai o conto do Xerxenesky. Legal que vc topou! Vamos fazer mais coisas.  
Abração  
Cliente



conto\_folh... .doc  
27.5kB



Responder, Responder a todos ou Encaminhar

### Sequestrando Cervantes

Quando tudo começou, isto é, quando o partido ceticista subiu ao poder no Reino Unido em 2105, eu era completamente a favor dele. O plano do grupo de proibir por completo a prática religiosa me agradava. Fui criado entre uma família que nunca acreditou em Deus algum e que associava sempre a imagem do "religioso" à do fanático homem-bomba. Admito, eu votei neles logo que surgiram. Mas sou um guardião da cultura – é assim que enxergo os professores – e, se os planos que descobri forem verdadeiros, algo precisa ser feito.

O início da história não está em fatos, mas em umas piadinhas feitas num jantar em minha casa. Joseph comentou que o partido ceticista (que agora já estava há quinze anos no poder) tinha planos de alterar a obra *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. Os céticos sabotariam a biblioteca de Alonso Quijano, antes do velho decidir se tornar o cavaleiro Dom Quixote, e substituiriam os fantasiosos livros sobre aventureiros honrados, donzelas em perigo e feiticeiros malignos por... tratados científicos. Então, nessa nova versão do romance de Cervantes, as coisas seriam invertidas. Assim, Sancho Pança é quem convenceria Alonso Quijano a partir para aventuras. Na memorável cena dos moinhos de vento, Sancho diria: "Olha lá, Dom Quixote, são gigantes!", apenas para receber de resposta um muxoxo: "Que nada, Sancho, são apenas moinhos de vento. Se quiser, posso calcular a equação dos movimentos de cada pá. E meu nome não é Quixote, é Alonso Quijano." Pobre Sancho, desejo de aventuras, frustrado como a esposa de um marido impotente. De acordo com o amigo que contou a piada, o governo faria essa substituição com o objetivo de emagrecer o romance de Cervantes em 900 páginas, tornando-o infinitamente mais palatável para aluninhos com déficit de atenção.

Até aí, tudo bem, uma anedota sem graça em um jantar. Foi o acaso, porém, que me fez entrar em um café e sentar justo na mesa onde pouco antes estivera um agente do governo. O homem esquecera sua pasta digital e eu não resisti a dar uma olhada. Nela, estavam os planos do que chamaram de "alteração literária progressiva". Para meu choque, havia um subcapítulo intitulado *Dom Quixote*, que poderia muito bem se chamar *Sequestrando Cervantes*. O plano envolvia reescrever o romance (todas as edições eram virtuais) aos poucos, de modo que ninguém notasse e as memórias coletivas fossem esquecendo os detalhes.

Na versão 2.0 da obra, não se discutiria mais se Quixote era um louco, um apaixonado, um utópico ou um visionário. O engenhoso fidalgo via gigantes, ao invés de moinhos, e soldados no lugar de ovelhas, não por loucureza, e sim porque sofria de um problema de visão. Isso mesmo, Quixote era míope. Precisei repetir, de tão difícil de acreditar. Os argumentos (que seriam inseridos na obra) eram fortes. Pensem na idade dele: já era um ancião para os padrões da época. Além disso, lera demais em vida, fatigando os olhos. Os olhos não eram artefatos banais no início do século XVII tampouco, e sabemos (até pelas ilustrações) que Quixote não os utilizava. Talvez por

IMAGINAÇÃO  
PROSA, POESIA E TRADUÇÃO

## 7 Querida abóbora



NATÉRCIA PONTES  
Ilustração LIA CRALJA

ERA UMA ABÓBORA tão bonita, que a senhora Guga parou perplexa. Nem reageteou o prego com o feirante pattudo, meteu-a no saco e levou-a para casa, no colo, como se fosse um bebê. Entendeu a toalha de festas na mesa e nela depositou com carinho e admiração a abóbora mais bonita já vista.

Uma semana passou e a abóbora continuava sobre a mesa de jantar. O tom laranja começava a esmaecer e alguns pontos cinzas surgiam na superfície. A senhora Guga lustrou a abóbora com um paninho úmido, olhou-a com ternura e seguiu impassível a sua rotina (revi, cozinha, barbeiro e cama. Outra semana passou e os pontos cinzas pretejavam profundos, rajadas de vermelhos enrugavam a casca antes lisa, que murchava como o rosto triste da senhora Guga. Viam-se algumas moscas minúsculas sobrevoando a abóbora.

A senhora Guga espantou os insetos com um leque e acariciava a abóbora, como quem diz: Não se preocupe, querida, está tudo bem. Outra semana passou e um fedor tomava a casa da senhora Guga. Era uma espécie de cheiro de lixo misturado com cheiro de animal morto. Ela não ligou muito, mas comprou um perfume de lavanda para a casa, que mascarou superficialmente o odor.

Outra semana passou e um chorume sangrava da abóbora. A senhora Guga limpava ao redor do fruto e espantava as moscas com afino e dedicação. Apesar de tanto investimento, o bolor tomava conta de grande parte da abóbora e a toalha que a guardava agora estava toda sarapintada de restos putrefatos.

Outra semana passou e a abóbora figurava murcha sobre a mesa de jantar quando o filho ocupado da senhora Guga veio visitá-la.

—Mamãe, o que é isso? Por que a senhora não joga essa abóbora por fora? Mamãe, isso pode trazer doenças. Mamãe, a senhora está louca? Mamãe, vou tomar providências imediatamente! A senhora Guga consentiu calada. Sentiu-se culpada, mas não sabia o porquê. Seu filho ocupado fez uma ligação e depois de algumas frases peremptórias desligou o telefone. Duas horas depois, quando o oficial de polícia apareceu —balançando o cassete e fazendo cara de poucos amigos— e recolheu os restos da abóbora podre em um saco preto, a senhora Guga apertou bem os olhos e não entendeu bem onde estava. 4

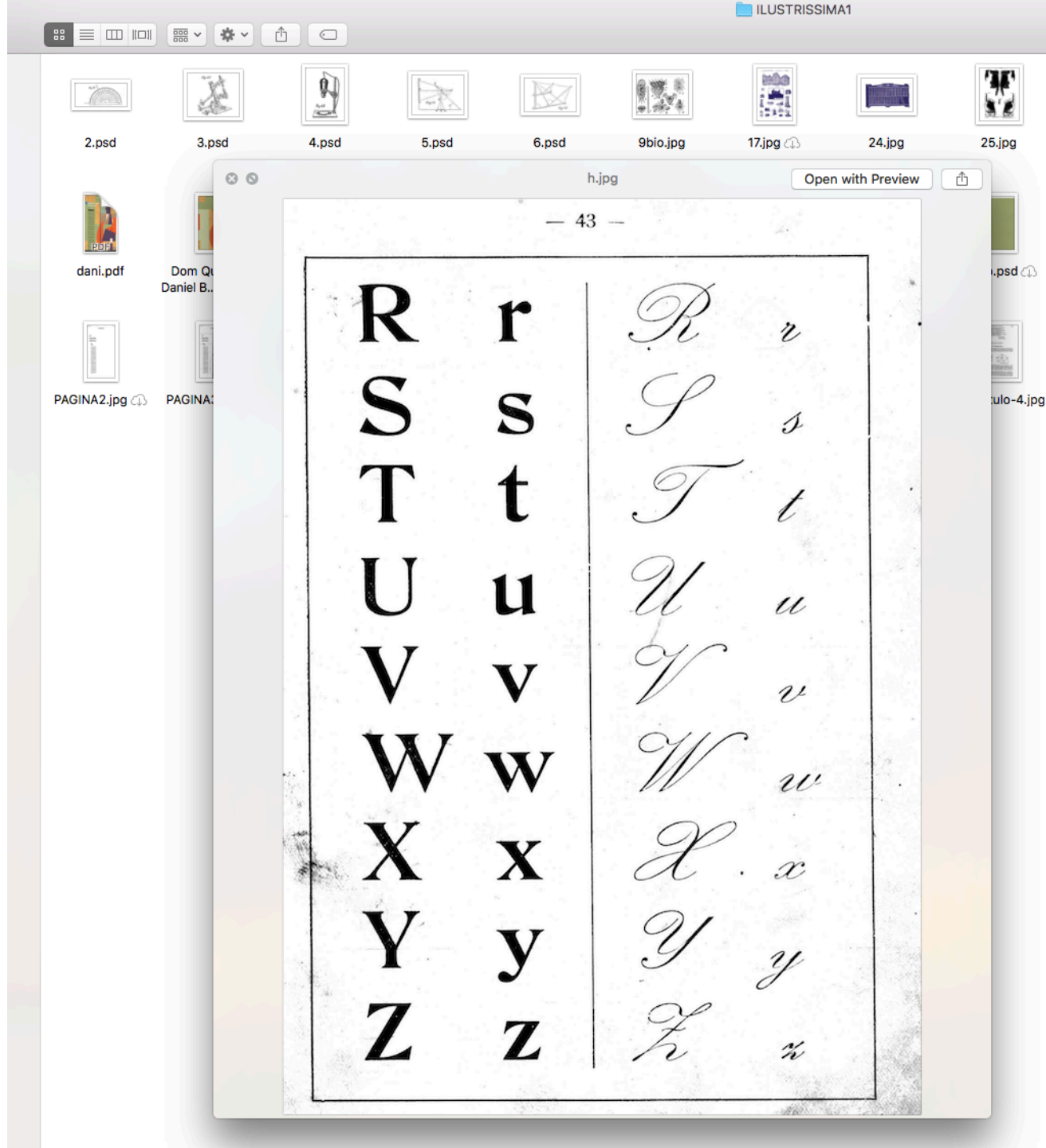
Após ter sido sondado pelo cliente no dia 1 de outubro, recebi um briefing com idéias gerais e comecei a desenvolver rascunhos. Só no dia 5 recebi o texto definitivo, enviado pelo editor, e um template (ao lado) com indicações de espaços para texto (o texto ali na imagem ainda é falso) e ilustração.

Trabalhei bastante do dia 5 ao 6, chegando numa solução bastante próxima da final.









## Biblioteca

Desde o início de minha carreira, fui acumulando elementos escaneados, que ia guardando numa pasta.

Essa imagem, por exemplo, foi tirada de uma cartilha escolar antiga de meu avô.

Trabalhei o contraste, deixei o fundo bem claro e em preto e branco pra facilitar a sobreposição na ilustração.



Segue no anexo um rascunho da ilustração pra você ter uma ideia e ver se é o caminho.

Fiz um Dom Quixote fragmentado em formas geométricas e quadrados, como se as peças estivessem sendo dispostas de um modo novo, um pouco fora de lugar. Junto dessas formas apareceriam desenhos e clichês que sugerem uma análise dos aspectos técnicos e científicos do desenho (escalas, números, etc). De um modo geral o desenho segue o esquema montado no rascunho, com formas sintéticas e poucas variações de cores/papéis. Pretendo ainda trabalhar em cima, mexer nas cores/papéis, inserir ou retirar quadrados, colocar mais clichês, adequar a composição à mancha de texto e formato, etc. Me diga se é por aí, ok?

Ah, se tiver também a mancha de texto você poderia me enviar?

bjos,

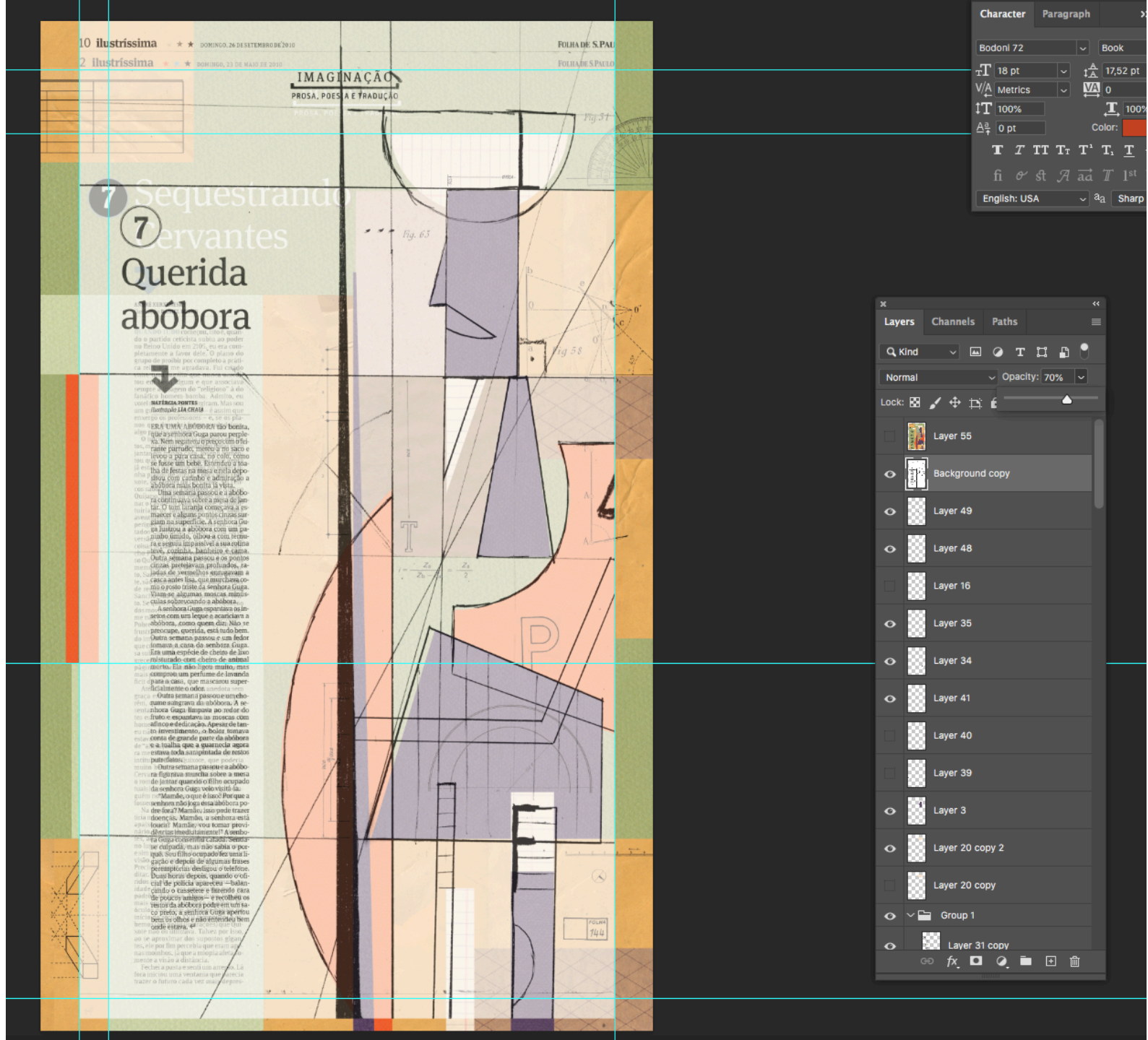
Daniel

No dia 6 enviei para a designer um “rascunho” com arte final bastante adiantada.

Esse é o texto que escrevi na mensagem com o rascunho anexado, nele explico a ideia geral.

Reparem que os clichês não foram aplicados de modo gratuito, há uma razão para o uso deles: associo esses elementos a “conhecimento técnico”.

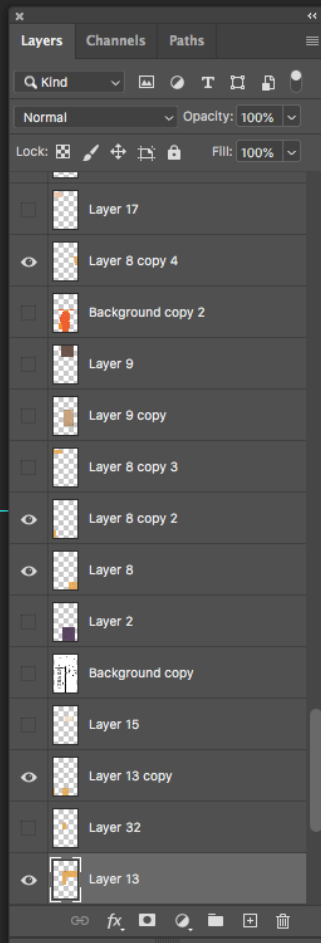
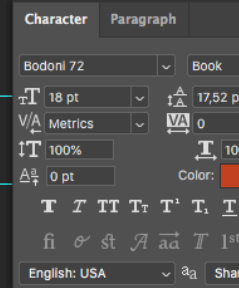




No caso, o rascunho serve de guia para o desenvolvimento da ilustração.

Apesar das diretrizes um tanto fixas do rascunho, há ainda espaço para um processo de criação intuitivo, na escolha das texturas, cores e detalhes.





A proposta traz um certo nível de abstração, mas existe a atenção à **comunicação** de determinados elementos, fundamentais para a leitura e compreensão do leitor: o rosto, capacete e barba do personagem, e a lança e escudo – a percepção deles deve ser mais clara.

Além da preocupação em deixar um espaço adequado para o texto ser inserido, estudei um papel mais claro pro fundo de modo a permitir leitura.



# CASO 2

Trabalho realizado para o jornal Folha de S. Paulo.

Espaço: Mais um trabalho para a seção Imaginação, da Ilustríssima.

Formato: O designer passou um template com sugestão de diagramação, definindo o espaço de texto e de ilustração. Esta ocuparia quase toda a página do jornal aberto.

Técnica e abordagem gráfica: Livre

Resolução: Jornais costumam trabalhar com uma resolução um pouco menor do que o habitual 300 dpi: o ilustrador pode enviar em 250 dpi.

Cores: É preciso cuidado com as cores CMYC: evitar cores muito carregadas.

Prazo: mais ou menos 1 semana, de 28 de agosto a 6 de setembro.



Recebi do cliente um texto razoavelmente longo em arquivo word.

Imediatamente chamou minha atenção a palavra “escrita” em alguns títulos.

### Quando eles iam viajar

A folhagem na casa abandonada e, ao longe, o ruído das crianças. Já não me ocupo com as cidades tristes da memória. (Não houve.) Eu sou a concha que recolhe esses ruídos. A vantagem de ter sido assassinado, a vantagem de ter ficado só – quando a voragem do sonho aos outros levou numa viagem (ainda incompreendida) – é a de que a vida, esse avesso, percorre meu “interior” sem nenhuma resistência. Não há impedimento, pois, se algo fui – além do puro alheio que congreguei em indistínções de fim e de início –, então fui uma água escorrendo noutro tempo.

### Tão triste como ele

Sonhei aquela tarde no sofá e aqueles sonhos me encheram de ânimo. De como são belas algumas cidades que sobreviveram a si mesmas! Cidades que dormem à margem e que estão suavemente excluídas do barulho dos acontecimentos. Cidades onde é possível sofrer em paz e errar por esquinas desabitadas se detendo em algum muro manchado de poente. Cidades impregnadas de ontem e de tristezas onde é possível, ainda, encontrar uma mulher estranha e solitária; mulher cujo enigma ainda não foi despedaçado e que nos põe a sonhar, a sonhar alguma dor antiga, enquanto se percorre um beco que vai dar na orla de onde se avistam “as tais ilhas perdidas”. Montevidéu: teu aroma preenche uma galáxia; as outras cidades do Ocidente são propícias apenas à febre do esquecimento. Eu vi teu adolescente de espinhas caminhar insciente debaixo da sombra das árvores do porto, eu vi teu velho diante do mar (e o mar recolhia os restos de um pobre deus disperso). Se teus filhos emigraram pros países-ricos, pros países-escândalo, teu velho permaneceu atado ao ápice da imagem, colado à lonjura do dia dourado onde a alma foi lida. Montevidéu: jamais andei no teu dentro, mas tua parte de sombra andou na minha pobreza e eu velei teus silêncios de destino delicado.

### Segredo de uma escrita i

Foi antes do caminho se bifurcar. Foi antes do teu acontecimento. Eu era um prisioneiro da distância, um inimigo do significado. Nada possuía além do ímpeto de tomar de assalto o “meu” mundo duvidoso: eu anotava tudo a fim de assegurar-me a figuração de um rosto, mas crescia sempre a suspeita de que o material narrado se forçava sobre uma terra onde jamais estive. Eu buscava algum epicentro debaixo da minha pele e, por isso, eu tinha os meus diários; eles não eram comparáveis à velhinha que abre suas caixas de memória, mas à viagem do exilado buscando residência.

### Segredo de uma escrita ii

Na amplidão de noites que jamais passavam, eu estive debruçado sobre os meus diários. Eles eram um diálogo da gota com o mar: se a gota era minha vida na fronteira do sumiço, o mar era minha autoconsciência; enorme e escandalosa. Enquanto a mão me escrevia, fabulando um rastro mitológico e inventando o ar onde eu ousasse respirar, o olho “cruel” a tudo assistia. Sua lucidez vigiou a mão-demiúrgica, conduzindo-a até o “cansaço do sentido” e o fracasso da autocriação. Foi assim que o olho preparou tua chegada (ela foi um vento de desconhecimentos) e, por um instante – consentindo –, o olho se fechou!

### Segredo de uma escrita iii

Quando eu morava no lado de fora, o ato de escrever me fingia a ilusão do dentro. Assim, durante anos, fui anotando tudo em meus diários a fim de provar que eu vivia alguma vida: banhos prolongados, masturbações infinitas, o som de jornais polpudos esparramando-se no quintal, os desenhos que eu me fazia no braço com esferográficas, as noitesadas, onde eu alcançava níveis de caos e intensidade bastante altos para minha década-cidade, as calamidades histrônicas que me levavam à consumação abrupta de litros de cachaça, a contagem de hematomas e de gânglios; tudo isso eu anotava, e essa vida anotada nos diários ardia na chama indefinida da falta de uma vida. Fazendo tudo que escrevia e escrevendo tudo que tentava fazer, eu era um bloco só, uma argamassa única de escrita e de existência.

O olho assistia à argamassa e pairava sempre a presença da dúvida, a pendência do desassossego.

Aconteceu? Comigo ou não?

#### Quando eles iam viajar

A folhagem na casa abandonada e, ao longe, o ruído das crianças. Já não me ocupo com as cidades tristes da memória. (Não houve.) Eu sou a concha que recolhe esses ruídos. A vantagem de ter sido assassinado, a vantagem de ter ficado só – quando a voragem do sonho aos outros levou numa viagem (ainda incompreendida) – é a de que a vida, esse avesso, percorre meu “interior” sem nenhuma resistência. Não há impedimento, pois, se algo fui – além do puro alheio que congreguei em indistínções de fim e de início –, então fui uma água escorrendo noutro tempo.

#### Tão triste como ele

Sonhei aquela tarde no sofá e aqueles sonhos me encheram de ânimo. De como são belas algumas cidades que sobreviveram a si mesmas! Cidades que dormem à margem e que estão suavemente excluídas do barulho dos acontecimentos. Cidades onde é possível sofrer em paz e errar por esquinas desabitadas se detendo em algum muro manchado de poente. Cidades impregnadas de ontem e de tristezas onde é possível, ainda, encontrar uma mulher estranha e solitária; mulher cujo enigma ainda não foi despedaçado e que nos põe a sonhar, a sonhar alguma dor antiga, enquanto se percorre um beco que vai dar na orla de onde se avistam “as tais ilhas perdidas”. Montevidéu: teu aroma preenche uma galáxia; as outras cidades do Ocidente são propícias apenas à febre do esquecimento. Eu vi teu adolescente de espinhas caminhar insciente debaixo da sombra das árvores do porto, eu vi teu velho diante do mar (e o mar recolhia os restos de um pobre deus disperso). Se teus filhos emigraram pros países-ricos, pros países-escândalo, teu velho permaneceu atado ao ápice da imagem, colado à lonjura do dia dourado onde a alma foi lida. Montevidéu: jamais andei no teu dentro, mas tua parte de sombra andou na minha pobreza e eu velei teus silêncios de destino delicado.

#### Segredo de uma escrita i

Foi antes do caminho se bifurcar. Foi antes do teu acontecimento. Eu era um prisioneiro da distância, um inimigo do significado. Nada possuía além do ímpeto de tomar de assalto o “meu” mundo duvidoso: eu anotava tudo a fim de assegurar-me a figuração de um rosto, mas crescia sempre a suspeita de que o material narrado se forçava sobre uma terra onde jamais estive. Eu buscava algum epicentro debaixo da minha pele e, por isso, eu tinha os meus diários; eles não eram comparáveis à velhinha que abre suas caixas de memória, mas à viagem do exilado buscando residência.

#### Segredo de uma escrita ii

Na amplidão de noites que jamais passavam, eu estive debruçado sobre os meus diários. Eles eram um diálogo da gota com o mar: se a gota era minha vida na fronteira do sumiço, o mar era minha autoconsciência; enorme e escandalosa. Enquanto a mão me escrevia, fabulando um rastro mitológico e inventando o ar onde eu ousasse respirar, o olho “cruel” a tudo assistia. Sua lucidez vigiou a mão-demiúrgica, conduzindo-a até o “cansaço do sentido” e o fracasso da autocriação. Foi assim que o olho preparou tua chegada (ela foi um vento de desconhecimentos) e, por um instante – consentindo –, o olho se fechou!

#### Segredo de uma escrita iii

Quando eu morava no lado de fora, o ato de escrever me fingia a ilusão do dentro. Assim, durante anos, fui anotando tudo em meus diários a fim de provar que eu vivia alguma vida: banhos prolongados, masturbações infinitas, o som de jornais polpudos esparramando-se no quintal, os desenhos que eu me fazia no braço com esferográficas, as noitesadas, onde eu alcançava níveis de caos e intensidade bastante altos para minha década-cidade, as calamidades histrônicas que me levavam à consumação abrupta de litros de cachaça, a contagem de hematomas e de gânglios; tudo isso eu anotava, e essa vida anotada nos diários ardia na chama indefinida da falta de uma vida. Fazendo tudo que escrevia e escrevendo tudo que tentava fazer, eu era um bloco só, uma argamassa única de escrita e de existência.

O olho assistia à argamassa e pairava sempre a presença da dúvida, a pendência do desassossego.

Aconteceu? Comigo ou não?

Final, o que entobia essa “doença” misteriosa?

Foi assim que vaguei por Trieste num verão. (Não me lembro de ainda não conhecer o grande ~~Spessa~~.)

Mergulhei no caos e entrei numa farmácia. Uma mulher muito bonita, de boca semiaberta, me atendeu.

Errei, de madrugada, pelos canais de Trieste e, quando olhei uma janela iluminada, fui raptado pelo

sopro de uma turbulência afríca. Antes do amanhecer começou a chover, e eu não pude ver a chuva

molhando a cidade sem tirar toda a minha roupa para senti-la em mim também.

Eu tinha dezennove.

Eu jamais estive em Trieste.

#### Segredo de uma escrita iv

Quando eu cheguei ao mundo nada mais tinha o benefício da chegada. A “ragosidade da vida” tinha sido esticada até a extremidade onde o jarro das horas dá lugar à eternidade da cena. Assim, ameaçada pela linha de um acaso, busquei a literatura e debrucei-me nos diários: neles eu escrevi a crina avermelhada do cavalo, e confuso espelho d’água na tormenta, a família curda fugindo na montanha, a calma no porto abandonado e o camelo deverado pela tribo. Um dia, ao apresentar a intensidade de um hino, eu disse também a pétala desgarrada, mas tudo que achei foi a ausência da flor.

#### Ápice

Porque o amor transcendeu a ilusão amorosa, eu pude ver teu rosto: ele era a solidão de uma fogueira num descampado imenso e sem contorno...

Ao testemunhar tua aparição, descobri que a proximidade, a mais intensa, se dá junto da distância mais distante.

diálogos e contrahandos

quando eles iam viajar: ~~Quero~~ (trad. N. Ascher). Harold F. Searles e D. W. Winnicott.

tão triste como ele: ~~Quero~~ Borges. O Paz e ~~Quero~~

segredo de uma escrita i: Parménides e J. Doron.

segredo de uma escrita ii: Leonardo da Vinci e ~~Quero~~.

segredo de uma escrita iii: W. Blake e M. ~~Quero~~.

segredo de uma escrita iv: Rimbaud.

https://books.google.com.br/books?id=

85RQymaMeU&pg=PA254&pg=PA254&dq=%22segredo+de+uma+escrita%22+source=books&pg=PR

HaUagP1stDkHWLQDZpgJf3&hl=pt-BR&as=XBved=0CUCQ6h0wWwVY&me=

AgN1xwIVQseQCh1rCAQ?w=onpage&q=%22segredo%20de%20uma%20escrit%22&f=false



A própria editora do caderno comentou, quando me encomendou o trabalho, que o texto era difícil, complexo.

Li, fiz anotações, trabalhei em cima e no dia 1 de setembro enviei uma mensagem com três esboços e explicações.

Escrevi dizendo que algumas coisas em chamaram a atenção no texto, como a palavra “**escrita**”, e uma menção ao **sujeito se desfazendo e se desmanchando**.



Outro trecho difícil, que achei interessante, falava em “**argamassa única de escrita e existência**”.

Na minha mensagem pro cliente explico minha intenção em fazer uma **figura esfacelada, cheia de elementos amontoados da escrita e do cotidiano**.

Como ainda não tinha a mancha de texto (a página diagramada com os espaços pra ilustração e texto), disse que depois poderia ajustar e retrabalhar a composição.”



IMAGINAÇÃO  
PROSA, POESIA E TRADIÇÃO

## No no n on o no

**RESUMO** Conta-se que ao concluir a palestra diante de um grande público, em sua maioria formada por poetas, um deles se levantou e recitou, a plenos pulmões, um poema. Quando terminou, Gombrowicz disse: "Obrigado por ilustrar esta conferência". Quando terminou, Gombrowicz disse: "Obrigado por ilustrar esta conferência". Obrigado.ou, a ple-

NO NO N O NO N ON ON  
Ilustração N O NO N O NO N ON ON

Para onde vou, de onde vim?  
Não sei se me acho ou me extravio.  
Ariadne não fia o seu fio  
à frente, mas atrás de mim.  
Não será a saída um desvio  
e o caminho o verdadeiro fim?

Não é hora de regressos  
Não é hora

É certo que me perco em sombras  
e que, isolado em minha ilha,  
já não me atingem as notícias  
dos jornais a falar de bobas,

modas, cidades que socoçam,  
crimes, imitações da vida  
ou da morte televisiva,  
quadrilhas, teias perolópicas

de homens ou de maravilhas  
que dia a dia se desfilam  
e fim sem princípio ou fim  
novíssimas novas artísticas,  
científicas, estatísticas...

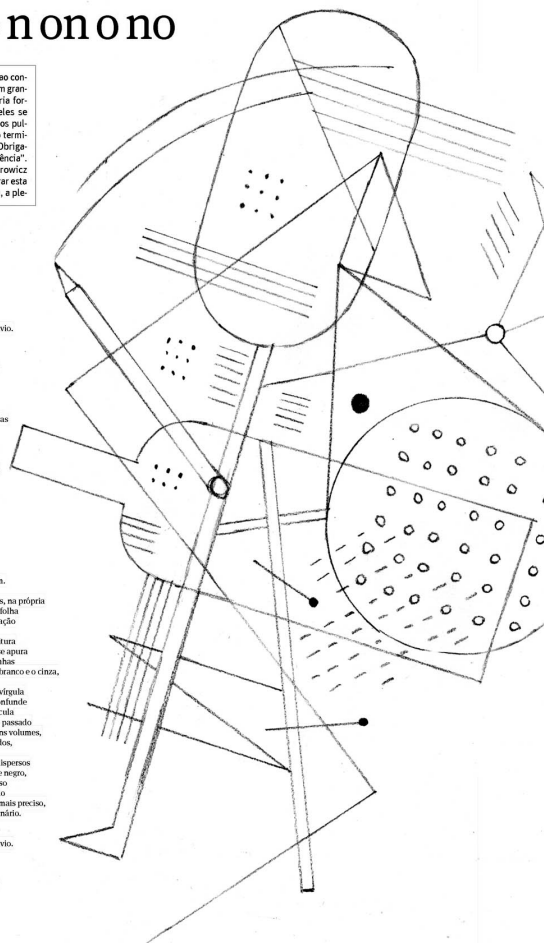
e há na noite quente um jasmim.

É aqui, mais real que as notícias, na própria  
matéria, na dobradura de uma folha  
em que se refolia este meu coração  
balístico, na configuração  
da mancha gráfica sobre a tessitura  
do papel tensionado, ou onde se agura  
o laço: fuso produzido por linhas  
e entrelinhas, entre o preto e o branco e o cinza,

onde cada idéia, cada ponto e vírgula  
dos trabalhos e das noites se confunde  
com milhares de pontos de retícula  
e meios-tons de clichês, entre o passado  
que jamais está passado e alguns volumes,  
linhas e planos apenas esboçados,

que sábio os elementos mais dispensos  
se articulam, claro-escuro filme negro,  
entre a pura matemática, o acaso  
e a arte (esta árvore já foi vestida  
de mulher) onde meu delírio é mais preciso,  
transparece o meu jornal imaginário.

Para onde vou, de onde vim?  
Não sei se me acho ou me extravio.  
Ariadne não fia o seu fio  
à frente, mas atrás de mim.  
Não será a saída um desvio  
E o caminho o verdadeiro fim?

IMAGINAÇÃO  
PROSA, POESIA E TRADIÇÃO

## No no n on o no

**RESUMO** Conta-se que ao concluir a palestra diante de um grande público, em sua maioria formada por poetas, um deles se levantou e recitou, a plenos pulmões, um poema. Quando terminou, Gombrowicz disse: "Obrigado por ilustrar esta conferência". Quando terminou, Gombrowicz disse: "Obrigado por ilustrar esta conferência". Obrigado.ou, a ple-

NO NO N O NO N ON ON  
Ilustração N O NO N O NO N ON ON

Para onde vou, de onde vim?  
Não sei se me acho ou me extravio.  
Ariadne não fia o seu fio  
à frente, mas atrás de mim.  
Não será a saída um desvio  
e o caminho o verdadeiro fim?

Não é hora de regressos  
Não é hora

É certo que me perco em sombras  
e que, isolado em minha ilha,  
já não me atingem as notícias  
dos jornais a falar de bobas,

modas, cidades que socoçam,  
crimes, imitações da vida  
ou da morte televisiva,  
quadrilhas, teias perolópicas

de homens ou de maravilhas  
que dia a dia se desfilam  
e fim sem princípio ou fim  
novíssimas novas artísticas,  
científicas, estatísticas...

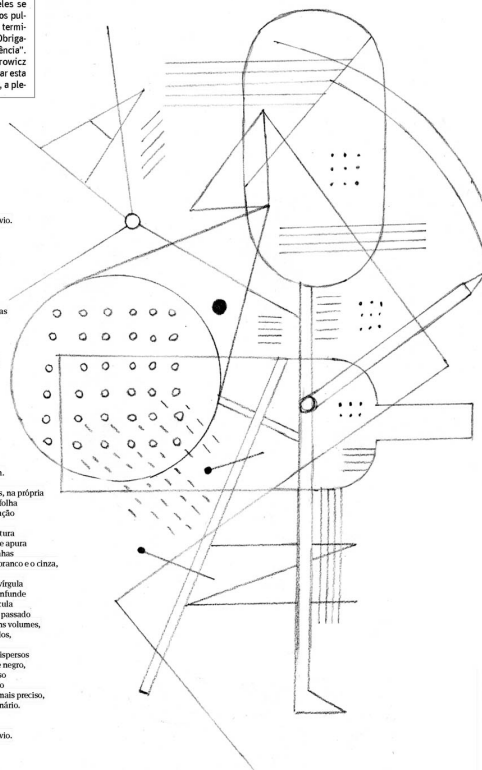
e há na noite quente um jasmim.

É aqui, mais real que as notícias, na própria  
matéria, na dobradura de uma folha  
em que se refolia este meu coração  
balístico, na configuração  
da mancha gráfica sobre a tessitura  
do papel tensionado, ou onde se agura  
o laço: fuso produzido por linhas  
e entrelinhas, entre o preto e o branco e o cinza,

onde cada idéia, cada ponto e vírgula  
dos trabalhos e das noites se confunde  
com milhares de pontos de retícula  
e meios-tons de clichês, entre o passado  
que jamais está passado e alguns volumes,  
linhas e planos apenas esboçados,

que sábio os elementos mais dispensos  
se articulam, claro-escuro filme negro,  
entre a pura matemática, o acaso  
e a arte (esta árvore já foi vestida  
de mulher) onde meu delírio é mais preciso,  
transparece o meu jornal imaginário.

Para onde vou, de onde vim?  
Não sei se me acho ou me extravio.  
Ariadne não fia o seu fio  
à frente, mas atrás de mim.  
Não será a saída um desvio  
E o caminho o verdadeiro fim?

IMAGINAÇÃO  
PROSA, POESIA E TRADIÇÃO

## No no n on o no

**RESUMO** Conta-se que ao concluir a palestra diante de um grande público, em sua maioria formada por poetas, um deles se levantou e recitou, a plenos pulmões, um poema. Quando terminou, Gombrowicz disse: "Obrigado por ilustrar esta conferência". Quando terminou, Gombrowicz disse: "Obrigado por ilustrar esta conferência". Obrigado.ou, a ple-

NO NO N O NO N ON ON  
Ilustração N O NO N O NO N ON ON

Para onde vou, de onde vim?  
Não sei se me acho ou me extravio.  
Ariadne não fia o seu fio  
à frente, mas atrás de mim.  
Não será a saída um desvio  
e o caminho o verdadeiro fim?

Não é hora de regressos  
Não é hora

É certo que me perco em sombras  
e que, isolado em minha ilha,  
já não me atingem as notícias  
dos jornais a falar de bobas,

modas, cidades que socoçam,  
crimes, imitações da vida  
ou da morte televisiva,  
quadrilhas, teias perolópicas

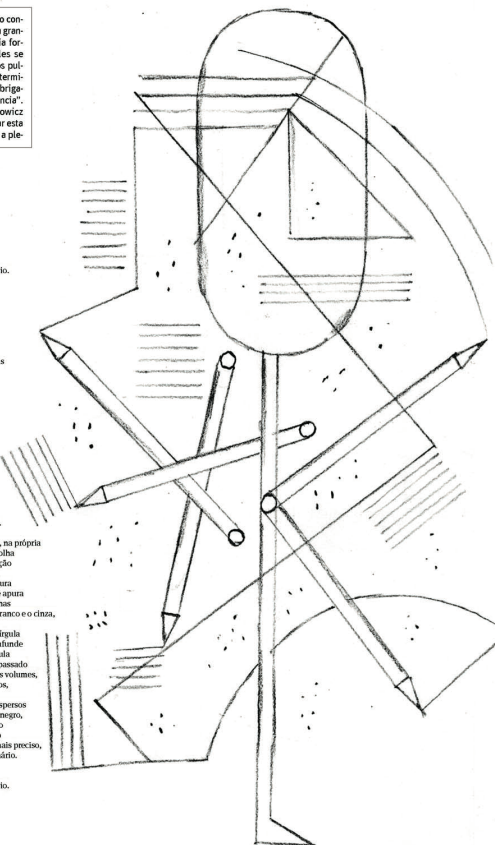
de homens ou de maravilhas  
que dia a dia se desfilam  
e fim sem princípio ou fim  
novíssimas novas artísticas,  
científicas, estatísticas...

e há na noite quente um jasmim.

É aqui, mais real que as notícias, na própria  
matéria, na dobradura de uma folha  
em que se refolia este meu coração  
balístico, na configuração  
da mancha gráfica sobre a tessitura  
do papel tensionado, ou onde se agura  
o laço: fuso produzido por linhas  
e entrelinhas, entre o preto e o branco e o cinza,

onde cada idéia, cada ponto e vírgula  
dos trabalhos e das noites se confunde  
com milhares de pontos de retícula  
e meios-tons de clichês, entre o passado  
que jamais está passado e alguns volumes,  
linhas e planos apenas esboçados,  
que sábio os elementos mais dispensos  
se articulam, claro-escuro filme negro,  
entre a pura matemática, o acaso  
e a arte (esta árvore já foi vestida  
de mulher) onde meu delírio é mais preciso,  
transparece o meu jornal imaginário.

Para onde vou, de onde vim?  
Não sei se me acho ou me extravio.  
Ariadne não fia o seu fio  
à frente, mas atrás de mim.  
Não será a saída um desvio  
E o caminho o verdadeiro fim?





## 7 Poemas e fragmentos



JULIANO GARCIA PESANHA  
desenho: DANIEL BUENO

**QUANDO ILUSIAM VIAJAR**  
A folhagem na casa abandonada, ao longe, o ruído das crianças. Já não me ocupam as coisas da tristeza memória. (Nishou ve) Eu sou a coisa que recolhe esses ruídos. A vantagem de ter sido assassinado, a vantagem de ter sido morto - quando a viagem do sonho aos outros levou numa viagem (ainda incompreendida) - é a de que a vida, esse evento, percorre meu "interior" sem nenhuma resistência. Não há impedimento, pois, se algo foi - além do puro alheio que congreguei em indústrias de fim e de início - então fui uma água escuríssima no tempo.

**TÃO TRISTE COMO ILUS**  
Sonhei aquela tarde no sofá e aqueles sonhos me chegaram de um só. De como são belas algumas cidades que sobreviveram a si mesmas! Cidades que dormem a margem e que estão novamente excluídas do barulho dos acontecimentos. Cidades onde é possível sofrer em paz e entrar por esquinas desabitadas e detendo em algum muro machado de ponto. Cidades impregnadas de ontem e de tristezas onde é possível, ainda, encontrar uma mulher estranha e solitária, mulher cujo enigma ainda não foi despedaçado e que não põe a sonhar, a sonhar alguma dor antiga, enquanto se percorre um beco que vai dar na rua de onde se avistam "as suas ruas perdidas". Montevideu, teu aroma preenche uma galáxia; as outras cidades do Ocidente são propícias apenas à febre do esquecimento. Já vi teu adolescente de espínguas caminhar incerto debaixo da sombra das árvores do porto, eu vi teu velho diante do mar (e o mar recolhia os restos de um pobre deus disposto). Se teus filhos cresceram prósperos e ricos, pros paisões escandalo, teu velho permanecerá atado ao ápice da imagem, colado à lenda do dia dozeiro onde a alma foi lida. Montevideu, jamais andei no teu dentro, mas tua parte de sombra andou na minha pobreza e eu vi tua silênciosa de destino delicado.

**SEGREDO DE UMA ESCRITA I**  
Foi antes do caminho se bifurcar. Foi antes do seu acontecimento. Já era um prisioneiro da distância, um inimigo do significado. Nada possuía além do impulso de tomar de assalto o "meu" mundo: dividido: eu anotava tudo a fim de anotar-me a figuração de um rosto, mas crescia sempre a suspeita de que o material narrado se forçava sobre uma terra onde mais entre. Já buscava algum epicentro debaixo da minha pele e, por fim, eu tinha os meus diários, eles não eram compatriotas à velhice que abre suas caixas de memória, mas à viagem do estudo buscando residência.

**SEGREDO DE UMA ESCRITA II**  
Na amplitude de noites que já não passavam, eu estive debruçado sobre os meus diários. Eles eram um diálogo da gota com o mar: se a gota era minha vida na fronteira do sumiço, o mar era minha autoconsciência, enorme e escandalosa. Enquanto a mão me escrevia, falhando um rastro mudo lógico e inventando o ar onde eu onanase respirar, o olho "cruel" atado ao meu, via o lado vago a mão-demiúrgica, conduzindo-a até o "canção do sentido" e o faccioso da autoria. Foi assim que o olho preparou tua chegada (ela foi um vento de desconhecimento) e, por um instante - consentindo -, o olho se fechou!

**SEGREDO DE UMA ESCRITA III**  
Quando eu morava no lado de fora, o alado escrever me fugia a ilusão do dentro. Assim, durante anos, fui anotando tudo em meus diários: fim de provar que eu via alguma vida: banhos prolongados, masturbações infinitas, o som de jarras polpudas espumando-se no quintal, os desenhos que eu me fazia no braço com esferográficas, as noites, onde eu alcançava níveis de caos e intensidade bastante altos para minha delicadeza, as calamidades históricas que me levavam à consumação abrupta de litros de cachaca, a contagem de hematomas e de gongolos, tudo isso eu anotava, e essa vida anotada nos diários ainda na chama indelével da falta de uma vida. Fazendo tudo que escrevia e escrevendo tudo que tentava fazer, eu era um bloco só, uma argamassa única de escrita e de existência. O olho assistia à argamassa e passava sempre a presença da vida, a pendência do desano seguinte. Aconteceu? Conigo ou não? Afinal, o que escrevia com "doença" misteriosa? Foi assim que viajei por Trieste num verão. (Não me lembro de ainda não conhecer o grande Sivo.) Mergulhei no cas e entrei numa família. Uma mulher muito bonita, de boca semiaberta, me atendeu. Erei, de madrugada, pelos canais de Trieste, quando olhei uma janela iluminada, fui raptado pelo sopor de uma turbulência onírica. Antes do amanhecer começou a chover, e eu não pude ver a chuva molhando a cidade sem tirar toda a minha roupa para senti-la em mim também. Eu tinha dezesseis. Eu jamais entive Trieste.

**SEGREDO DE UMA ESCRITA IV**  
Quando eu cheguei ao mundo nada mais tinha o benefício da chegada. A "vagabundagem da vida" tinha sido esticada até a extremidade onde o puro da hora não há a eternidade da cena. Assim, amonçado pela linha de um oco, busquei a literatura e destruí os meus diários: neles eu escrevi a crônica avermelhada do cavalo, o confuso espelho d'água tormenta, a família cardal agindo na monarquia, a calma no porto abandonado e o camelo devorado pela tribo. Unido, ao presente a intensidade de um hino, eu disse também a pétala desgarrada, mas tudo que achei foi a ausência da flor.

**APÍCE**  
Porque o amor transcende a ilusão amorosa, eu pude ver teu rosto ele era a solidão de uma fogueira num descampado imenso e sem contorno. Ao testemunhar tua aparição, descobri que a proximidade, a mais íntima, se dá junto da distância mais distante.

SOBRE O TEXTO: Os trechos aqui publicados foram extraídos de "Testemunho Transiente". O livro, a sair pela Conac Nelly em 17 de setembro, se articula entre diversos gêneros - ensaio, poesia e ficção.



A editora e a designer gostaram desse rascunho com a garrafa e enviaram a página com o texto final e esboço aplicado (ao lado). Reparem que há bastante texto, duas colunas verticais.

Depois disso, fiz versões mais finalizadas levando em consideração esses dois blocos de texto. Testei a imagem com fundo texturizado e fundo branco. O cliente preferiu o fundo texturizado.







OBSERVAÇÃO: Nem sempre é possível compreender 100% o que está escrito num texto que devemos ilustrar.

Num trabalho, por vezes, temos que lidar com temas e conteúdo que desconhecemos.

É claro que é importante tentar entender tudo ao máximo – e vale dizer, gostar de ler ajuda.

Nessas situações, uma saída é explorar algo que conseguimos entender: pode ser um detalhe ou um aspecto geral.



UMA DICA: Ao ilustrar um texto, você não deve se preocupar em falar, comentar e explicar TUDO o que está no texto.

Vale anotar palavras e aspectos importantes, e procurar selecionar UM PONTO DE PARTIDA.

A partir desse ponto de partida, o ilustrador pode desenvolver sua imagem e, inclusive, trazer elementos novos que enriquecem o conjunto da obra, o texto + ilustração.

Apenas repetir de modo excessivamente óbvio o que está no texto, ou seja, ser redundante, não gera boas ilustrações.



REPERTÓRIO E PESQUISA: Quando peguei esse trabalho e li esse conteúdo difícil, lembrei de um artista italiano - que fez importantes obras no começo do século passado - chamado De Chirico.

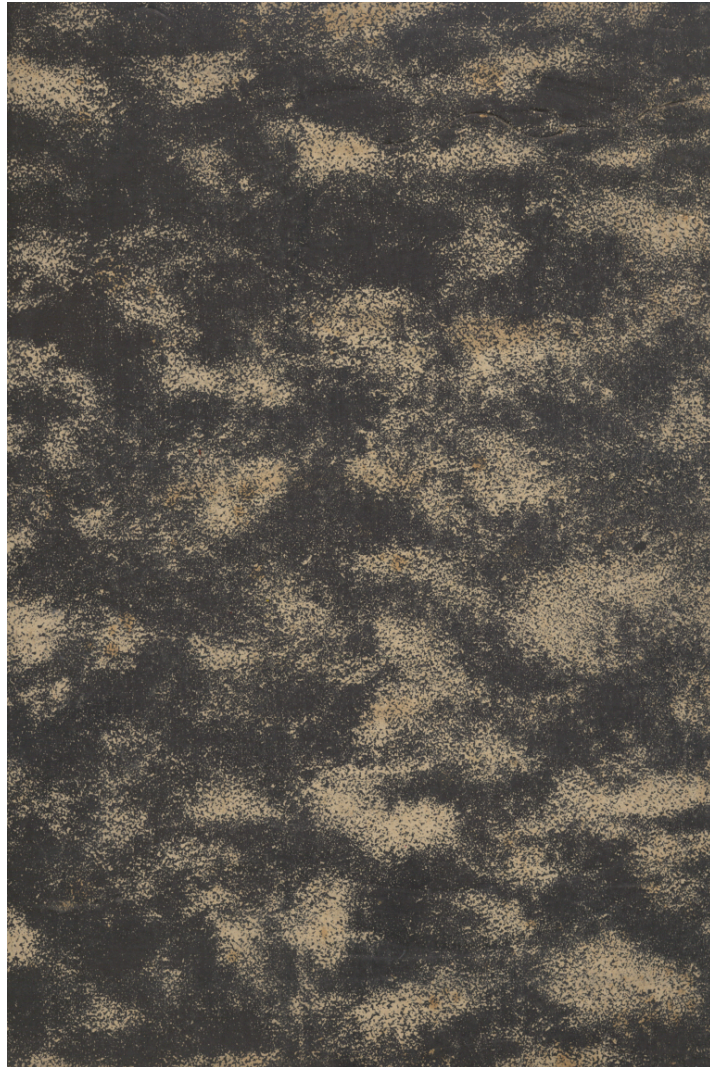
Seu trabalho, bastante metafísico e que aborda a alienação do ser humano, explora objetos muitas vezes amontoados que se apresentam destituídos de sua função habitual.

De algum modo De Chirico me inspirou, mas busquei fazer algo bastante diferente.

Comento isso pra enfatizar a importância de ter referências e ir, aos poucos, desenvolvendo um repertório capaz de enriquecer nosso trabalho.



# COLAGEM: DICAS



É comum o artista com pouca prática gastar um tempo enorme procurando um determinado elemento (que pretende aplicar na colagem) em revistas. Por exemplo, ele quer encontrar um rosto e não acha nada satisfatório no material que tem à disposição.

É importante ter consciência de que a colagem é um terreno de grande liberdade: o artista pode, por exemplo, criar um rosto recortando silhuetas de uma página colorida, ou de uma folha com uma textura. Esse recurso pode agilizar bastante o trabalho do ilustrador.

Na ilustração ao lado, foi recortada uma silhueta que lembra rostos e sugere o vapor que sai da xícara. Trabalho de Daniel Bueno publicado na revista Continente Multicultural.





Quando encontramos um rosto para ser usado numa colagem, não necessariamente precisamos recortar ele direitinho, acompanhando todo seu contorno: podemos inventar um novo contorno e formato para ele.

No caso dessa ilustração, o rosto de cada uma das figuras ao lado foi recortado num formato semi-circular ou oval. Parte do rosto original ficou de fora, o que ajuda a disfarçar a procedência das imagens numa colagem. E lembre-se: as formas podem ser muito variadas, e a ousadia é bem-vinda em trabalhos com colagem.

Ilustração de Daniel Bueno para o site Vitriuius. Fotos: publicadas na Vanity Fair, anos 1930-40.





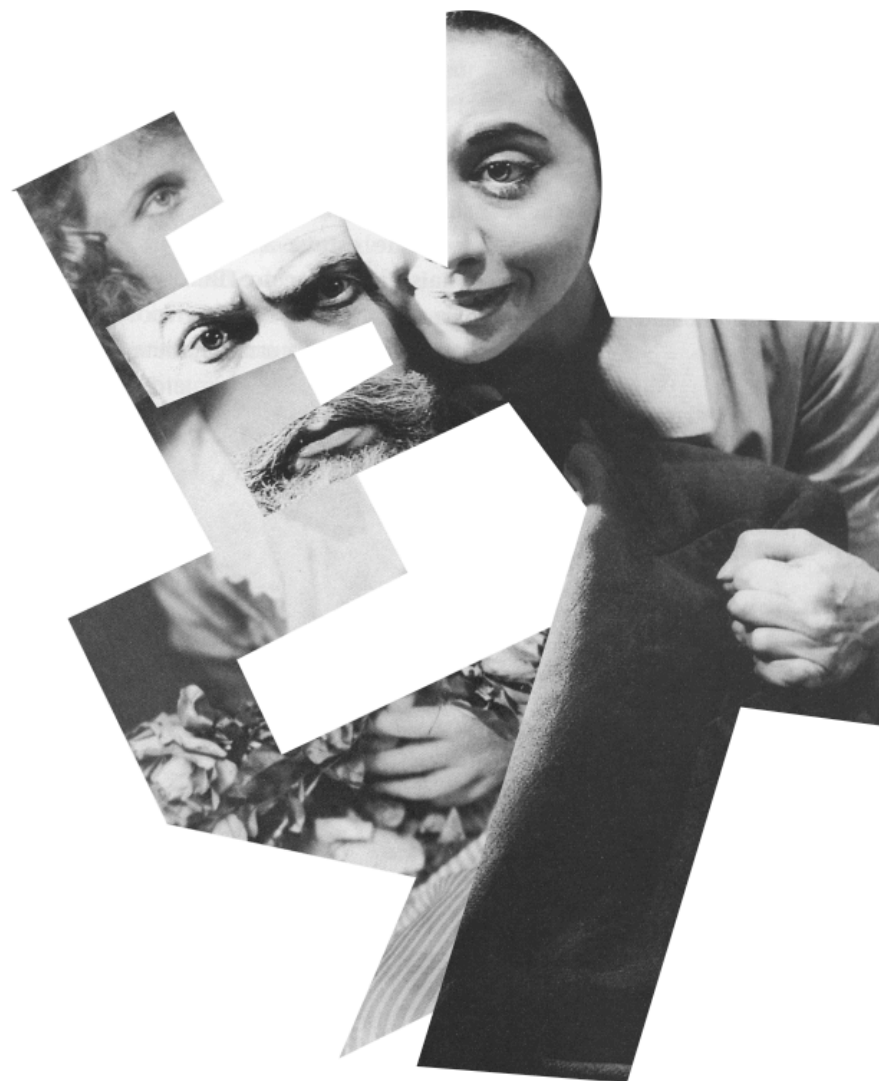
Não existe muito o “jeito certo” na colagem. Mas é preciso ter consciência das suas inúmeras possibilidades.

É muito comum em oficinas o pessoal ter fotos à disposição e recortar imagens grandes e blocadas, colando e criando composições com figurinhas, sem muita elaboração. Mais uma vez, vale dizer: isso não é necessariamente errado, tudo vai depender do contexto e da intenção do ilustrador.

Mas boa parte do que é criado com colagem vai além disso. As colagens podem ser feitas, por exemplo, com recortes de **contornos inusitados** e **justaposição de fragmentos**, como veremos a seguir.







Reparem como é possível ousar e recortar pedaços das imagens sem sequer seguir as linhas de contorno. Depois, ainda dá pra sobrepor e conectar os fragmentos. Esse é apenas um exemplo rápido do procedimento, as possibilidades são inúmeras.





Aqui nesse caso fragmentos são recortados e depois empregados numa nova composição. Observem como até o fundo da imagem pode ser utilizado: no caso, os elementos escuros que definem rosto, pescoço e nariz dos personagens foram criados com o recorte livre das texturas de fundo.





Os trabalhos da artista **Hannah Höch** são verdadeiras aulas de colagem. Criados há muito tempo atrás, ainda influenciam ilustradores contemporâneos e funcionariam bem em publicações atuais. Observem a liberdade no recorte dos contornos e a mistura e sobreposição inusitada de elementos. Esses trabalhos mostram como é enorme o leque de possibilidades: ao invés de recortar simplesmente um rosto inteiro, existe a opção de mesclar fragmentos de rostos diferentes (e mesmo de uma máscara!), brincando com escalas diferentes, etc. Detalhe da colagem “Fashion Show”, 1925-1935.





Hannah Höch (1889 – 1978)

Artista alemã, foi uma das mais importantes representantes do movimento dadaísta e precursora da fotomontagem. Apropriava e recombinava imagens e textos da cultura de massas para criticar a cultura da época, a República de Weimar e a condição da mulher na sociedade.

Hannah passou os anos do Terceiro Reich na Alemanha, tentando permanecer quieta e no plano de fundo. Foi incluída na lista dos “artistas degenerados” e só em 1946 pode expor novamente em seu país. Desafiou as representações das mulheres, levantando questões sobre sexualidade e gênero. Acima, trabalho de 1946. Ao lado, retrato da artista quando jovem.





Nesse outro trabalho de Hannah Höch, da década de 1930, reparem como os elementos – pernas, busto, cabeça – não precisam necessariamente ser proporcionais ou ter a mesma cor e textura.

Tais misturas causam estranhamento – no bom sentido. Instigam o observador, provocam sua percepção e imaginação.

É bacana ver também como a artista é cuidadosa na escolha das texturas de fundo, leves para permitir uma boa leitura das figuras principais. As texturas do fundo enriquecem a cena, cada detalhe conta muito.

Hannah Höch: “Liebe” (Love), 1931.